

BOLETIM

CASA RURAL

AGRICULTURA



Resultados da Safra 634/2025

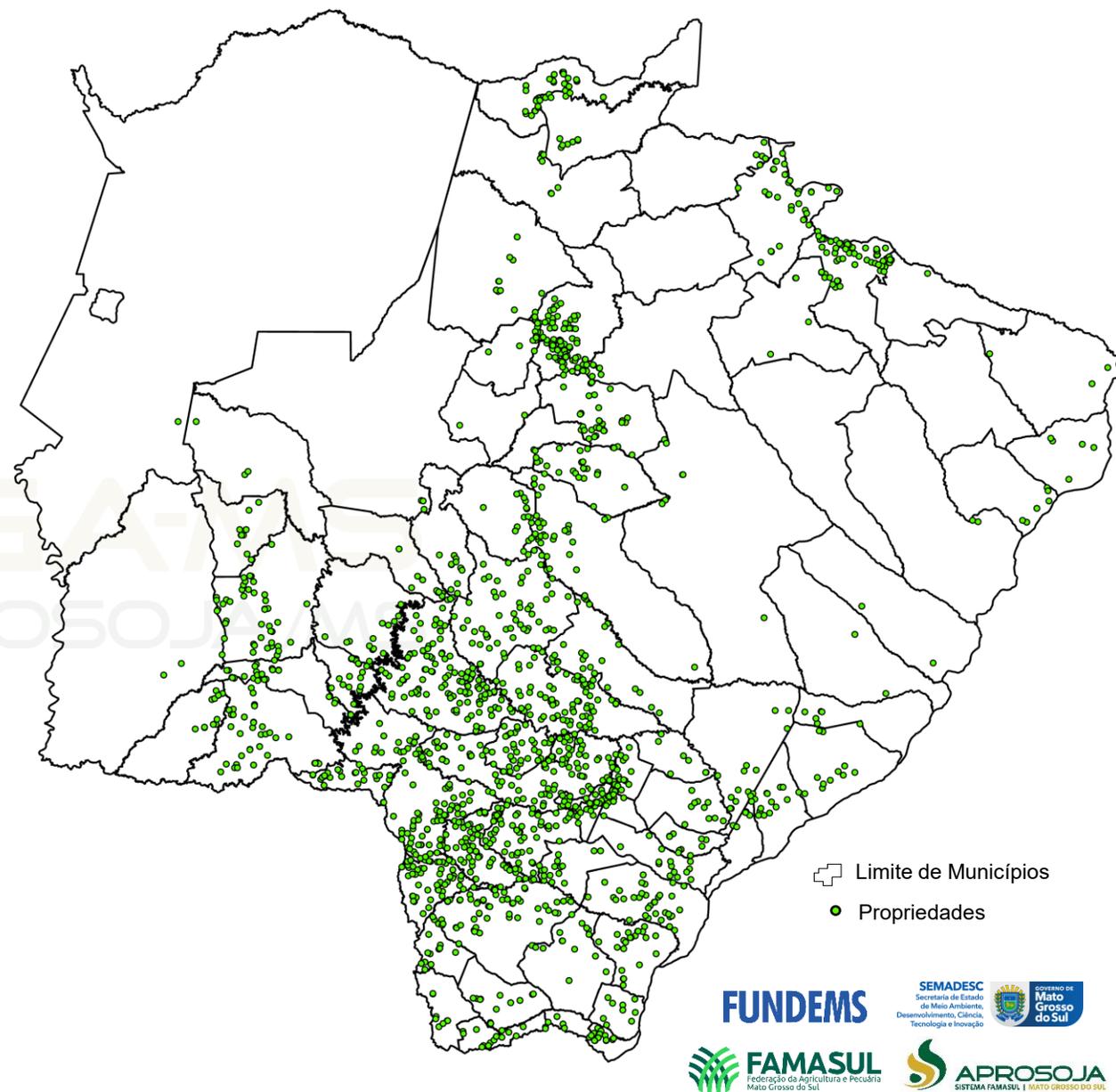
Produtividade

Milho 2ª Safra 2024/2025

Ao longo da 2ª safra de milho 2024/2025, entre os meses de fevereiro e outubro, a equipe de campo do Projeto de Sistemas de Informações Geográficas do Agronegócio de MS – (SIGA-MS) da Associação dos Produtores de Soja de Mato Grosso do Sul – APROSOJA-MS coletou amostras em campo e realizou entrevistas junto aos produtores, Sindicatos Rurais e empresas de Assistências Técnica.

Para a coleta de dados, foram visitadas propriedades nos principais municípios produtores do estado e levantadas informações como variedades plantadas, data de semeadura, área cultivada, unidades de armazenamento de grãos, incidência de plantas daninhas, pragas, doenças, precipitação e situação geral das lavouras. Para o acompanhamento do pré-plantio, plantio, desenvolvimento e colheita foram realizadas **2.018 visitas** (Figura 01). Vale ressaltar que algumas destas propriedades foram visitadas mais de uma vez no decorrer da safra.

Figura 01 – Todas propriedades visitadas



A metodologia de produtividade do projeto SIGA/MS é baseada em uma coleta de dados de campo, na qual os técnicos avaliam todos os parâmetros técnicos em caráter amostral. A média de plantas por linha, média de sementes por planta, perdas e peso de mil grãos são avaliados e ajustes são feitos com base na umidade do grão, que influencia diretamente na produtividade por hectare. Em caráter definitivo, a produtividade informada pelo produtor sobre a área total é levada sempre em consideração. Devido à avaliação amostral não permitir se estender a toda propriedade, esse dado é valioso e considerado para este levantamento, no qual traz a certeza do que é produzido nas propriedades produtoras de grãos do estado de Mato Grosso do Sul.

Posteriormente, os dados de produtividade passam por ponderação, levando em consideração a área plantada de cada propriedade. Cada propriedade e sua área representam um percentual da produtividade do município. Além disso, a área plantada de cada município contribui para a produtividade total do estado do Mato Grosso do Sul. Esse processo garante que as propriedades e os municípios com áreas maiores tenham um impacto proporcionalmente maior na produtividade média final do município e do estado.

Além disso, é realizado um mapeamento detalhado da cobertura do solo no estado de Mato Grosso do Sul para identificar a extensão das principais culturas. O levantamento inclui o registro das coordenadas geográficas e é conduzido por uma equipe técnica que percorre extensas áreas, gerando milhares de quilômetros e pontos de GPS. Após a realização deste levantamento, ele é corroborado com imagens de satélite para finalizar o trabalho de sensoriamento remoto, resultando na determinação da área plantada no estado.

Figura 02 – Todas as propriedades com produtividade amostrada

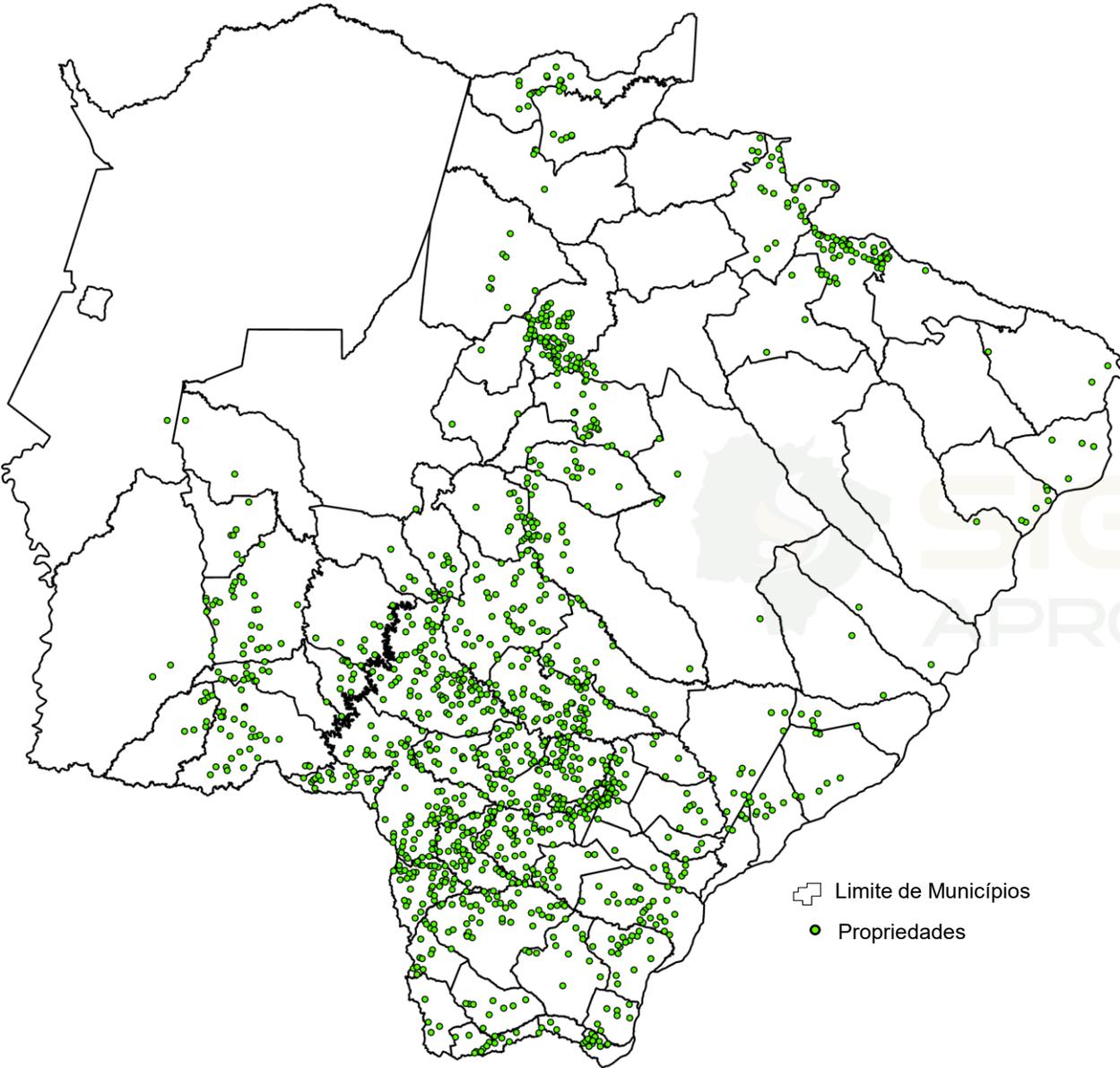


Figura 03 – Levantamento de dados do uso e ocupação do solo



Fonte: Aprosoja/MS - SIGA/MS Elaboração: Aprosoja/MS e Sistema Famasul

Produção

O levantamento da produtividade da foi realizado entre os dias 08 de maio e 23 de outubro de 2025, completando 24 semanas de acompanhamento, que permitiu obter uma amostragem significativa de 1.316 propriedades, em 1,218 milhão de hectares, tendo em vista os diferentes níveis de produtividade relacionados à época de plantio.

Portanto, a área de milho na 2ª safra 2024/2025 em Mato Grosso do Sul atingiu **2.141.852,02 hectares**, com uma produtividade média ponderada de **108,42 sacas por hectare (sc/ha)**. As médias ponderadas de produtividade por região foram as seguintes: **152,23 sc/ha** na região norte, que representa aproximadamente 11,0% da área monitorada pelo projeto; **106,65 sc/ha** na região central, que corresponde a cerca de 20,6% da área acompanhada pelo SIGA-MS; e **101,92 sc/ha** na região sul, que abrange aproximadamente 68,4% da área total de cultivo.

A produção total de milho em Mato Grosso do Sul alcançou a marca de **13.933.053,81 toneladas na 2ª safra 2024/2025**. A Tabela 01 demonstra os resultados de produtividade média em sc/ha e kg/ha, a área plantada em hectare e a produção em toneladas por município.

Tabela 01 – Produtividade, Área e Produção de Mato Grosso do Sul

Município	Produtividade		Área Hectares	Produção Toneladas
	sc/ha	Kg/ha		
Alcinópolis	173,79	10.427,40	7.741,03	80.718,80
Amambai	71,52	4.291,20	50.910,34	218.466,47
Anastácio	81,18	4.870,80	11.253,41	54.813,10
Anaurilândia	97,87	5.872,20	8.992,53	52.805,94
Angélica	101,53	6.091,80	7.561,03	46.060,29
Antônio João	96,77	5.806,20	25.209,77	146.372,95
Aparecida do Taboado	122,97	7.378,20	383,14	2.826,89
Aquidauana	49,50	2.970,00	46,28	137,44
Aral Moreira	112,95	6.777,00	80.509,20	545.610,88
Bandeirantes	117,06	7.023,60	19.742,48	138.663,31
Bataquassu	79,98	4.798,80	4.844,93	23.249,87
Batayporã	98,00	5.880,00	11.679,52	68.675,55
Bela Vista	99,43	5.965,80	25.952,01	154.824,53
Bodoquena	85,21	5.112,60	5.858,50	29.952,18
Bonito	97,01	5.820,60	41.292,27	240.345,77
Brasilândia	145,83	8.749,80	234,56	2.052,38
Caarapó	100,26	6.015,60	92.529,93	556.623,03
Camapuã	116,50	6.990,00	5.174,13	36.167,18
Campo Grande	101,25	6.075,00	35.377,49	214.918,24
Caracol	85,88	5.152,80	6.689,74	34.470,91
Cassilândia	144,17	8.650,20	2.993,93	25.898,08
Chapadão do Sul	167,08	10.024,80	42.384,90	424.900,10
Corquinho	92,86	5.571,60	733,20	4.085,09
Coronel Sapucaia	78,98	4.738,80	8.628,02	40.886,47
Corumbá	98,20	5.892,00	801,91	4.724,84
Costa Rica	163,38	9.802,80	43.762,01	428.990,22
Coxim	112,65	6.759,00	7.576,74	51.211,15
Deodápolis	91,31	5.478,60	10.761,03	58.955,40
Dois Irmãos do Buriti	99,19	5.951,40	10.841,04	64.519,39
Douradina	115,62	6.937,20	13.976,31	96.956,44
Dourados	105,64	6.338,40	175.617,49	1.113.133,89
Eldorado	79,66	4.779,60	6.948,32	33.210,18
Fátima do Sul	106,94	6.416,40	11.791,41	75.658,37
Glória de Dourados	72,74	4.364,40	3.550,04	15.493,82
Guia Lopes da Laguna	100,03	6.001,80	18.889,09	113.368,56
Iguatemi	52,30	3.138,00	16.287,88	51.111,38
Itaporã	110,14	6.608,40	80.321,40	530.795,93

Produção

Itaquiraí	92,68	5.560,80	27.440,06	152.588,67
Ivinhema	99,17	5.950,20	10.375,47	61.736,15
Japorã	90,25	5.415,00	995,45	5.390,35
Jaraguari	97,57	5.854,20	10.677,76	62.509,75
Jardim	107,01	6.420,60	13.699,46	87.958,77
Jateí	95,86	5.751,60	16.381,01	94.217,03
Juti	76,03	4.561,80	15.697,99	71.611,08
Laguna Carapã	99,54	5.972,40	76.457,21	456.633,06
Maracaju	115,05	6.903,00	267.441,36	1.846.147,73
Miranda	98,10	5.886,00	1.780,83	10.481,99
Mundo Novo	56,90	3.414,00	3.094,93	10.566,08
Naviraí	96,72	5.803,20	63.973,91	371.253,37
Nioaque	78,71	4.722,60	14.540,00	68.666,60
Nova Alvorada do Sul	98,70	5.922,00	39.099,57	231.547,64
Nova Andradina	86,19	5.171,40	13.331,57	68.942,90
Novo Horizonte do Sul	99,17	5.950,20	5.701,42	33.924,60
Paraíso das Águas	146,60	8.796,00	5.071,40	44.608,05
Paranaíba	131,81	7.908,60	1.072,85	8.484,71
Paranhos	73,61	4.416,60	7.553,91	33.362,60
Pedro Gomes	128,42	7.705,20	5.303,87	40.867,38
Ponta Porã	106,71	6.402,60	177.197,05	1.134.521,85
Porto Murtinho	74,58	4.474,80	3.979,95	17.809,49
Ribas do Rio Pardo	118,48	7.108,80	3.731,95	26.529,66
Rio Brillhante	110,42	6.625,20	109.364,27	724.560,17
Rio Negro	128,60	7.716,00	3.338,65	25.761,01
Rio Verde de Mato Grosso	98,32	5.899,20	5.409,51	31.911,77
Rochedo	59,81	3.588,60	464,51	1.666,94
Santa Rita do Pardo	113,61	6.816,60	857,56	5.845,63
São Gabriel do Oeste	157,07	9.424,20	82.011,61	772.893,79
Selvíria	129,57	7.774,20	707,47	5.500,04
Sete Quedas	87,19	5.231,40	19.552,06	102.284,64
Sidrolândia	108,58	6.514,80	180.994,41	1.179.142,39
Sonora	125,70	7.542,00	25.230,75	190.290,28
Tacuru	67,05	4.023,00	8.015,28	32.245,48
Taquarussu	85,98	5.158,80	2.591,01	13.366,50
Terenos	100,12	6.007,20	15.207,67	91.355,50
Três Lagoas	113,50	6.810,00	183,90	1.252,37
Vicentina	100,30	6.018,00	5.477,37	32.962,80
Resultado Ponderado	108,42	6.505,14	2.141.852,02	13.933.053,8

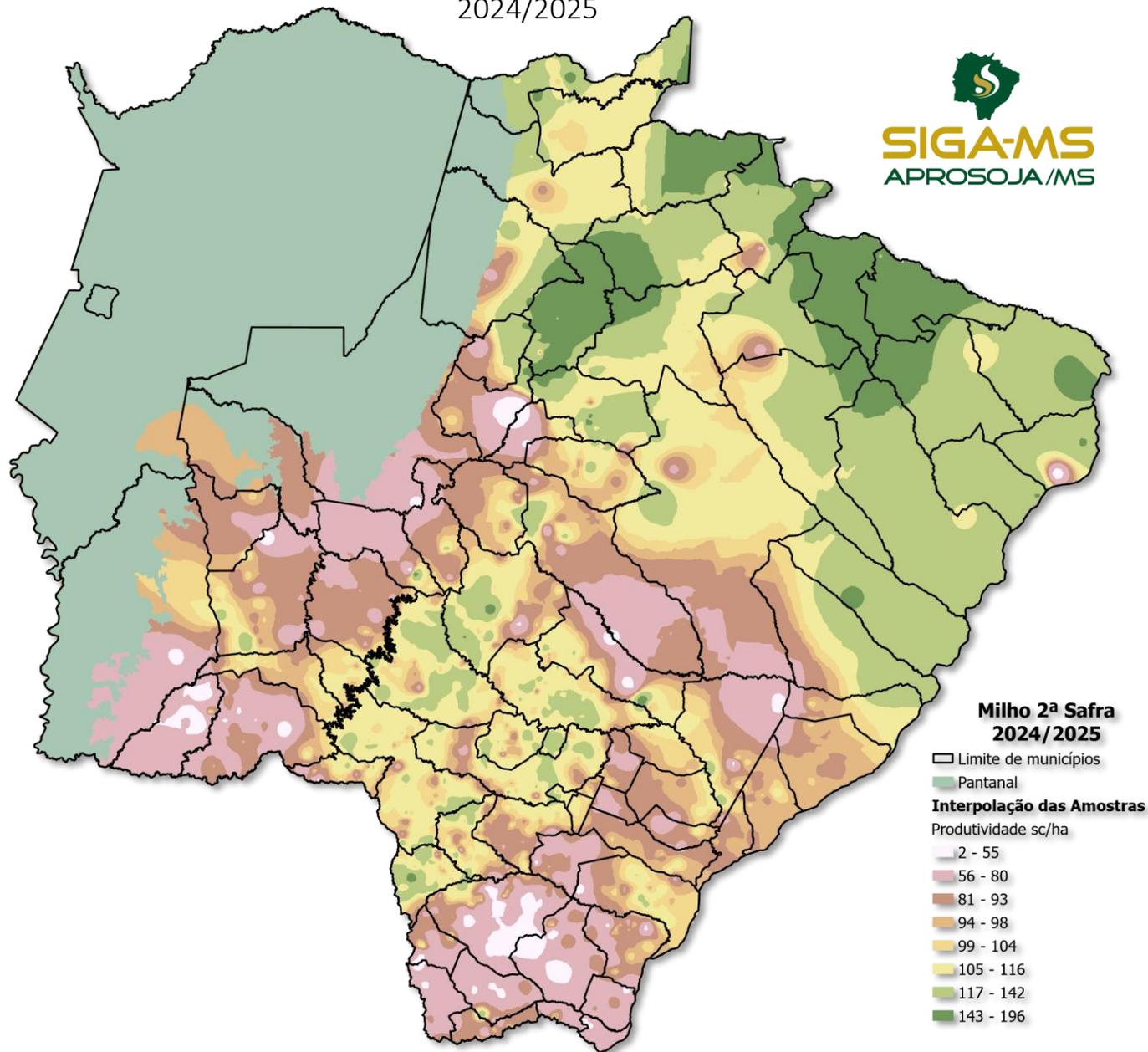
Tabela 02 – Ranking dos Municípios

Município	Produtividade (sc/ha)			
Alcinópolis	173,8	Acima da Média	Dois Irmãos do Buriti	99,2
Chapadão do Sul	167,1		Ivinhema	99,2
Costa Rica	163,4		Novo Horizonte do Sul	99,2
São Gabriel do Oeste	157,1		Nova Alvorada do Sul	98,7
Paraíso das Águas	146,6		Rio Verde de Mato Grosso	98,3
Brasilândia	145,8		Corumbá	98,2
Cassilândia	144,2		Miranda	98,1
Paranaíba	131,8		Batayporã	98,0
Selvíria	129,6		Anaurilândia	97,9
Rio Negro	128,6		Jaraguari	97,6
Pedro Gomes	128,4		Bonito	97,0
Sonora	125,7		Antônio João	96,8
Aparecida do Taboado	123,0		Naviraí	96,7
Ribas do Rio Pardo	118,5		Jateí	95,9
Bandeirantes	117,1		Corguinho	92,9
Camapuã	116,5		Itaquiraí	92,7
Douradina	115,6		Deodápolis	91,3
Maracaju	115,1		Japorã	90,3
Santa Rita do Pardo	113,6		Sete Quedas	87,2
Três Lagoas	113,5		Nova Andradina	86,2
Aral Moreira	113,0	Taquarussu	86,0	
Coxim	112,7	Caracol	85,9	
Rio Brillhante	110,4	Bodoquena	85,2	
Itaporã	110,1	Anastácio	81,2	
Sidrolândia	108,6	Bataguassu	80,0	
Jardim	107,0	Eldorado	79,7	
Fátima do Sul	106,9	Coronel Sapucaia	79,0	
Ponta Porã	106,7	Nioaque	78,7	
Dourados	105,6	Juti	76,0	
Angélica	101,5	Porto Murtinho	74,6	
Campo Grande	101,3	Paranhos	73,6	
Vicentina	100,3	Glória de Dourados	72,7	
Caarapó	100,3	Amambai	71,5	
Terenos	100,1	Tacuru	67,1	
Guia Lopes da Laguna	100,0	Rochedo	59,8	
Laguna Carapã	99,5	Mundo Novo	56,9	
Bela Vista	99,4	Iguatemi	52,3	
		Aquidauana	49,5	

Abaixo da Média

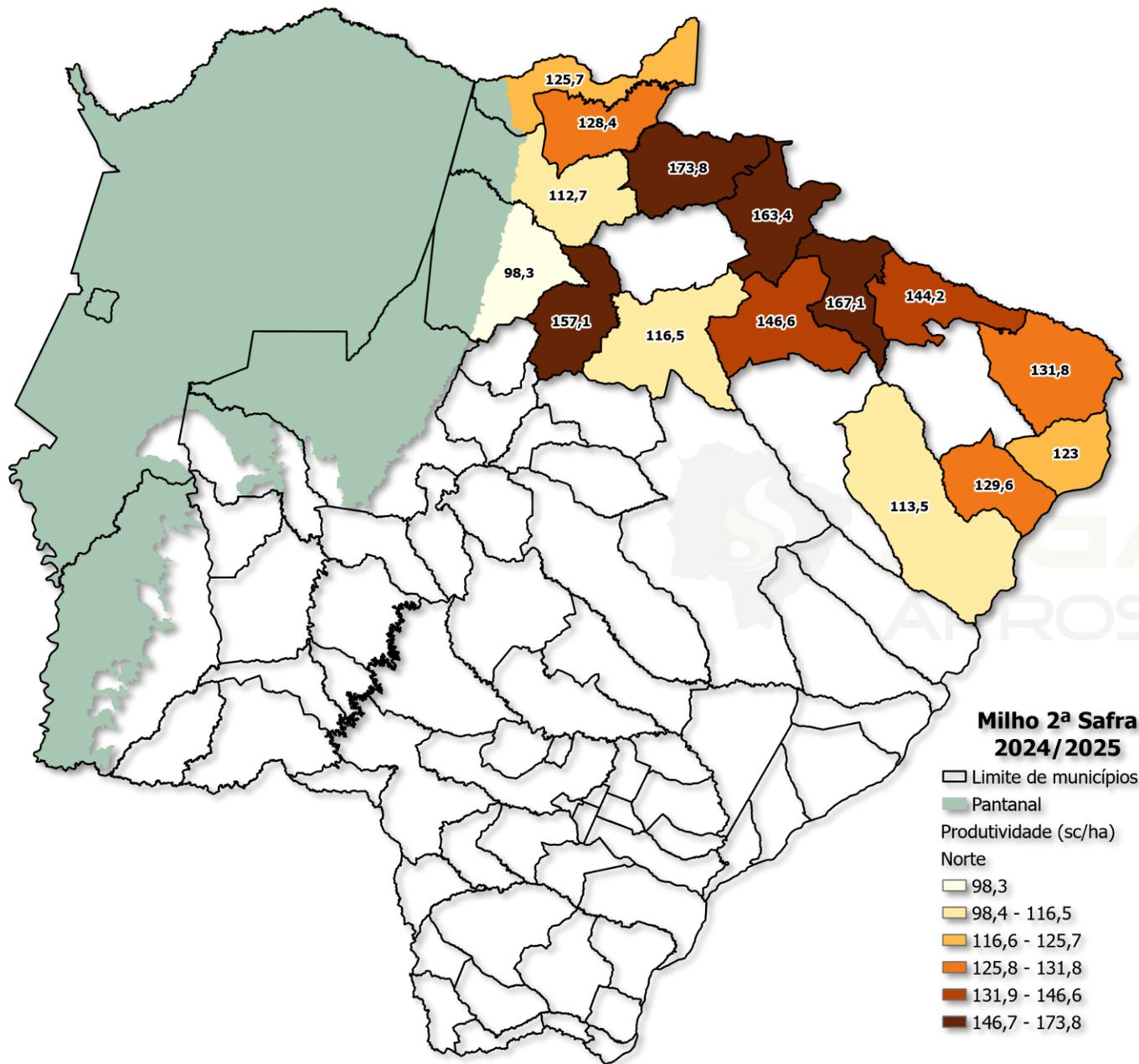
Fonte: Aprosoja/MS - SIGA/MS Elaboração: Aprosoja/MS e Sistema Famasul

Figura 04 – Interpolação espacial das amostras de produtividade do milho na 2ª safra 2024/2025



Fonte: SIGA/MS Elaboração: APROSOJA-MS/Sistema Famasul

Figura 05 – Produtividade apresentada na região norte



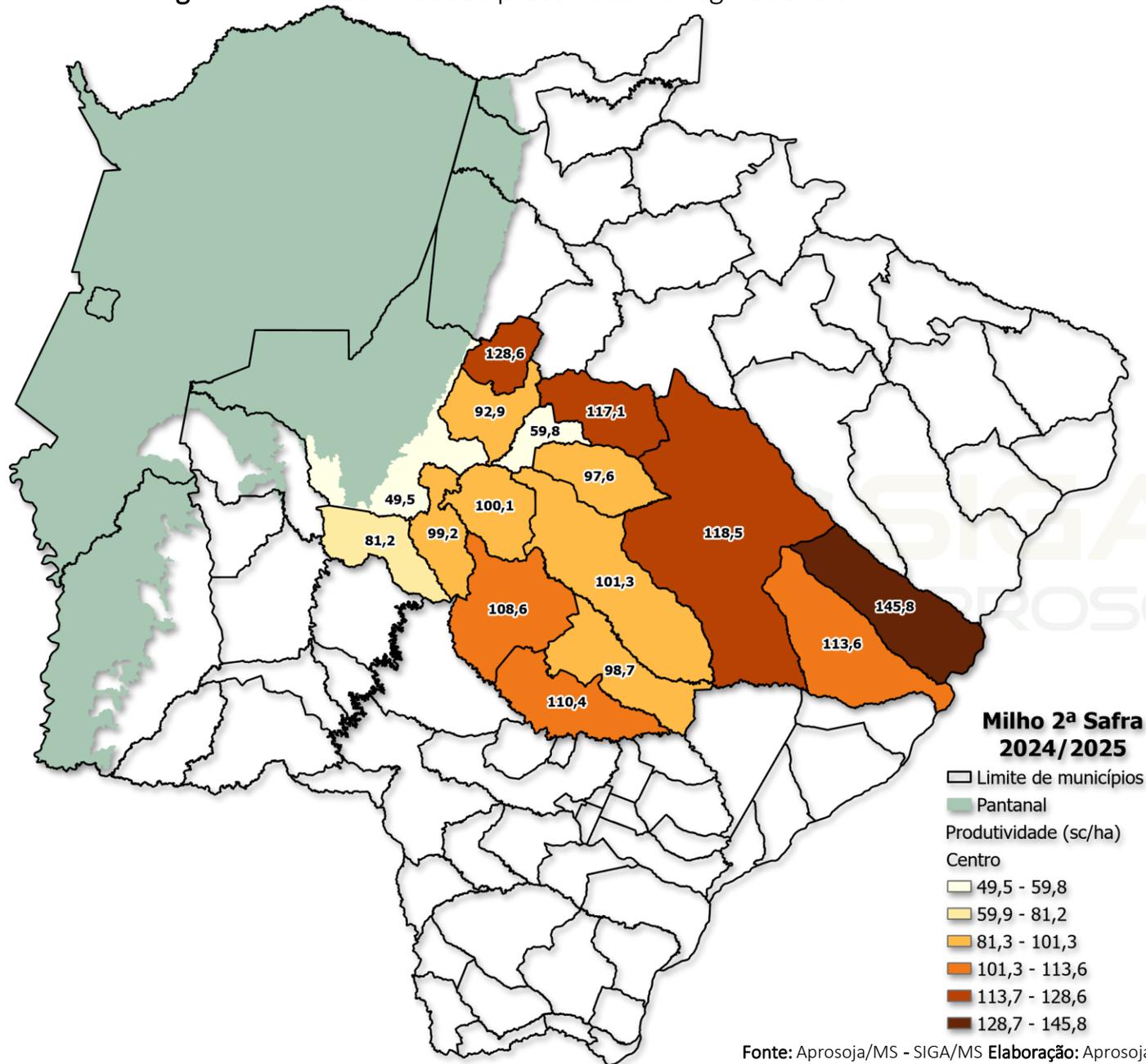
A região norte corresponde a 11,0% da área plantada do estado, é a menor região produtora de grãos, porém foi onde se obteve as melhores produtividades. Os municípios que se destacaram nessa safra foram: Alcinópolis, Chapadão do Sul, Costa Rica e São Gabriel do Oeste.

Tabela 03 – Produtividade, área e produção da região norte

Município	Produtividade		Área	Produção
	sc/ha	Kg/ha	Hectares	Toneladas
Alcinópolis	173,79	10.427,40	7.741,03	80.718,80
Aparecida do Taboado	122,97	7.378,20	383,14	2.826,89
Camapuã	116,50	6.990,00	5.174,13	36.167,18
Cassilândia	144,17	8.650,20	2.993,93	25.898,08
Chapadão do Sul	167,08	10.024,80	42.384,90	424.900,10
Costa Rica	163,38	9.802,80	43.762,01	428.990,22
Coxim	112,65	6.759,00	7.576,74	51.211,15
Paraíso das Águas	146,60	8.796,00	5.071,40	44.608,05
Paranaíba	131,81	7.908,60	1.072,85	8.484,71
Pedro Gomes	128,42	7.705,20	5.303,87	40.867,38
Rio Verde de Mato Grosso	98,32	5.899,20	5.409,51	31.911,77
São Gabriel do Oeste	157,07	9.424,20	82.011,61	772.893,79
Selvíria	129,57	7.774,20	707,47	5.500,04
Sonora	125,70	7.542,00	25.230,75	190.290,28
Três Lagoas	113,50	6.810,00	183,90	1.252,37
Resultados Ponderado	152,23	9.133,85	235.007,2	2.146.520,8

Fonte: Aprosoja/MS - SIGA/MS Elaboração: Aprosoja/MS e Sistema Famasul

Figura 06 – Produtividade apresentada na região centro



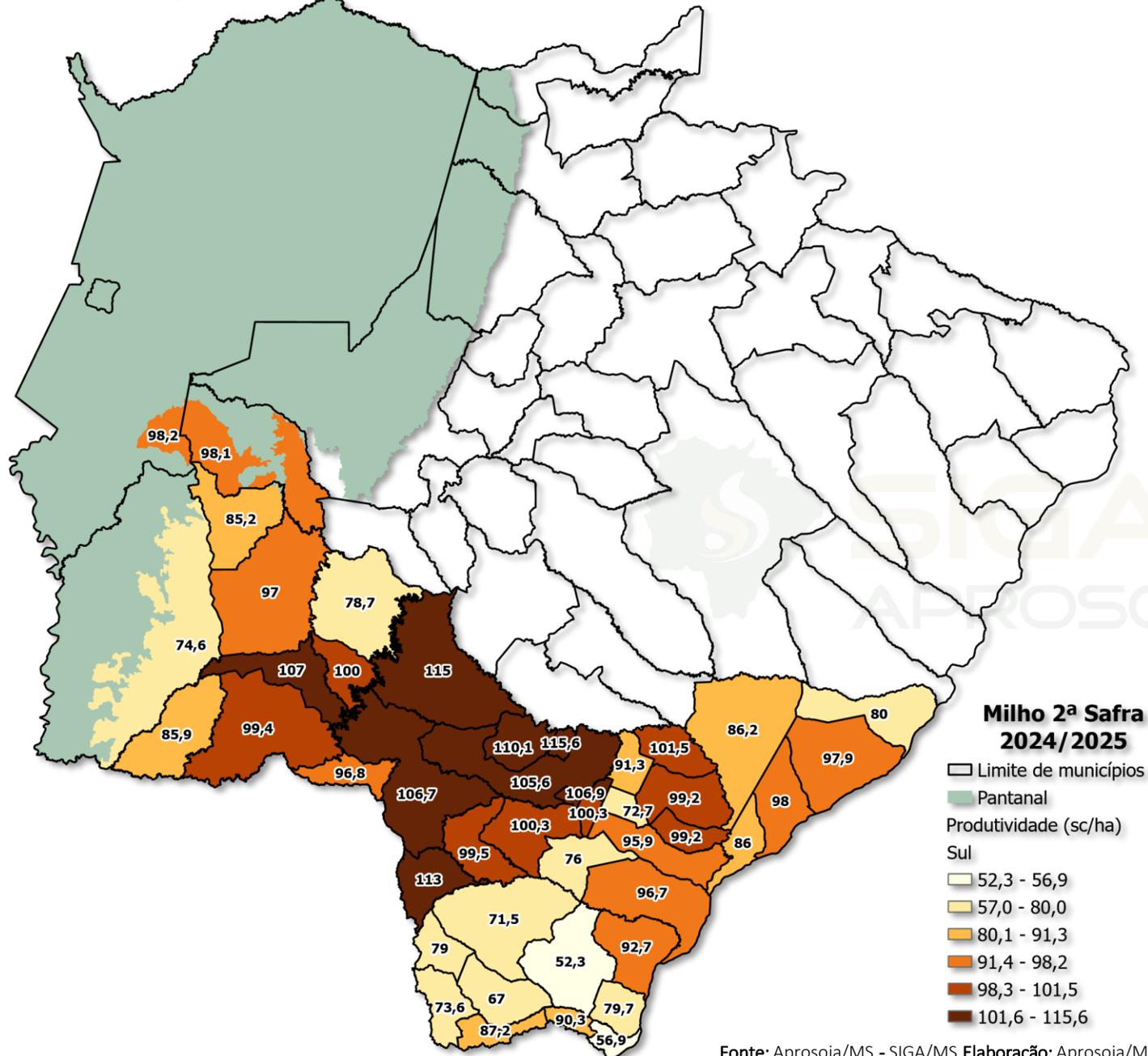
A região centro corresponde a 20,6% da área plantada do estado. Os municípios que se destacaram nessa safra foram: Brasilândia, Rio Negro, Ribas do Rio Pardo e Bandeirantes.

Tabela 04 – Produtividade, área e produção da região centro

Município	Produtividade		Área	Produção
	sc/ha	Kg/ha	Hectares	Toneladas
Anastácio	81,18	4.870,80	11.253,41	54.813,10
Aquidauana	49,50	2.970,00	46,28	137,44
Bandeirantes	117,06	7.023,60	19.742,48	138.663,31
Brasilândia	145,83	8.749,80	234,56	2.052,38
Campo Grande	101,25	6.075,00	35.377,49	214.918,24
Corguinho	92,86	5.571,60	733,20	4.085,09
Dois Irmãos do Buriti	99,19	5.951,40	10.841,04	64.519,39
Jaraquari	97,57	5.854,20	10.677,76	62.509,75
Nova Alvorada do Sul	98,70	5.922,00	39.099,57	231.547,64
Ribas do Rio Pardo	118,48	7.108,80	3.731,95	26.529,66
Rio Brillhante	110,42	6.625,20	109.364,27	724.560,17
Rio Negro	128,60	7.716,00	3.338,65	25.761,01
Rochedo	59,81	3.588,60	464,51	1.666,94
Santa Rita do Pardo	113,61	6.816,60	857,56	5.845,63
Sidrolândia	108,58	6.514,80	180.994,41	1.179.142,39
Terenos	100,12	6.007,20	15.207,67	91.355,50
Resultado Ponderado	106,65	6.398,94	441.964,8	2.828.107,6

Fonte: Aprosoja/MS - SIGA/MS Elaboração: Aprosoja/MS e Sistema Famasul

Figura 07 – Produtividade apresentada na região sul



Fonte: Aprosoja/MS - SIGA/MS Elaboração: Aprosoja/MS e Sistema Famasul

A região sul corresponde a 68,4% da área plantada do estado, é a maior região produtora de grãos. Os municípios que se destacaram nessa safra foram: Douradina, Maracaju, Aral Moreira, Itaporã e Jardim.

Tabela 05 – Produtividade, área e produção da região sul

Município	Produtividade		Área	Produção
	sc/ha	Kg/ha	Hectares	Toneladas
Amambai	71,52	4.291,20	50.910,34	218.466,47
Anaurilândia	97,87	5.872,20	8.992,53	52.805,94
Angélica	101,53	6.091,80	7.561,03	46.060,29
Antônio João	96,77	5.806,20	25.209,77	146.372,95
Aral Moreira	112,95	6.777,00	80.509,20	545.610,88
Bataquassu	79,98	4.798,80	4.844,93	23.249,87
Batayporã	98,00	5.880,00	11.679,52	68.675,55
Bela Vista	99,43	5.965,80	25.952,01	154.824,53
Bodoquena	85,21	5.112,60	5.858,50	29.952,18
Bonito	97,01	5.820,60	41.292,27	240.345,77
Caarapó	100,26	6.015,60	92.529,93	556.623,03
Caracol	85,88	5.152,80	6.689,74	34.470,91
Coronel Sapucaia	78,98	4.738,80	8.628,02	40.886,47
Corumbá	98,20	5.892,00	801,91	4.724,84
Deodópolis	91,31	5.478,60	10.761,03	58.955,40
Douradina	115,62	6.937,20	13.976,31	96.956,44
Dourados	105,64	6.338,40	175.617,49	1.113.133,89
Eldorado	79,66	4.779,60	6.948,32	33.210,18
Fátima do Sul	106,94	6.416,40	11.791,41	75.658,37
Glória de Dourados	72,74	4.364,40	3.550,04	15.493,82
Guia Lopes da Laguna	100,03	6.001,80	18.889,09	113.368,56
Igatuemi	52,30	3.138,00	16.287,88	51.111,38
Itaporã	110,14	6.608,40	80.321,40	530.795,93
Itaquiraí	92,68	5.560,80	27.440,06	152.588,67
Ivinhema	99,17	5.950,20	10.375,47	61.736,15
Japorã	90,25	5.415,00	995,45	5.390,35
Jardim	107,01	6.420,60	13.699,46	87.958,77
Jateí	95,86	5.751,60	16.381,01	94.217,03
Juti	76,03	4.561,80	15.697,99	71.611,08
Laguna Carapã	99,54	5.972,40	76.457,21	456.633,06
Maracaju	115,05	6.903,00	267.441,36	1.846.147,73
Miranda	98,10	5.886,00	1.780,83	10.481,99
Mundo Novo	56,90	3.414,00	3.094,93	10.566,08
Naviraí	96,72	5.803,20	63.973,91	371.253,37
Nioaque	78,71	4.722,60	14.540,00	68.666,60
Nova Andradina	86,19	5.171,40	13.331,57	68.942,90
Novo Horizonte do Sul	99,17	5.950,20	5.701,42	33.924,60
Paranhos	73,61	4.416,60	7.553,91	33.362,60
Ponta Porã	106,71	6.402,60	177.197,05	1.134.521,85
Porto Murtinho	74,58	4.474,80	3.979,95	17.809,49
Sete Quedas	87,19	5.231,40	19.552,06	102.284,64
Tacuru	67,05	4.023,00	8.015,28	32.245,48
Taquarussu	85,98	5.158,80	2.591,01	13.366,50
Vicentina	100,30	6.018,00	5.477,37	32.962,80
Resultado Ponderado	101,92	6.115,47	1.464.880,0	8.958.425,4



Considerações sobre a produtividade estadual

A análise da produtividade do milho 2ª safra em Mato Grosso do Sul na temporada 2024/2025 revela um cenário extremamente positivo para a cultura. A produtividade média ponderada foi de 108,42 sacas por hectare (sc/ha), equivalente a 6.505,14 kg/ha, considerando tanto a produtividade individual quanto a área plantada de cada município. Com uma área total de 2.141.852 hectares e produção superior a 13,9 milhões de toneladas, o desempenho estadual reforça a importância do milho como cultura estratégica para o agronegócio sul-mato-grossense.

Municípios com produtividades muito acima da média se destacaram, como Alcinópolis (173,79 sc/ha), Chapadão do Sul (167,08 sc/ha), Costa Rica (163,38 sc/ha), São Gabriel do Oeste (157,07 sc/ha) e Cassilândia (144,17 sc/ha). Esses polos, localizados principalmente nas regiões norte e nordeste do estado, aliam alta produtividade a áreas significativas, exercendo forte influência positiva sobre a média estadual.

Quando se observa a área cultivada e a produção total, a concentração é evidente. Maracaju lidera com 267.441 hectares e 1,84 milhão de toneladas, seguido por Sidrolândia (180.994 ha; 1,18 milhão de ton.), Ponta Porã (177.197 ha; 1,13 milhão de ton.) e Dourados (175.617 ha; 1,11 milhão de ton.). Esses quatro municípios representam juntos cerca de 36% da produção estadual, consolidando-se como os principais polos do milho 2ª safra. Outros municípios como Rio Brilhante (109.364 ha; 724.560 ton.) e São Gabriel do Oeste (82.011 ha; 772.893 ton.) também se destacam, reforçando a importância da região sul e parte do norte na composição do volume estadual.

O avanço da irrigação também tem se mostrado um diferencial importante. Municípios como Selvíria, Brasilândia, Ribas do Rio Pardo, Paranaíba, Aparecida do Taboado e Três Lagoas, onde boa parte do milho é cultivada sob irrigação, apresentam produtividades elevadas, evidenciando o potencial dessa tecnologia para elevar os índices produtivos.

Por fim, a análise dos pesos atribuídos confirma essa concentração: Maracaju sozinho responde por 12% da produção estadual, enquanto Dourados, Ponta Porã e Sidrolândia somam 24% adicionais. Municípios com alta produtividade, mas com menores áreas, como Alcinópolis e Cassilândia, não ultrapassam 0% no peso, mostrando que, para o cálculo ponderado, a área cultivada é determinante. Essa estrutura evidencia um cenário em que poucos municípios concentram grande parte do milho produzido, enquanto a maioria contribui com volumes residuais, no qual alguns municípios apresentam índices técnicos de excelência.

Registro mensal da safra

A 2ª safra de milho 2024/2025 no estado de Mato Grosso do Sul iniciou-se com uma expectativa positiva de crescimento na área plantada, com expansão de 6,8% em relação ao ciclo anterior, totalizando 2,103 milhões de hectares. As estimativas iniciais, baseadas na média dos últimos cinco anos do projeto SIGA-MS, apontavam para uma produtividade de 81 sacas por hectare, o que resultaria em uma produção estimada de 10,2 milhões de toneladas.

Janeiro

Janeiro foi marcado por estiagem em grande parte do estado, com volumes de chuva abaixo da média (0 a 120 mm) nas regiões Centro-Sul, Leste e Sudeste. Em contraste, as regiões Noroeste, Norte e Nordeste registraram acumulados entre 120 e 200 mm. O plantio teve início na segunda semana do mês, alcançando 7,6% da área total prevista até o final de janeiro.

Fevereiro

Em fevereiro, a estiagem persistiu em grande parte do estado, com volumes de chuva entre 30 e 120 mm nas regiões Sudoeste, Pantaneira, Sul e Sudeste. Já as regiões Central e Norte registraram acumulados um pouco mais elevados, entre 120 e 180 mm. Apesar das condições climáticas adversas, o plantio avançou no estado de Mato Grosso do Sul, alcançando 44,5% da área total prevista.

Março

Março apresentou um comportamento irregular das chuvas: volumes abaixo da média (30 a 90 mm) foram registrados nas regiões Sudeste, Leste e Nordeste, enquanto as regiões Centro-Norte e Sudoeste tiveram precipitações acima da média (90 a 180 mm). Nesse mês, o plantio atingiu 92,6% da área total prevista, com os maiores picos de semeadura ocorrendo ao longo de março, praticamente finalizando o processo de implantação das lavouras.

Abril

Abril foi marcado por chuvas acima da média histórica, variando entre 150 e 300 mm, especialmente nas regiões Central, Sul, Leste e Norte do estado. Nesse mês, o plantio foi encerrado e as condições climáticas favoreceram o desenvolvimento da cultura do milho. Aproximadamente 70% da semeadura ocorreu entre a segunda semana de fevereiro e a terceira de março. Essas lavouras, ao longo de abril, encontravam-se entre os estágios VN (enésima folha) e R2 (início do enchimento de grãos), fases críticas para o potencial produtivo da cultura. A boa disponibilidade hídrica nesse período foi essencial para garantir o adequado desenvolvimento das plantas.

Registro mensal da safra

Maio

No mês de maio, as chuvas ficaram abaixo da média histórica em Mato Grosso do Sul. Os maiores acumulados variaram entre 45 e 90 mm, concentrando-se principalmente nas regiões central e norte do estado. Foi registrada uma anomalia negativa, indicando déficit hídrico, com destaque para as regiões sudoeste e sudeste. Nesse período, teve início a colheita do milho segunda safra, com avanço acumulado de apenas 0,3%.

Junho

No mês de junho, as chuvas ficaram acima da média histórica em Mato Grosso do Sul, com acumulados variando entre 75 e 150 mm, especialmente na região do extremo sul do estado. A análise das anomalias de precipitação revelou um comportamento irregular, com déficit hídrico nas regiões sudoeste e centro-leste, onde foram observadas anomalias negativas. Em contrapartida, as regiões norte, pantaneira, bolsão e o extremo sul apresentaram anomalias positivas, indicando volumes de chuva superiores ao esperado para o período. Na quarta semana do mês, uma frente fria atingiu o estado, provocando geadas em diversas localidades. Estima-se que cerca de 35 mil hectares foram afetados, principalmente nas regiões central e sul, com danos à produção variando entre 10% e 30%. Até o final de junho, o avanço da colheita do milho segunda safra foi de 6,2%.

Julho

Em julho de 2025, as chuvas ficaram abaixo da média histórica em Mato Grosso do Sul, com acumulados variando entre 15 e 30 mm, especialmente na região do extremo sul do estado. A análise das anomalias de precipitação indicou déficit hídrico em praticamente todo o território sul-mato-grossense, com predominância de anomalias negativas. No entanto, as regiões norte, pantaneira, bolsão e o próprio extremo sul apresentaram anomalias positivas, indicando volumes de chuva acima do esperado para o período. No final do mês, ventanias intensas atingiram principalmente as regiões central e sul do estado, provocando o tombamento de aproximadamente 14 mil hectares de lavouras de milho. As perdas estimadas variam entre 20% e 40% da produção nessas áreas. Até o fim de julho, o avanço da colheita do milho segunda safra foi de 31,6%.

Agosto

Em agosto de 2025, Mato Grosso do Sul registrou volumes de chuva abaixo da média histórica, com acumulados variando entre 15 e 90 mm. Os maiores índices foram observados na região do extremo sul do estado, onde os acumulados ficaram entre 60 e 90 mm. A análise das anomalias de precipitação indica déficit hídrico em grande parte do território estadual, com predominância de anomalias negativas. Ao final do mês, o avanço da colheita do milho segunda safra atingiu 90,9%.

Registro mensal da safra

Setembro

Em setembro de 2025, Mato Grosso do Sul registrou volumes de chuva abaixo da média histórica. Nas regiões centro, norte e leste do estado, os acumulados variaram entre 0 e 20 mm, enquanto os maiores índices foram observados no extremo sul, com totais entre 60 e 120 mm. O mês foi marcado por um prolongado período de estiagem, com registros de 20 a 30 dias consecutivos de precipitação inferior a 1 mm em praticamente todo o estado. Nesse contexto, foi realizada uma amostragem correspondente a 10% da área estimada pelo projeto SIGA-MS (221.342 hectares), que indicou um aumento de 39,4% na produção em relação à previsão inicial de 10,199 milhões de toneladas. A nova projeção apontava para uma produção de 14,226 milhões de toneladas, representando um acréscimo de 68,2% frente ao ciclo anterior. A produtividade média estimada é de 112,7 sacas por hectare, o que corresponde a um aumento de 68,1% em comparação à safra passada. Além disso, nesse período foi concluída a colheita do milho segunda safra, encerrando-se cerca de duas semanas após o término da safra anterior.

Considerações Finais

O período de janeiro a setembro de 2025 em Mato Grosso do Sul foi marcado por uma forte variabilidade climática, com destaque para a irregularidade das chuvas e seus impactos diretos sobre o calendário agrícola, especialmente na cultura do milho segunda safra. Estiagens prolongadas predominaram em grande parte dos meses, com destaque para janeiro, fevereiro, maio, julho, agosto e setembro, comprometendo o desenvolvimento das lavouras em fases críticas e exigindo maior atenção à gestão hídrica. Chuvas acima da média ocorreram pontualmente em março, abril e junho, favorecendo o crescimento das plantas em estágios importantes, como o enchimento de grãos, especialmente nas regiões central e sul. Eventos extremos, como geadas em junho e ventanias intensas em julho, causaram perdas significativas em áreas cultivadas, evidenciando a vulnerabilidade da produção frente às variações climáticas. O plantio do milho segunda safra foi concluído até abril, com certo atraso, mas ainda conseguiu aproveitar parte da janela climática mais favorável ao desenvolvimento da cultura considerando que, historicamente, o período entre abril e agosto apresenta baixos volumes de precipitação. A colheita avançou gradualmente e foi finalizada em setembro, com 100% da área colhida. A análise das anomalias de precipitação ao longo dos meses reforça a necessidade de estratégias de adaptação e mitigação, como o uso de cultivares mais resistentes, manejo conservacionista e planejamento agrícola baseado em dados climáticos. Em síntese, o ciclo 2024/2025 do milho trouxe resultados positivos aos produtores, mesmo diante de uma condição climática atípica que, paradoxalmente, elevou o potencial produtivo.

Para monitorar a fenologia do cultivo de milho, foram utilizados dados sobre a evolução do plantio e o intervalo médio de dias de cada período fenológico. Cada linha da Tabela 06 corresponde a uma fase fenológica específica, como VE, V4, V8, etc., que representam os estágios de desenvolvimento da planta. As colunas representam semanas de acompanhamento, e os valores nas células indicam a porcentagem da área cultivada em cada fase na semana respectiva. Esses dados são essenciais para monitorar o desenvolvimento da cultura e entender, em escala estadual, quais períodos estão mais suscetíveis às intempéries climáticas.

Os números de dias utilizados na Tabela 06 referem-se a um ciclo de cultivo normal, que varia entre 125 e 140 dias. Vale ressaltar que esses números retratam um ciclo com condições climáticas ideais. No campo, sabemos que o clima pode tanto prolongar quanto antecipar o ciclo. Ao comparar a evolução da colheita, podemos concluir que houve picos de atraso, mas logo a colheita se recuperou, e a maturação praticamente encerrou junto com a colheita.

Tabela 06 – Evolução das fases fenológicas de uma cultura agrícola ao longo do tempo

Escala Fenológica	Semanas de acompanhamento																																				
	17-jan	24-jan	31-jan	7-fev	14-fev	21-fev	28-fev	7-mar	14-mar	21-mar	28-mar	4-abr	11-abr	18-abr	25-abr	2-mai	9-mai	16-mai	23-mai	30-mai	6-jun	13-jun	20-jun	27-jun	4-jul	11-jul	18-jul	25-jul	1-ago	8-ago	15-ago	22-ago	29-ago	5-set			
R6 (>128 dias)	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	2%	5%	8%	13%	24%	35%	45%	58%	69%	83%	93%	97%	99%	100%	100%			
R5 (117 a 127 dias)	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	2%	5%	6%	8%	17%	22%	20%	23%	24%	25%	24%	14%	6%	2%	1%	1%	0%	0%	0%	
R4 (104 a 112 dias)	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	2%	5%	6%	8%	17%	22%	20%	23%	24%	25%	24%	14%	6%	2%	1%	1%	0%	0%	0%	0%	0%	
R3 (90 a 102 dias)	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	2%	5%	6%	8%	17%	22%	20%	23%	24%	25%	24%	14%	6%	2%	1%	1%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	
R2 (82 a 88 dias)	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	2%	3%	3%	5%	11%	10%	10%	13%	11%	14%	9%	5%	2%	1%	1%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	
R1 (63 a 70 dias)	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	2%	5%	8%	11%	19%	27%	32%	34%	34%	39%	35%	29%	16%	7%	3%	1%	1%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	
VT (56 a 63 dias)	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	2%	3%	3%	5%	11%	10%	10%	13%	11%	14%	9%	5%	2%	1%	1%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	
V12 (45 a 56 dias)	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	2%	3%	3%	5%	11%	10%	10%	13%	11%	14%	9%	5%	2%	1%	1%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
V8 (30 a 35 dias)	0%	0%	0%	0%	0%	2%	5%	6%	8%	17%	22%	20%	23%	24%	25%	24%	14%	6%	2%	1%	1%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
V4 (12 a 20 dias)	0%	0%	2%	5%	8%	11%	19%	27%	32%	34%	34%	39%	35%	29%	16%	7%	3%	1%	1%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
VE (4 a 5 dias)	0%	2%	3%	3%	5%	11%	10%	10%	13%	11%	14%	9%	5%	2%	1%	1%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%

Legenda: A escala fenológica do milho começa com o estágio VE, que ocorre entre 4 a 5 dias após a emergência da planta, quando a primeira folha aparece acima do solo. Em seguida, temos o estágio V4, entre 12 a 20 dias, quando a quarta folha está completamente desenvolvida. O estágio V8 ocorre entre 30 a 35 dias, com a oitava folha desenvolvida, e o V12, entre 45 a 56 dias, com a décima segunda folha desenvolvida. O estágio VT, que ocorre entre 56 a 63 dias, é o pendoamento, quando a planta começa a formar a inflorescência masculina. Nos estádios reprodutivos, começamos com o R1, entre 63 a 70 dias, que é o embonecamento, início da polinização. O estágio R2, entre 82 a 88 dias, é o grão bolha d'água, quando os grãos começam a se encher de líquido. O R3, entre 90 a 102 dias, é o estágio dos grãos leitosos, com os grãos cheios de um líquido leitoso. No R4, entre 104 a 112 dias, os grãos têm uma consistência pastosa. O R5, entre 117 a 127 dias, é a formação de dente, quando os grãos começam a endurecer e formar uma "dente". Finalmente, o R6, que ocorre após 128 dias, é a maturação fisiológica, quando os grãos atingem a maturidade completa e a planta começa a secar.

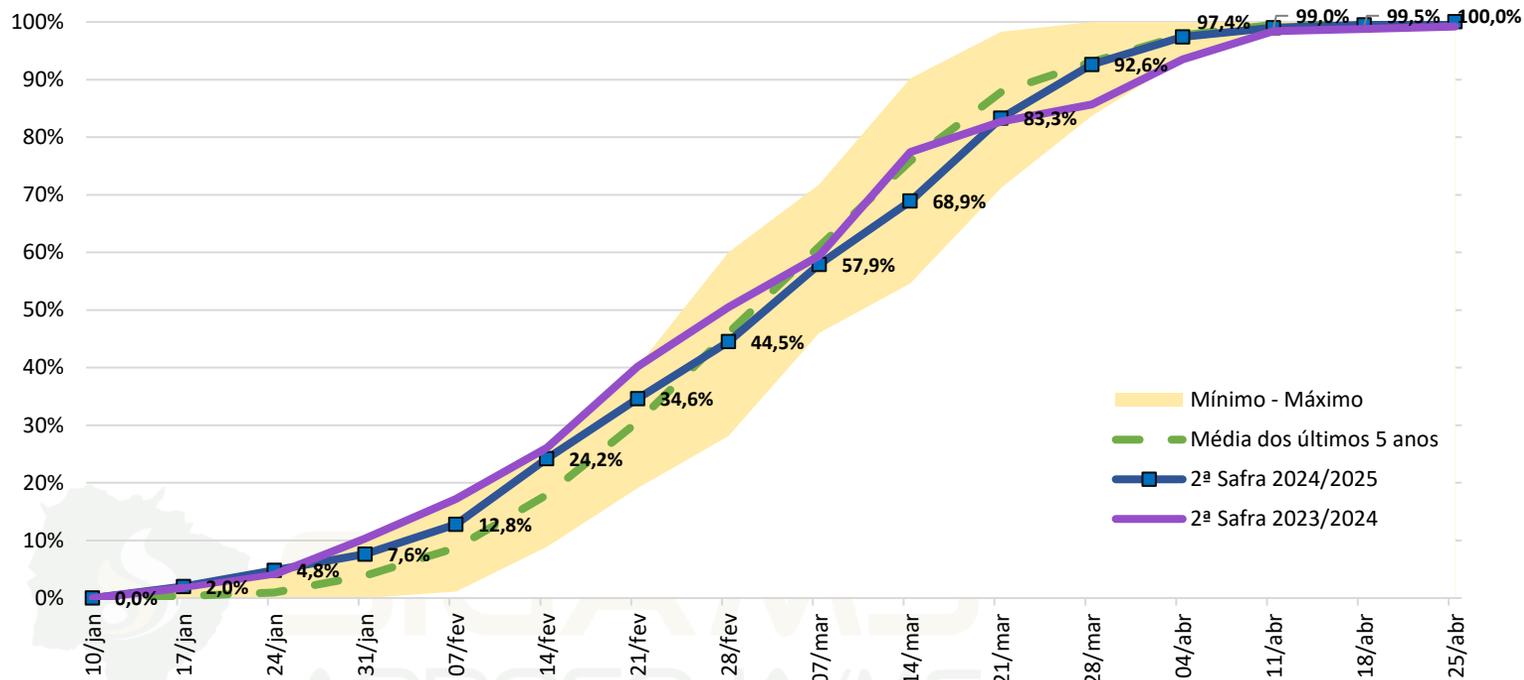
Fonte: Aprosoja/MS - SIGA/MS **Elaboração:** Aprosoja/MS e Sistema Famasul

Evolução do Plantio

É importante destacar que, na 2ª safra 2024/2025, a área plantada atingiu 100% duas semanas antes do que na 2ª safra 2023/2024, considerando a mesma data de referência, 25 de abril.

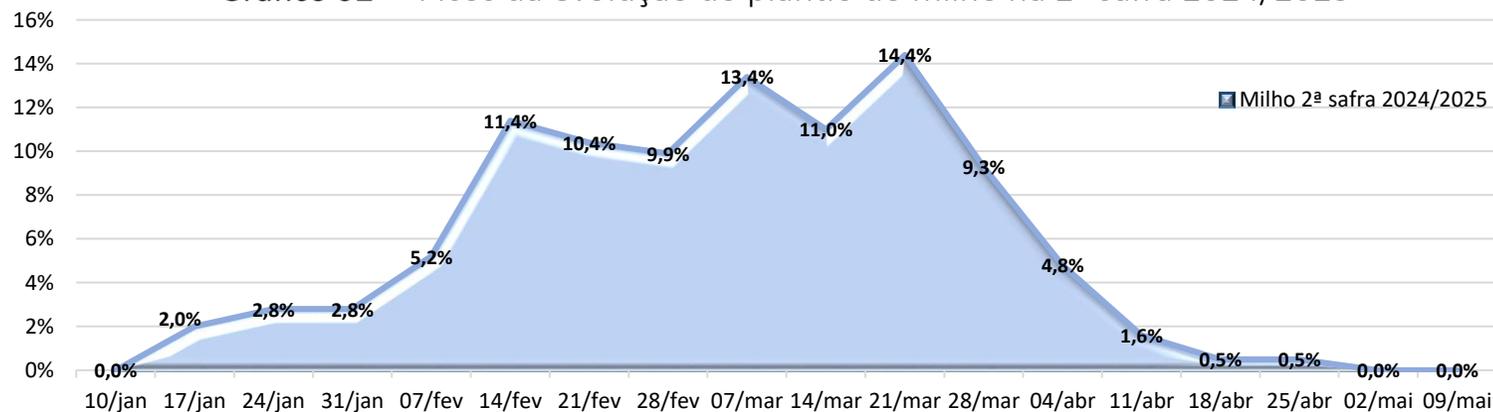
No Gráfico 01, observa-se a evolução do plantio no estado de Mato Grosso do Sul para o mesmo período nas safras 2023/24 e 2024/25, comparada com a média, o valor máximo e o mínimo registrados nos últimos cinco anos.

Gráfico 01 - Evolução do plantio do milho no estado nas últimas 5 safras



Fonte: Aprosoja/MS - SIGA/MS Elaboração: Aprosoja/MS e Sistema Famasul

Gráfico 02 - Picos da evolução do plantio do milho na 2ª safra 2024/2025



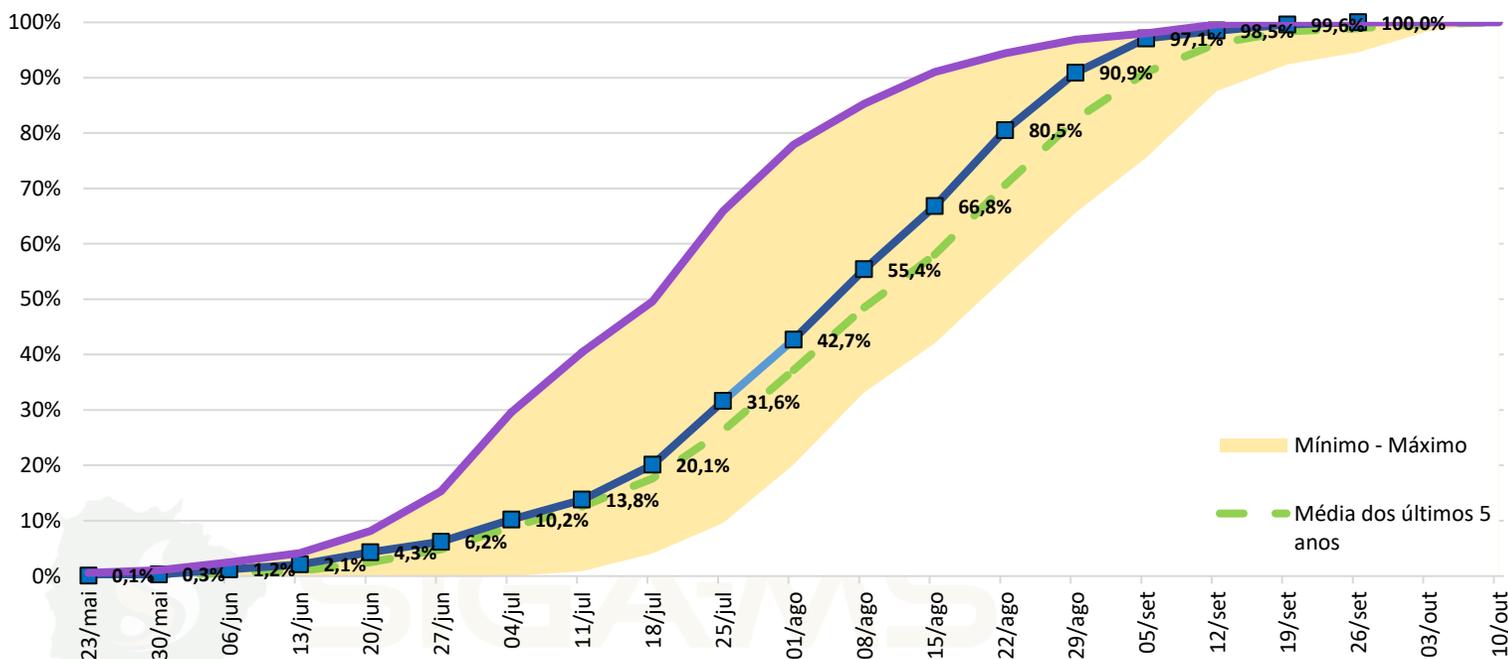
Fonte: Aprosoja/MS - SIGA/MS Elaboração: Aprosoja/MS e Sistema Famasul

Evolução da colheita

No Gráfico 03 visualiza-se a evolução da colheita para o mesmo período, na 2ª safra 2023/24 e 2024/25 no estado do Mato Grosso do Sul, em comparação com a média, máxima e mínima dos últimos 5 anos.

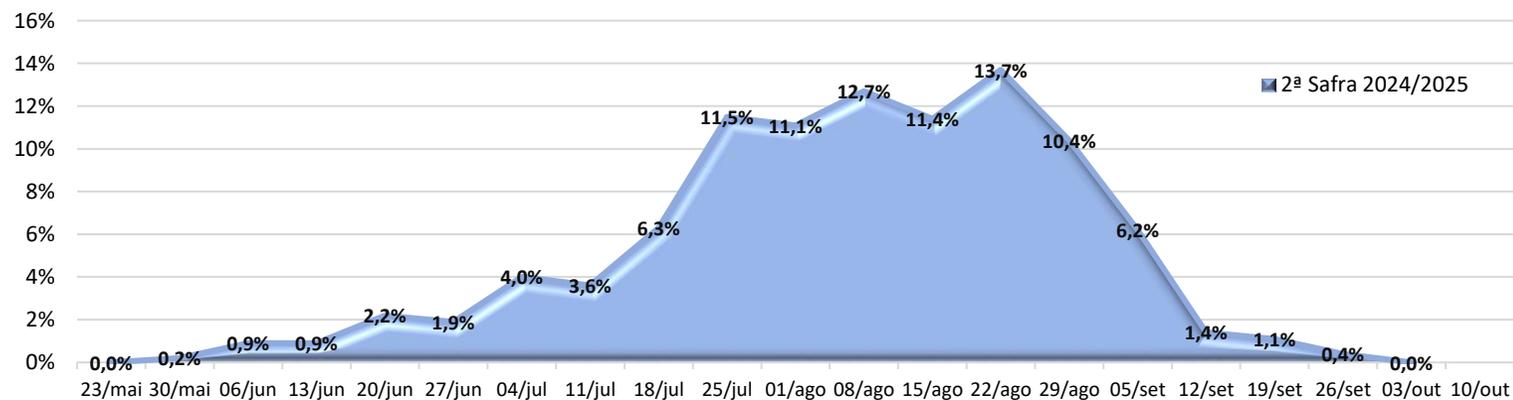
Na 2ª safra 2024/2025, a colheita foi concluída em 26 de setembro, duas semanas após a safra 2023/2024, que terminou em 12 de setembro, indicando um ritmo mais lento ao longo do ciclo.

Gráfico 03 - Evolução da colheita do milho no estado nas últimas 5 safras



Fonte: Aprosoja/MS - SIGA/MS Elaboração: Aprosoja/MS e Sistema Famasul

Gráfico 04 - Picos da evolução da colheita do milho na 2ª safra 2024/2025



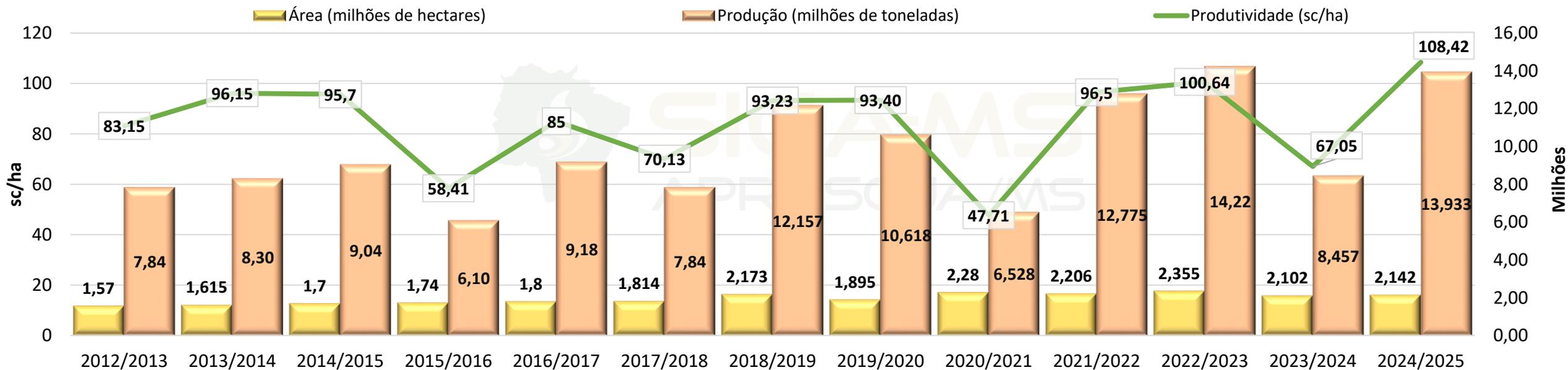
Fonte: Aprosoja/MS - SIGA/MS Elaboração: Aprosoja/MS e Sistema Famasul

Série Histórica de Produção, Área e Produtividade



Conforme os levantamentos do projeto para a safra 2024/2025, a área de milho atingiu 2,142 milhões de hectares, a produção 13,933 milhões de toneladas e produtividade 108,42 sc/ha. Entre a safra 2012/2013 e a safra 2024/2025 a produção aumentou em 77,6%, a área plantada aumentou 36,3% e a produtividade aumentou em 30,4%, conforme pode ser visualizado no Gráfico 05.

Gráfico 05 - Série histórica de produção, área e produtividade

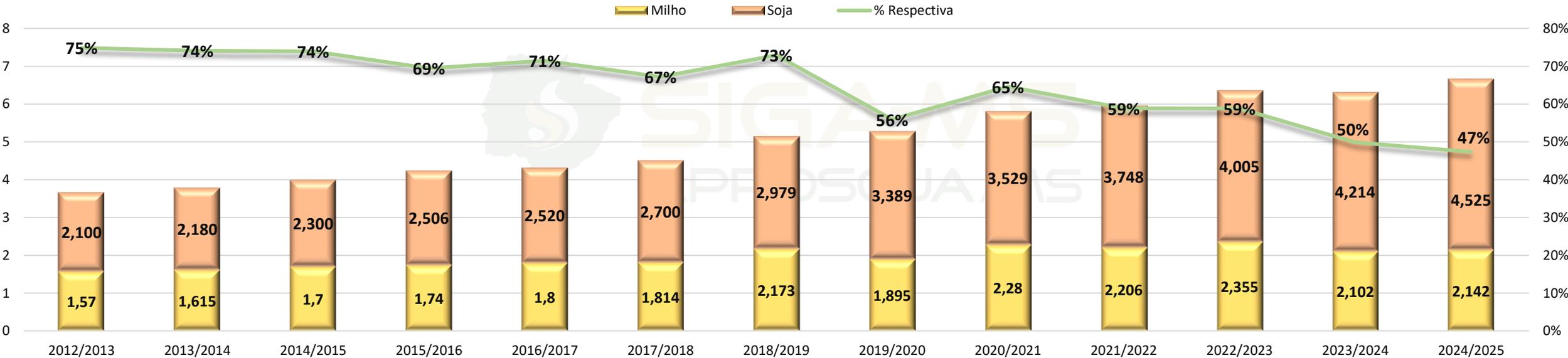


Fonte: Aprosoja/MS - SIGA/MS Elaboração: Aprosoja/MS e Sistema Famasul

Ocupação da Área de Soja Pelo Milho na 2ª safra

De acordo com os dados do projeto, observou-se que, da safra de 2012/2013 até a safra de 2024/2025, a cultura do milho de segunda safra ocupou, em média, 65% da área de soja. No entanto, a partir da safra de 2019/2020, notou-se uma tendência de diminuição da ocupação da área de soja pelo milho. Essa mudança pode ser um reflexo de alterações nas práticas agrícolas, condições climáticas, demanda do mercado, entre outros fatores.

Gráfico 06 - Ocupação da área de soja por milho 2ª safra

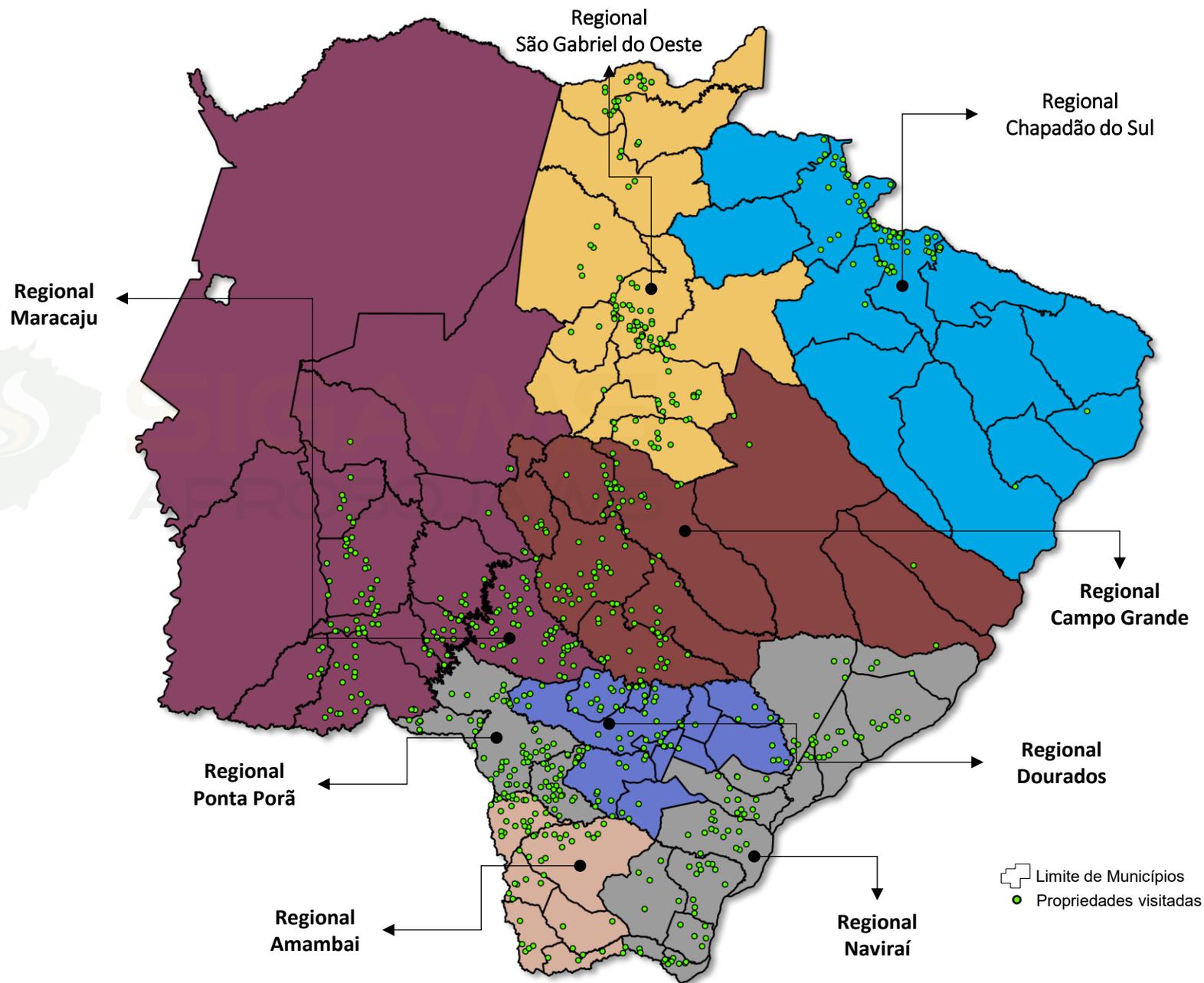


Fonte: Aprosoja/MS - SIGA/MS Elaboração: Aprosoja/MS e Sistema Famasul

Metodologia

Nas visitas a campo, os técnicos (as) que atendem regiões coletam informações diretamente com os produtores ou gerente das propriedades, além de realizar uma análise visual dos aspectos técnicos. As informações coletadas compõem o banco de dados do projeto e ficam relacionadas à sua localização geográfica, obtida através de GPS. As informações desta safra são pertinentes a 702 propriedades e 471 proprietários, totalizando 610 mil hectares visitados através das etapas de plantio e desenvolvimento. Essas informações são auditadas e disponibilizadas ao público interessado em conhecer a realidade da safra de soja e/ou milho.

Figura 08 – Propriedades visitadas no plantio e desenvolvimento do milho



Fonte: Aprosoja/MS - SIGA/MS Elaboração: Aprosoja/MS e Sistema Famulus

Cultivares

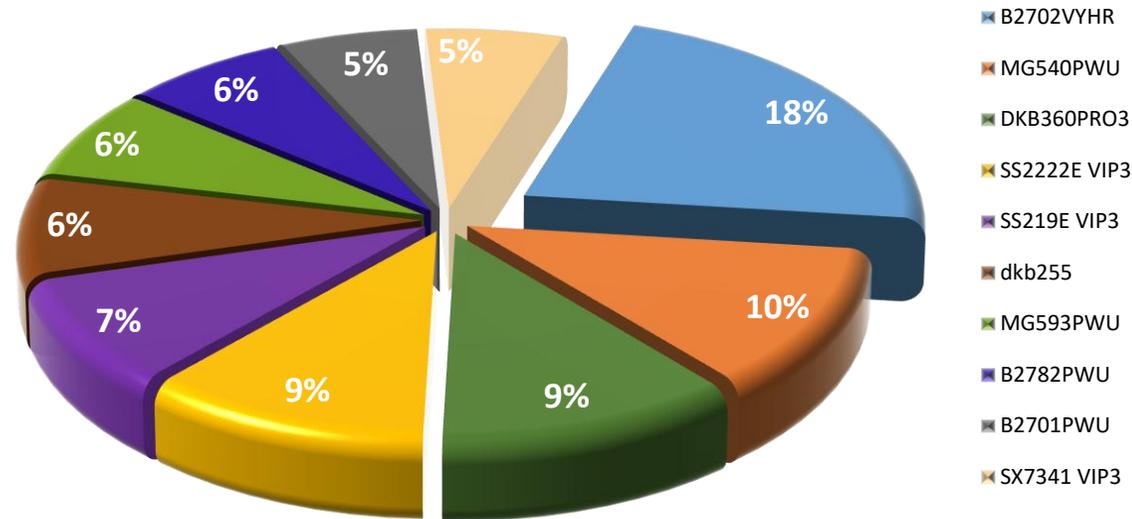
No levantamento de plantio do milho, foi constatada a utilização de 294 cultivares, no universo total de 1.101 cultivares indicadas pelo Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (MAPA) através da Portaria nº 279, de 03 de julho de 2024, que aprova o Zoneamento Agrícola de Risco Climático (ZARC) para o estado de Mato Grosso do Sul na safra 2024/2025. Durante a coleta de informações, foram questionadas as variedades que foram implantadas, o sistema de plantio e as cultivares de refúgio utilizadas em suas lavouras.

Gráfico 07 - Sistema mais adotado



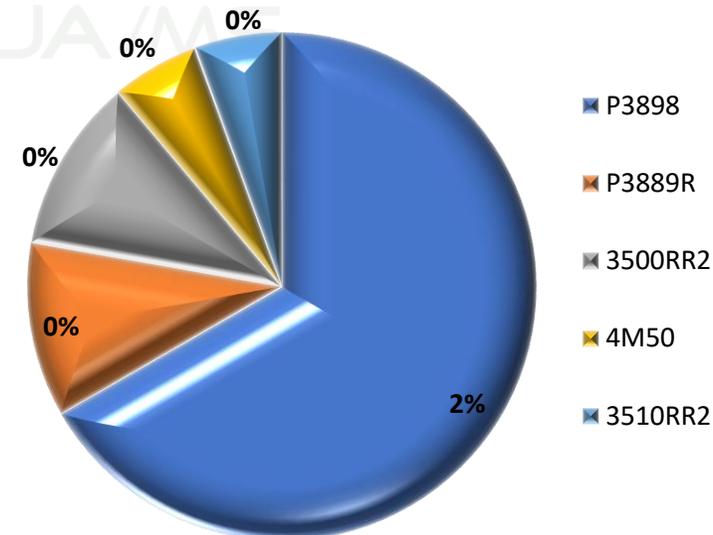
Fonte: Aprosoja/MS - SIGA/MS Elaboração: Aprosoja/MS e Sistema Famasul

Gráfico 08 - Cultivares mais adotadas



Fonte: Aprosoja/MS - SIGA/MS Elaboração: Aprosoja/MS e Sistema Famasul

Gráfico 09 - Cultivares mais adotadas como refúgio



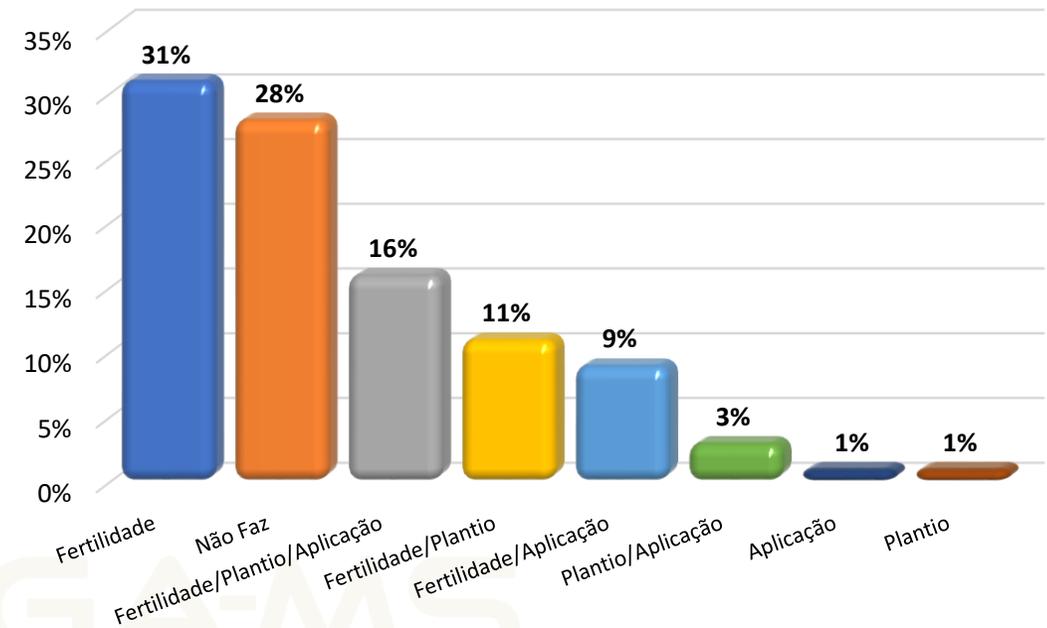
Fonte: Aprosoja/MS - SIGA/MS Elaboração: Aprosoja/MS e Sistema Famasul

Tecnologia no campo

Nas visitas aos produtores foi questionado quanto ao emprego da agricultura de precisão em suas operações. Para aqueles que responderam sim, perguntou-se em qual operação é utilizado. Das 505 propriedades visitadas, 72% relataram que fazem uso, sendo que a maioria a utiliza nas operações de fertilidade (gráfico 10). Já os 28% restantes não empregaram essa técnica em seus trabalhos.

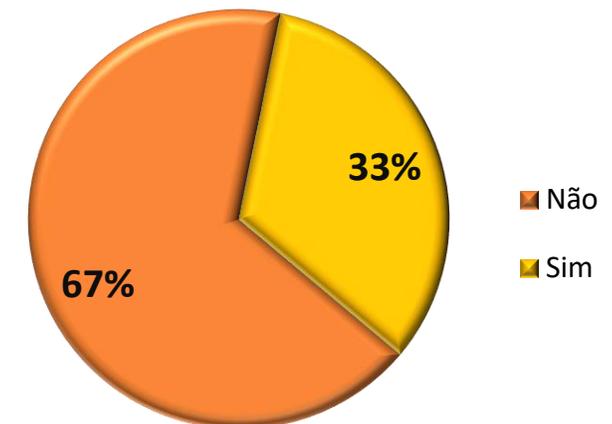
Também foi questionado quanto ao uso de softwares na propriedade. 67% de 503 produtores responderam que não utilizam essa ferramenta (gráfico 11). Atualmente a tecnologia embarcada nos softwares se tornou uma forte aliada ao trabalho do campo, atualmente atua em todas operações, como no planejamento, gestão, clima, acompanhamento das ações da propriedade, além de ajudar na tomada de decisão. Onde a informação correta e técnica melhora o sistema de produção.

Gráfico 10 - Agricultura de Precisão



Fonte: Aprosoja/MS - SIGA/MS Elaboração: Aprosoja/MS e Sistema Famasul

Gráfico 11 - Uso de software na gestão da lavoura



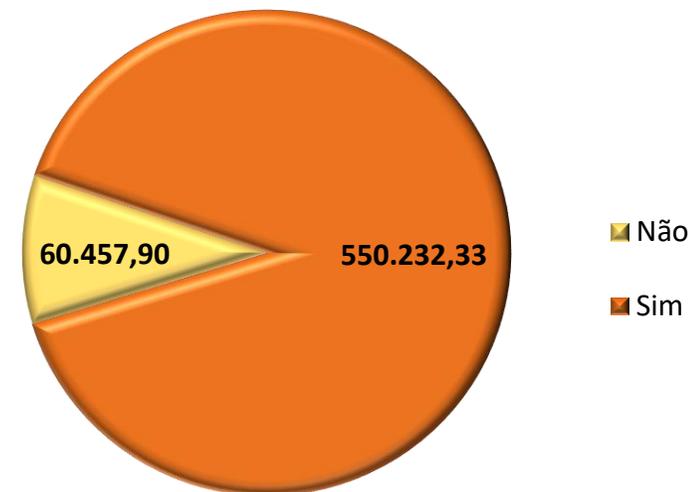
Fonte: Aprosoja/MS - SIGA/MS Elaboração: Aprosoja/MS e Sistema Famasul

Práticas Sustentáveis

Durante as visitas aos produtores, questionamos se suas propriedades realizavam o manejo integrado de pragas. Dos que responderam afirmativamente, 90% afirmaram adotar essa prática. Este método é fundamental para o desenvolvimento da cadeia produtiva, pois permite a redução do uso de defensivos agrícolas por meio do monitoramento da população de infestantes. Os 10% restantes mencionaram que não adotaram tal prática.

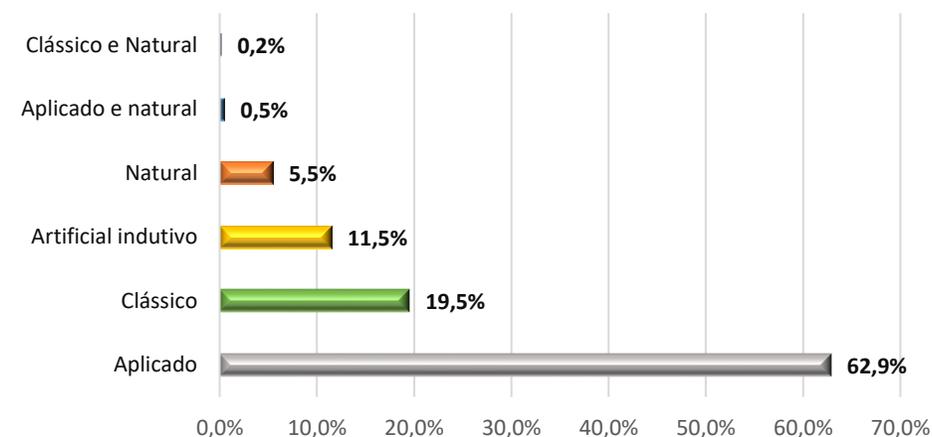
A respeito do uso de agentes biológicos para o controle de pragas, cerca de 43% das propriedades adotam essa prática, o que representa 220 propriedades. Por outro lado, 373 propriedades (57%) não utilizam esse método. Das que o adotam, 98% o fazem em toda a área cultivada, enquanto 2% o utilizam parcialmente.

Gráfico 12 - Área levantada de manejo integrado de pragas



Fonte: Aprosoja/MS - SIGA/MS Elaboração: Aprosoja/MS e Sistema Famasul

Gráfico 13 – Tipos de controle utilizados com biológico



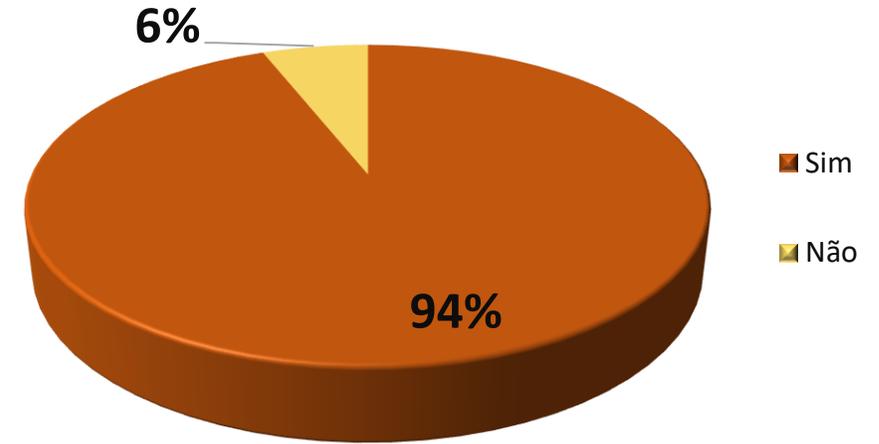
Fonte: Aprosoja/MS - SIGA/MS Elaboração: Aprosoja/MS e Sistema Famasul

Custo de Produção

Durante as visitas, perguntamos aos produtores se eles calculavam o custo de produção de suas propriedades. Dos entrevistados, 94% responderam afirmativamente, com essas propriedades tendo uma média de 895 hectares. Entre os 6% que não realizam esse cálculo, as propriedades têm uma média de 493 hectares.

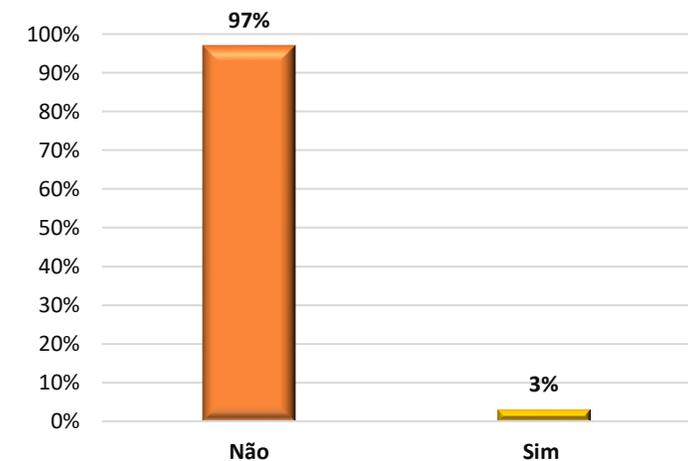
Também perguntamos aos produtores que não calculam o custo se tinham interesse em fazê-lo. Desses, 97% disseram que não tinham interesse, essas propriedades possuem uma média de 504 hectares. Os outros 3% manifestaram interesse em calcular o custo, e a média dessas propriedades é de 50 hectares.

Gráfico 13 - Realiza custo de produção



Fonte: Aprosoja/MS - SIGA/MS Elaboração: Aprosoja/MS e Sistema Famasul

Gráfico 14 – Interesse em realizar



Fonte: Aprosoja/MS - SIGA/MS Elaboração: Aprosoja/MS e Sistema Famasul

Metodologia de Avaliação das Incidências



Durante as visitas de desenvolvimento fenológico vegetativo e reprodutivo aos produtores, os técnicos de campo da APROSOJA-MS analisam os diversos aspectos técnicos da lavoura, procurando estabelecer o nível de incidência na propriedade, categorizado tanto pelo histórico do produtor ou pela classificação manual quando há ausência de informações.

Na classificação manual para plantas daninhas, a quantidade média de plantas daninhas por metro é categorizada em cada nível de incidência. Por exemplo, para a planta daninha ser classificada como “baixa”, deve apresentar 1 planta por metro; “médio”, 3 plantas por metro; “alto”, maior que 4 plantas por metro; e “ausente de infestação”, 0 plantas por metro.

Em pragas, a quantidade de plantas danificadas por metro ou população de pragas infestantes é categorizada para cada nível de incidência. Por exemplo, para a praga ser classificada como “baixa”, deve apresentar de 1 a 3 plantas danificadas por metro ou “insetos” por pano de batida; “médio”, de 4 a 6 plantas danificadas por metro ou “insetos” por pano de batida; “alto”, maior que 7 plantas danificadas por metro ou “insetos” por pano de batida; e “ausente de infestação”, 0 plantas danificadas e insetos.

Já em doenças, a quantidade de plantas danificadas por metro é categorizada em cada nível de incidência. Por exemplo, para a doença ser classificada como “baixa”, deve apresentar de 1 a 3 plantas danificadas por metro; “médio”, de 4 a 6 plantas danificadas por metro; “alto”, maior que 7 plantas danificadas por metro; e “ausente de infestação”, 0 planta danificada por metro. A doença é identificada pelos seus sintomas, como pústulas, clorose, necrose, mela, lesões, dentre outras.

A APROSOJA-MS entende que a informação repassada pelo produtor é algo que não deve ser descartado, pois ele é responsável por conviver com todas as adversidades na propriedade.

Incidências de plantas daninhas

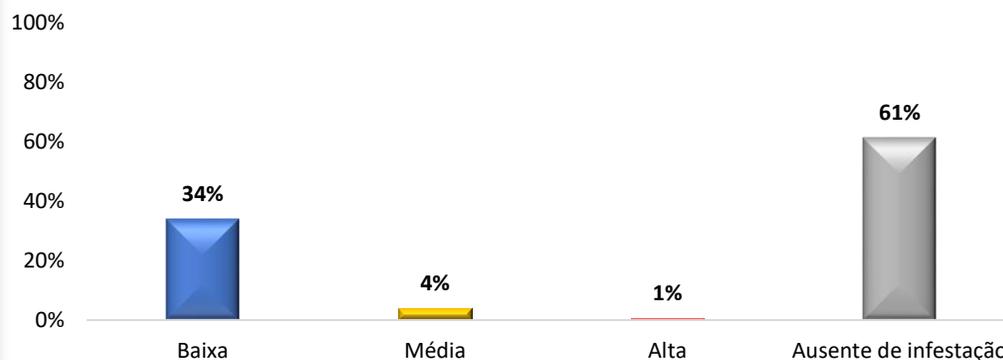
Buva (*Conyza* spp.)

Em Mato Grosso do Sul, a buva (*Conyza* spp.) se destaca como uma das principais plantas invasoras nos cultivos de soja e milho.

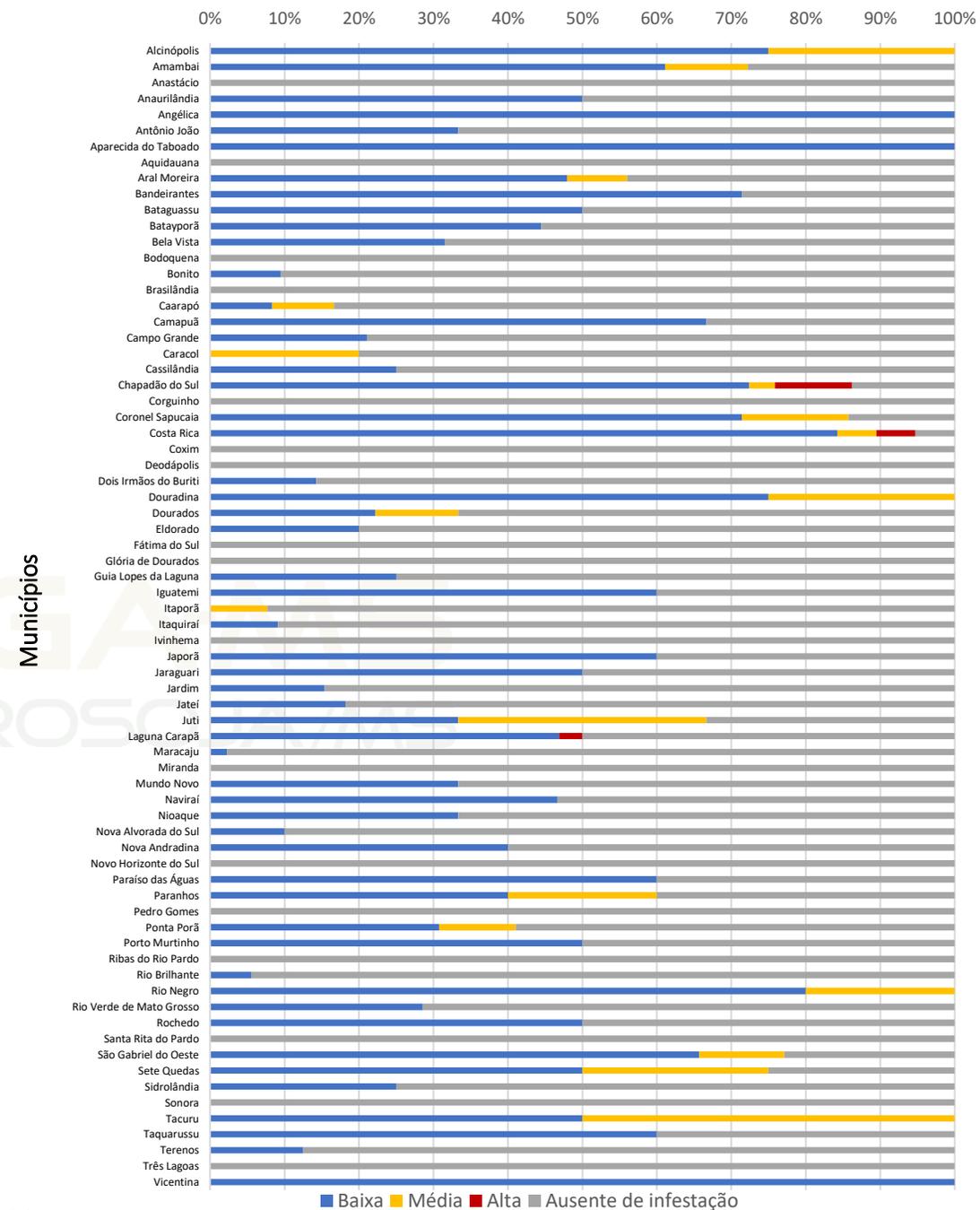
Essa planta apresenta resistência a alguns dos princípios ativos disponíveis no mercado nacional (VARGAS et al., 2016). Notavelmente, os municípios de Chapadão do Sul, Costa Rica, Laguna Carapã e Vicentina apresentaram uma alta incidência dessas espécies.

De maneira geral, a infestação pode ser considerada sob controle no estado, uma vez que, em muitas propriedades, a planta daninha está ausente ou apresenta baixa incidência.

Gráfico 15 – Incidência de buva no estado



Fonte: Aprosoja/MS - SIGA/MS Elaboração: Aprosoja/MS e Sistema Famasul



Incidências de plantas daninhas

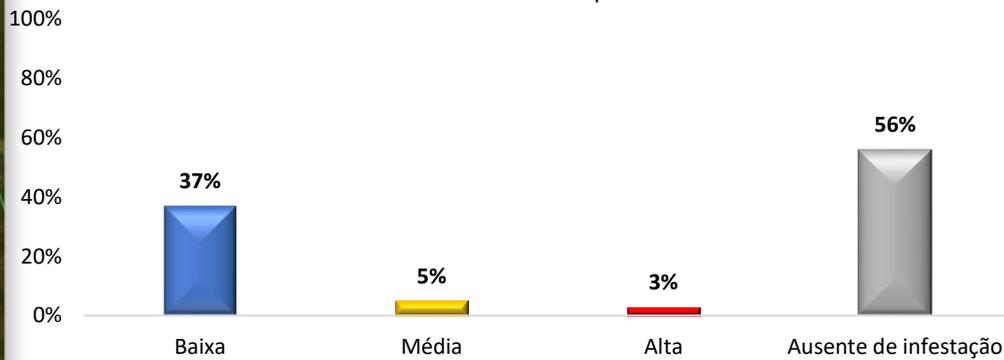
Trapoeeraba (*Commelina* spp.)

A trapoeeraba (*Commelina* spp.) é uma das principais plantas invasoras nos cultivos de soja e milho em Mato Grosso do Sul. Essa espécie prefere solos argilosos, férteis, úmidos e sombreados. Além de dificultar a colheita mecânica, a trapoeeraba serve como hospedeira para insetos que causam prejuízos nas culturas de grãos. Contudo, essa planta daninha é considerada de fácil controle no cultivo.

Os municípios com maior presença desse invasor incluem Bela Vista, Campo Grande, Cassilândia, Chapadão do Sul, Costa Rica, Dois Irmãos do Buriti, Eldorado, Nova Alvorada do Sul, Paraíso das Águas, Ribas do Rio Pardo, Rio Brillhante e Sidrolândia.

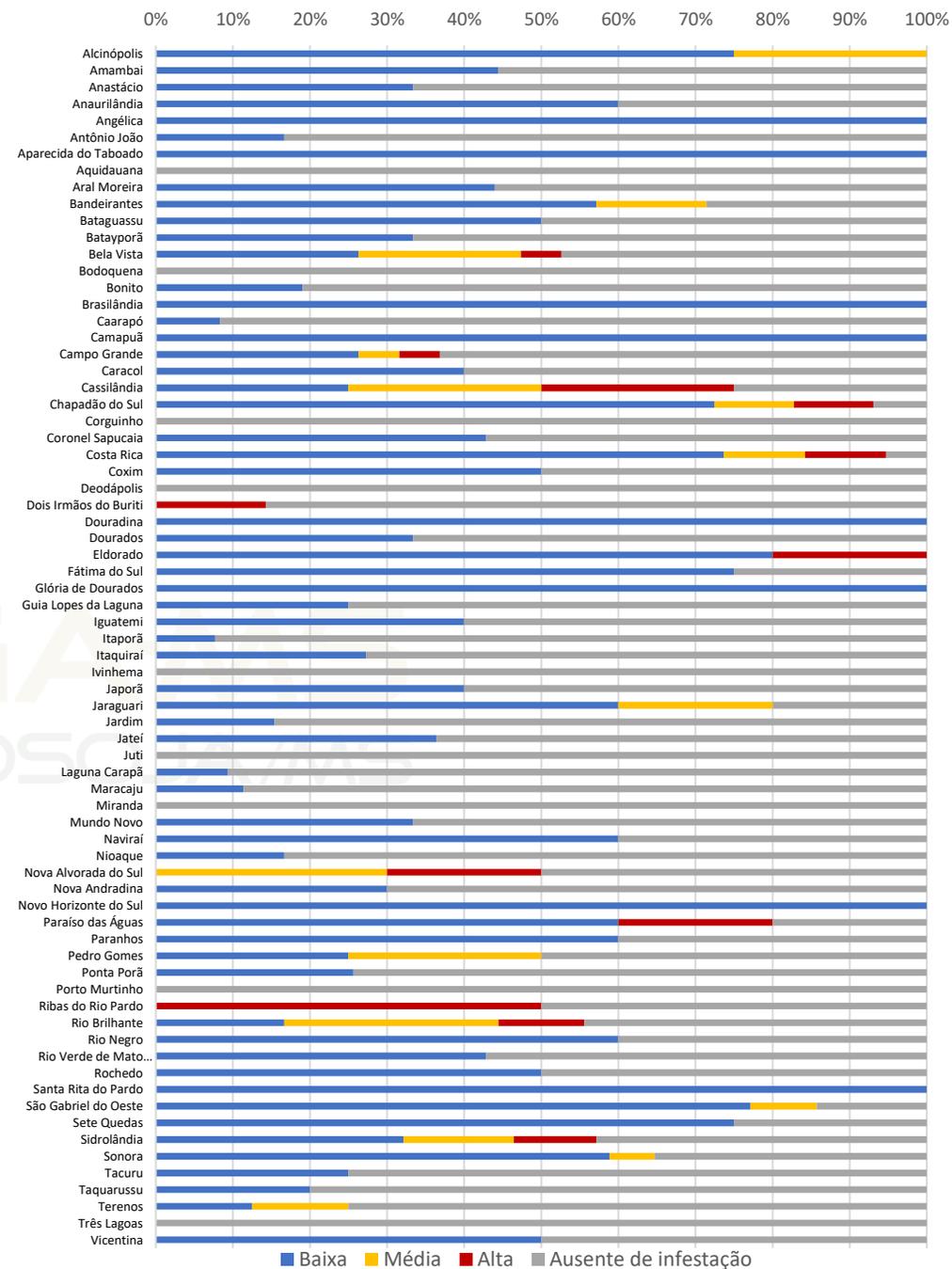
De modo geral, a infestação pode ser considerada sob controle no estado, uma vez que, em muitas propriedades, a planta daninha está ausente ou apresenta baixa incidência.

Gráfico 16 – Incidência de trapoeeraba no estado



Fonte: Aprosoja/MS - SIGA/MS Elaboração: Aprosoja/MS e Sistema Famasul

Municípios



Incidências de plantas daninhas



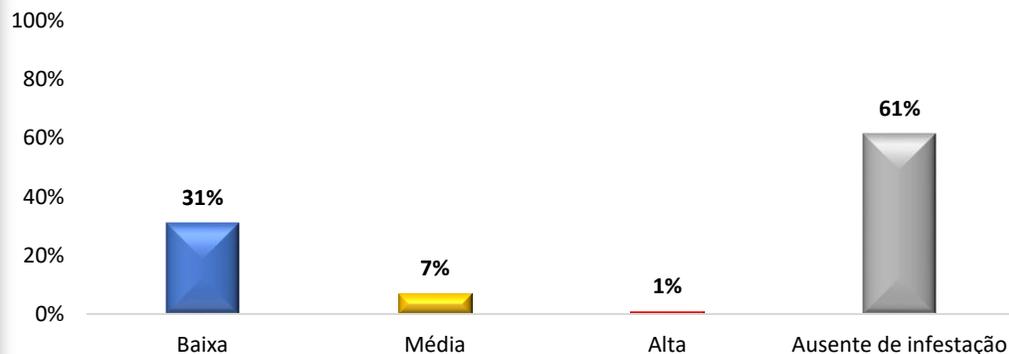
Capim Amargoso (*Digitaria insularis*)

O capim amargoso (*Digitaria insularis*) é a principal planta invasora nos cultivos de soja e milho em Mato Grosso do Sul. Essa espécie é considerada resistente a alguns princípios ativos. O controle dessa espécie no Brasil demanda investimentos significativos e requer estratégias de manejo rigorosas para mitigar impactos na produtividade agrícola.

Os municípios que apresentaram alta incidência incluem Chapadão do Sul, Paranhos, Ponta Porã, Sidrolândia e Terenos.

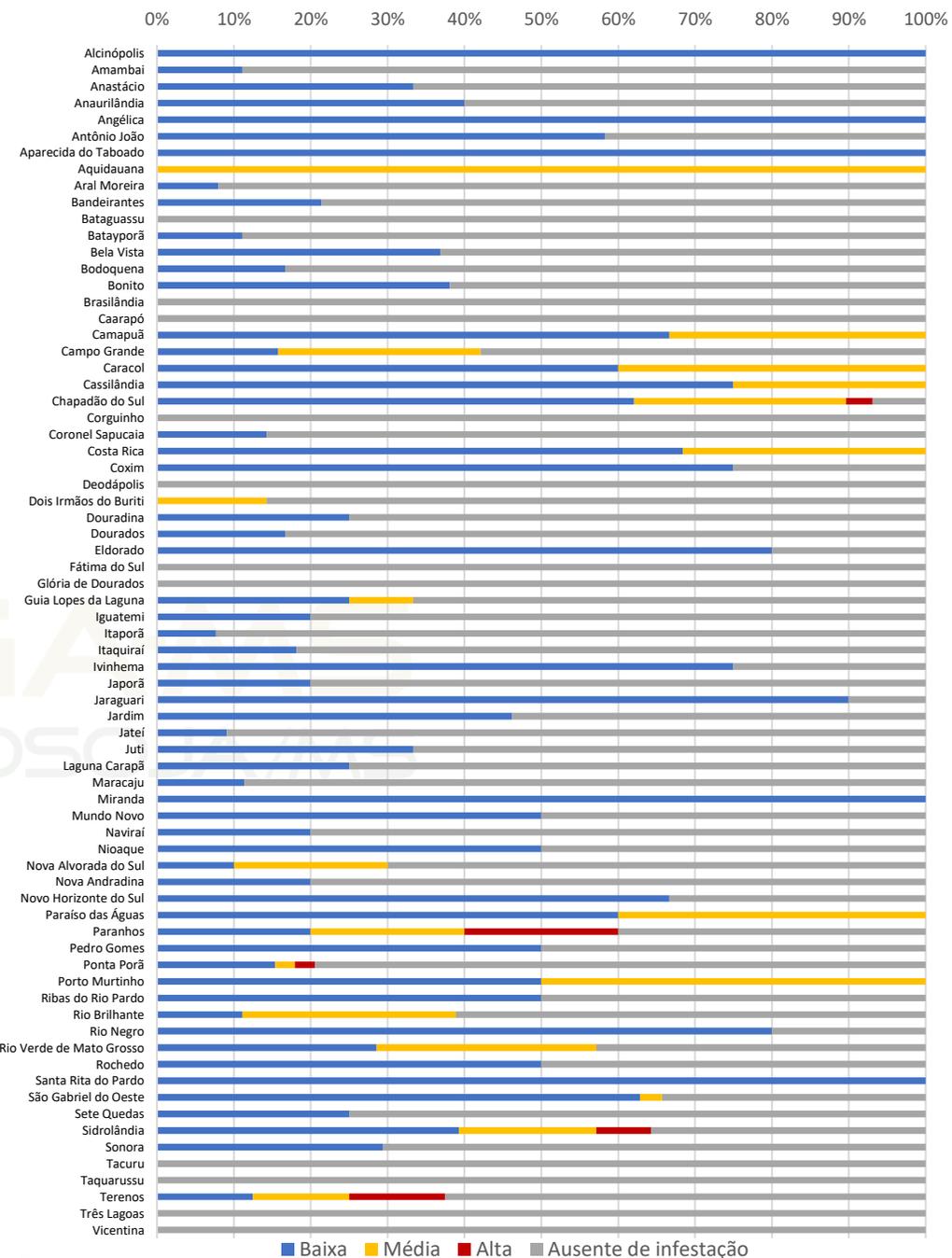
Embora a infestação possa ser considerada sob controle, é necessário um monitoramento constante e atenção contínua.

Gráfico 17 – Incidência de capim amargoso no estado



Fonte: Aprosoja/MS - SIGA/MS Elaboração: Aprosoja/MS e Sistema Famasul

Municípios



Incidências de plantas daninhas

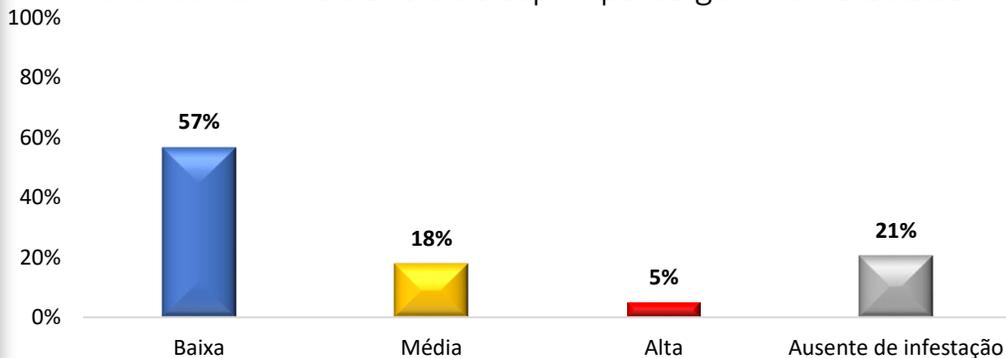
Capim Pé de Galinha (*Eleusine indica*)

O capim pé de galinha (*Eleusine indica*) é uma planta invasora nos cultivos de soja e milho. Embora seja considerada de fácil controle, essa planta se desenvolve bem em diversos tipos de solo e produz uma grande quantidade de sementes que podem germinar em qualquer época do ano.

Entre os municípios com maior incidência dessa espécie destacam-se: Bela Vista, Camapuã, Campo Grande, Cassilândia, Chapadão do Sul, Costa Rica, Dois Irmãos do Buriti, Nova Alvorada do Sul, Ponta Porã, Rio Brilhante, Rio Negro, Sidrolândia e Terenos.

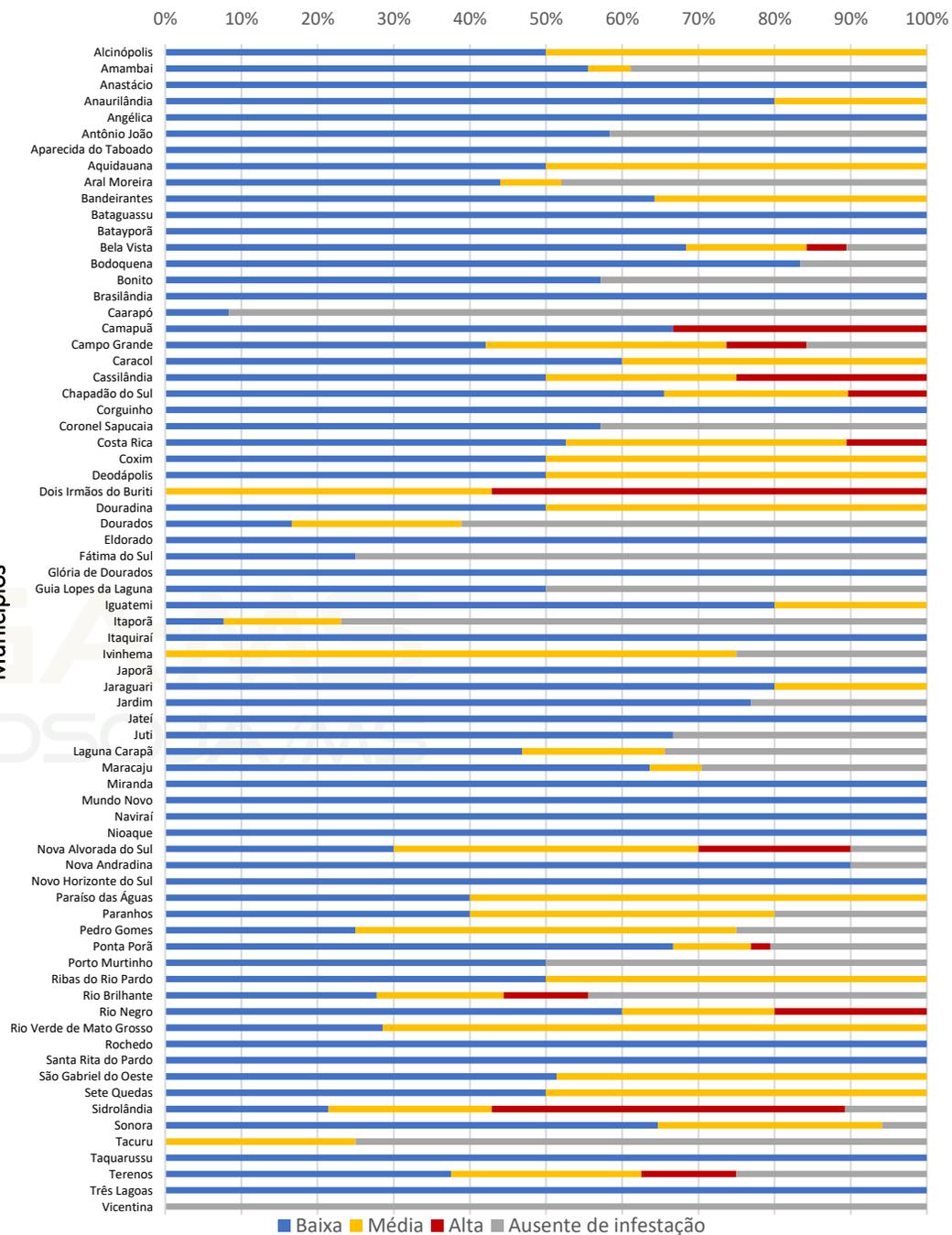
De modo geral, no contexto estadual, a infestação merece atenção. A maioria das propriedades apresentou níveis variados de ocorrência, que vão de baixo a médio e alto.

Gráfico 18 – Incidência de capim pé de galinha no estado



Fonte: Aprosoja/MS - SIGA/MS Elaboração: Aprosoja/MS e Sistema Famasul

Municípios



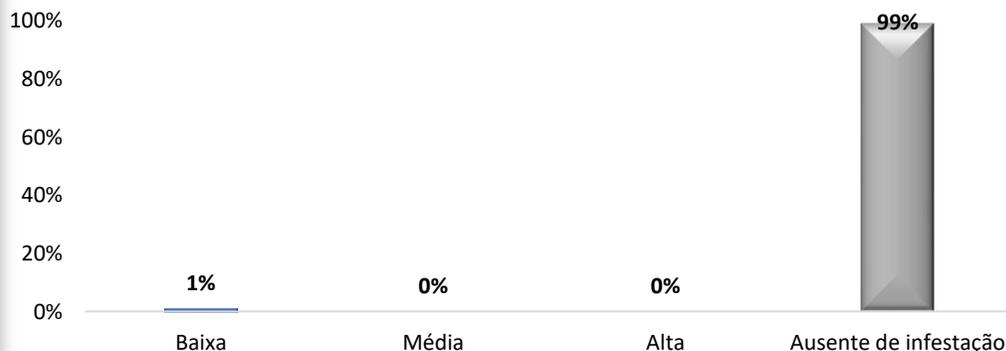
Incidências de plantas daninhas

Caruru Gigante (*Amaranthus palmeri*)

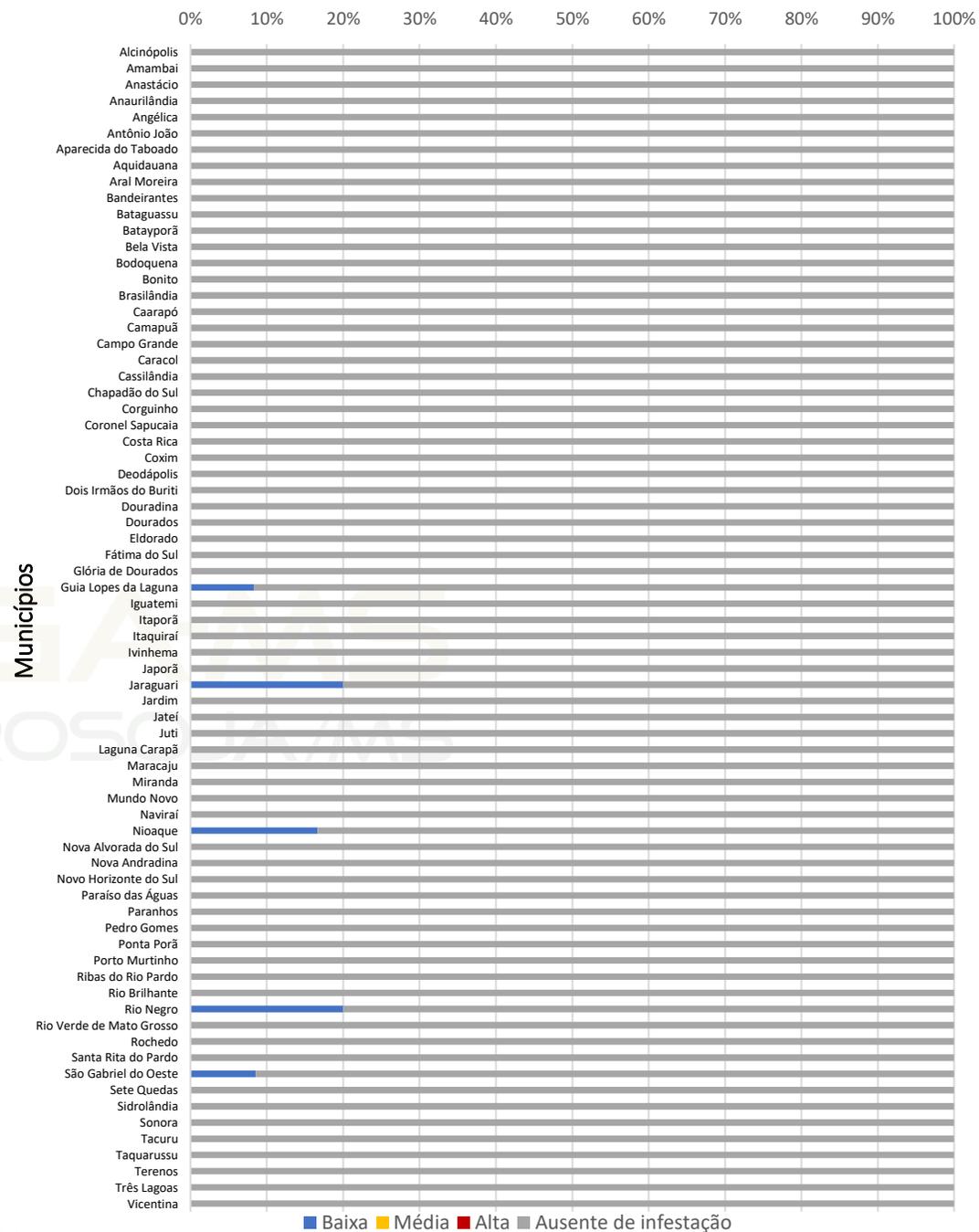
O caruru gigante (*Amaranthus palmeri*) é uma planta invasora que afeta cultivos como soja, milho e algodão no Brasil. Essa espécie compete intensamente por recursos e pode reduzir significativamente o rendimento das culturas, resultando em perdas na produção. O controle do caruru gigante é desafiador devido à sua resistência a herbicidas, tornando necessárias a adoção de práticas culturais e métodos mecânicos. A planta se adapta a diversos tipos de solo, mas tende a prosperar em solos bem drenados. O manejo integrado de ervas daninhas é essencial para lidar com essa ameaça em diferentes regiões e culturas.

Na safra atual, apenas 8 propriedades visitadas apresentaram incidência. De maneira geral, é possível afirmar que a infestação está sob controle no estado, com muitas propriedades apresentando a ausência do caruru gigante.

Gráfico 19 – Incidência de caruru gigante no estado



Fonte: Aprosoja/MS - SIGA/MS Elaboração: Aprosoja/MS e Sistema Famasul



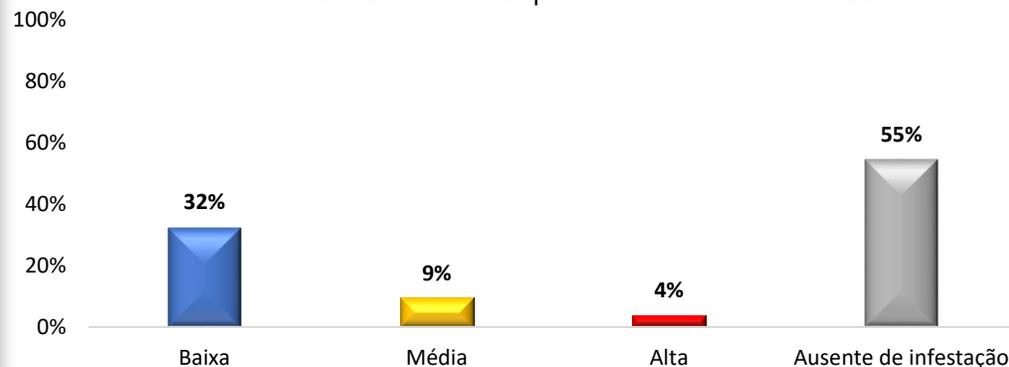
Incidências de plantas daninhas

Capim Vassourinha (*Sorghum halepense*)

O capim vassourinha (*Sorghum halepense*), também conhecido como capim massambará, é uma planta daninha perene que representa um desafio significativo no cultivo de milho em Mato Grosso do Sul. Compete intensamente por recursos essenciais como nutrientes, água e luz, além de dificultar a colheita. Para controlar essa planta de forma eficaz, é recomendável adotar uma abordagem integrada que combine métodos preventivos, como rotação de culturas e cobertura do solo, com controle químico através de herbicidas específicos e controle mecânico, como capina e roçada.

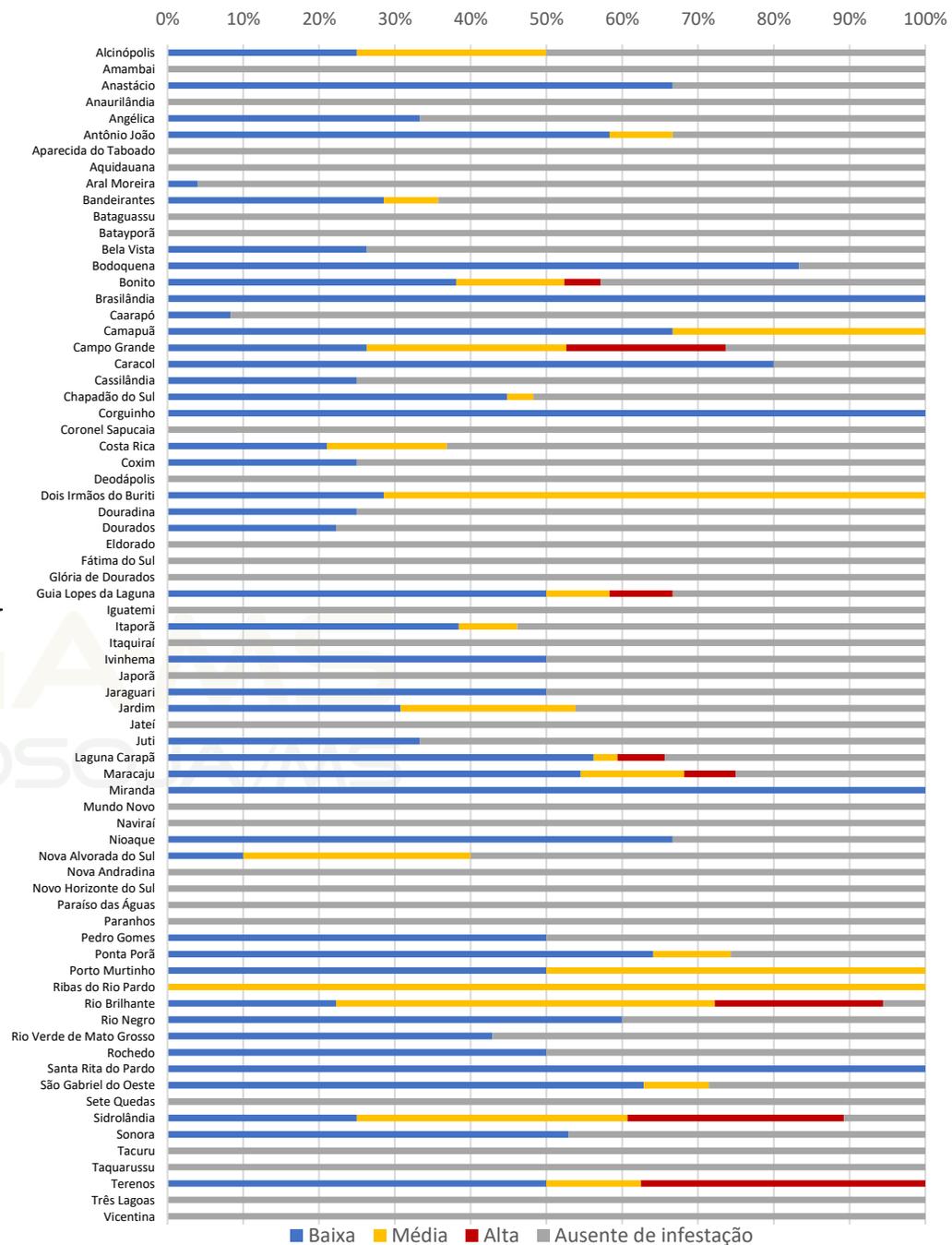
Na safra atual, os municípios com alta incidência incluem Bonito, Campo Grande, Guia Lopes da Laguna, Laguna Carapã, Maracaju, Rio Brillhante, Sidrolândia e Terenos. Esta planta daninha tem demandado atenção nas últimas safras, chegando a impedir a comercialização.

Gráfico 20 – Incidência de capim vassourinha no estado



Fonte: Aprosoja/MS - SIGA/MS Elaboração: Aprosoja/MS e Sistema Famasul

Municípios



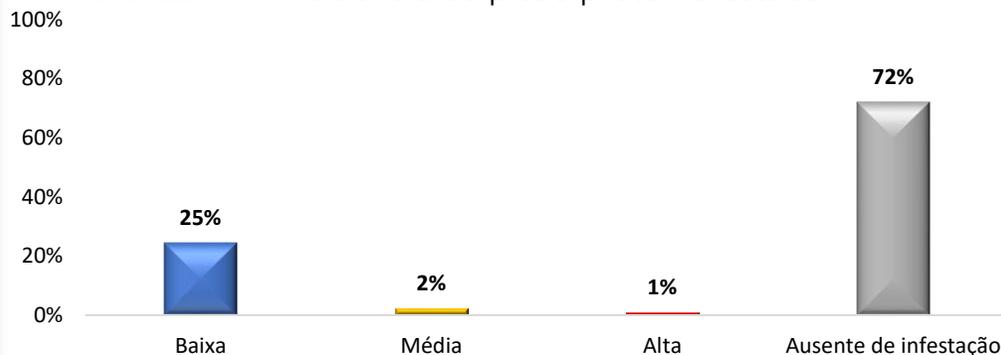
Incidências de plantas daninhas

Picão Preto (*Bidens pilosa*)

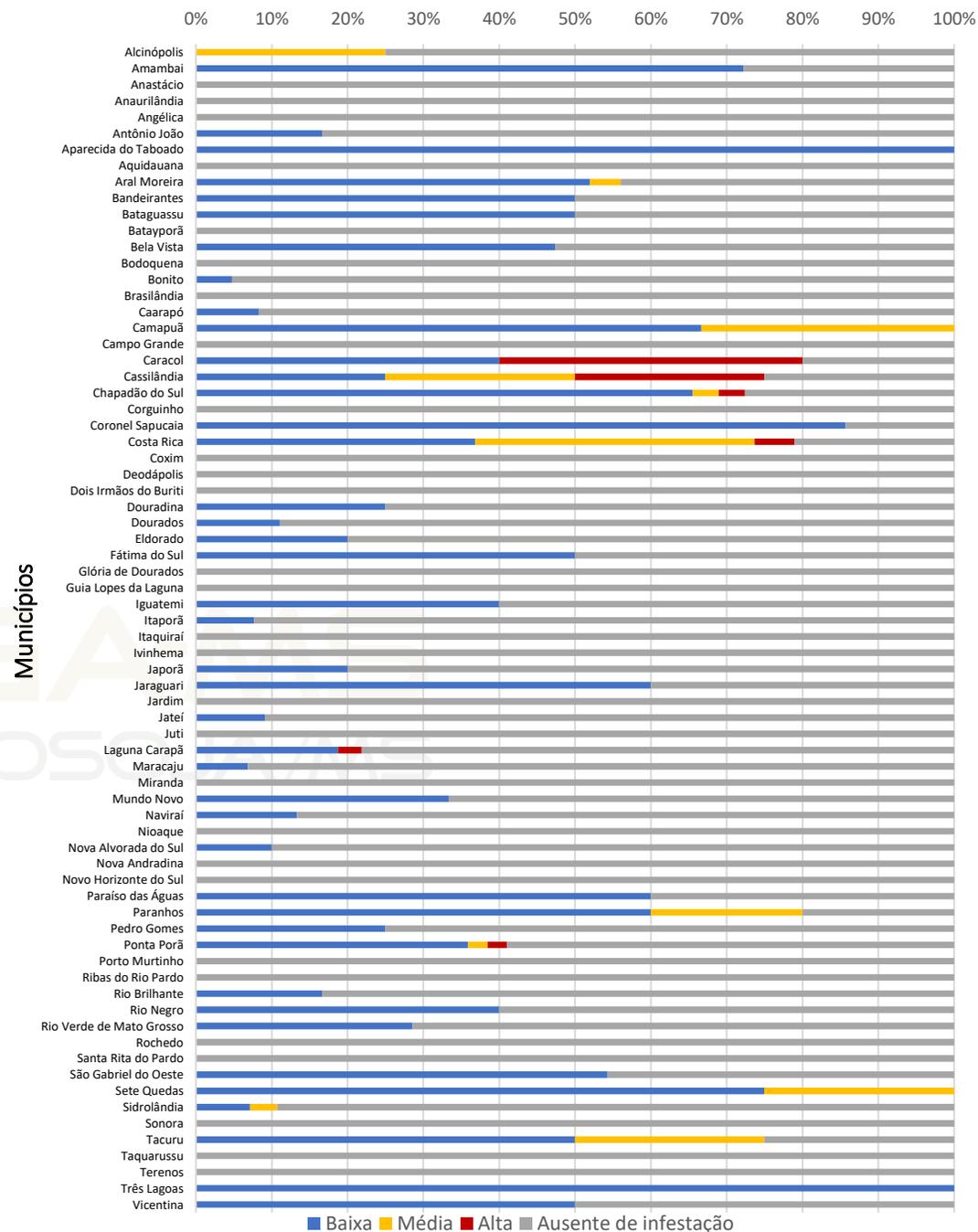
O picão preto (*Bidens pilosa*) é uma planta daninha amplamente disseminada em áreas agrícolas, conhecida por sua alta capacidade de competição com culturas comerciais, o que pode resultar em significativas perdas de produtividade. O controle dessa planta é crucial para garantir a saúde das lavouras e a eficiência da produção agrícola. Métodos de controle incluem práticas culturais, como a rotação de culturas e o uso de cobertura vegetal, além de métodos mecânicos, como capina manual e uso de herbicidas específicos. A integração desses métodos é essencial para um manejo eficaz e sustentável do picão-preto.

Na safra atual, apenas os municípios de Caracol, Cassilândia, Chapadão do Sul e Costa Rica apresentaram alta incidência. Embora a infestação possa ser considerada sob controle, ela ainda demanda constante atenção e monitoramento.

Gráfico 21 – Incidência de picão preto no estado



Fonte: Aprosoja/MS - SIGA/MS Elaboração: Aprosoja/MS e Sistema Famasul



Incidências de pragas

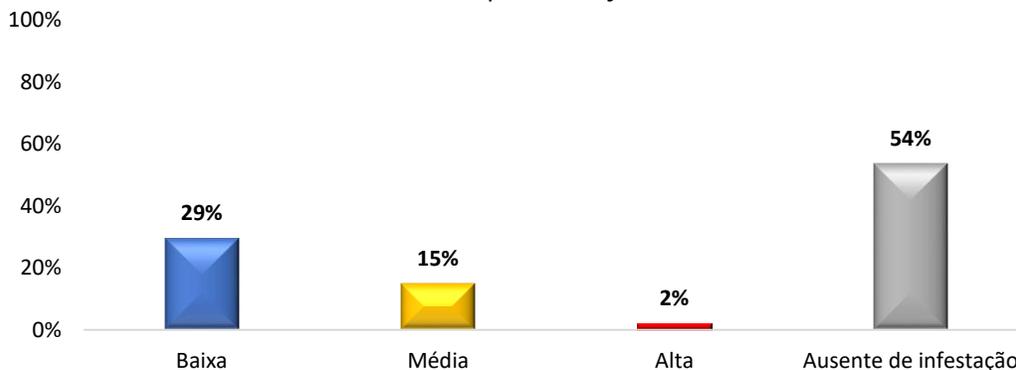
Percevejo Marrom (*Euschistus heros*)

O percevejo marrom (*Euschistus heros*) é uma das principais pragas nos cultivos de soja e milho em Mato Grosso do Sul. Um dos fatores que contribuem para o aumento da população dessa espécie é a flutuação populacional em sucessões de soja e milho, permitindo que a praga continue seu ciclo em condições favoráveis (SISMEIRO et al., 2013).

Os municípios que apresentaram alta incidência incluem Água Clara, Bela Vista, Campo Grande, Coronel Sapucaia, Costa Rica, Dois Irmãos do Buriti, Laguna Carapã, Paranaíba, Ponta Porã, Ribas do Rio Pardo, Santa Rita do Pardo, Sidrolândia e Terenos.

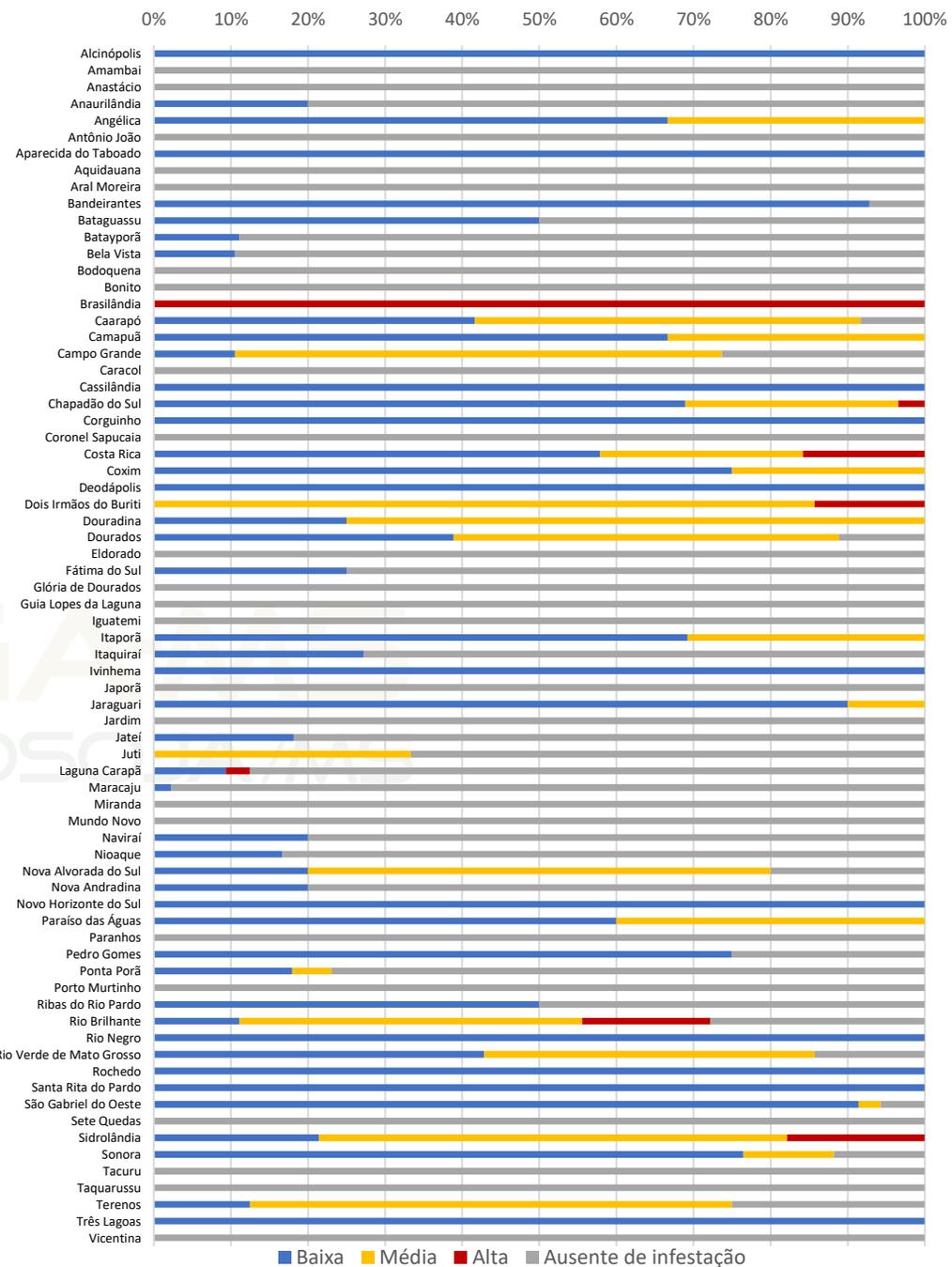
Embora a população do percevejo marrom possa ser considerada sob controle, é necessário melhoramento genético para aprimorar o controle.

Gráfico 22 – Incidência de percevejo marrom no estado



Fonte: Aprosoja/MS - SIGA/MS Elaboração: Aprosoja/MS e Sistema Famasul

Municípios



Incidências de pragas

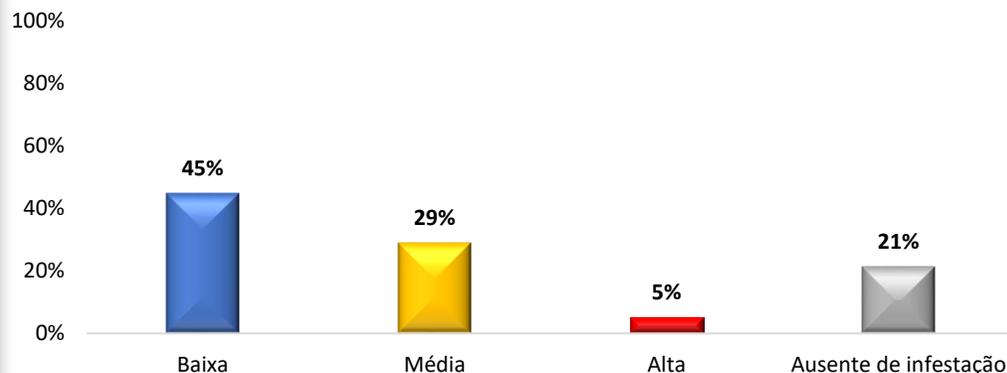
Percevejo Barriga Verde (*Dichelops* spp.)

O percevejo barriga verde (*Dichelops melacanthus*) representa uma das principais ameaças aos cultivos de soja e milho. Os fatores que favorecem o aumento da população do percevejo marrom também beneficiam o percevejo barriga verde.

Os municípios que registraram alta incidência dessa praga incluem Amambai, Antônio João, Bela Vista, Brasilândia, Caracol, Chapadão do Sul, Costa Rica, Dois Irmãos do Buriti, Itaporã, Laguna Carapã, Nova Alvorada do Sul, Ponta Porã, Ribas do Rio Pardo, Rio Brillhante e Sidrolândia.

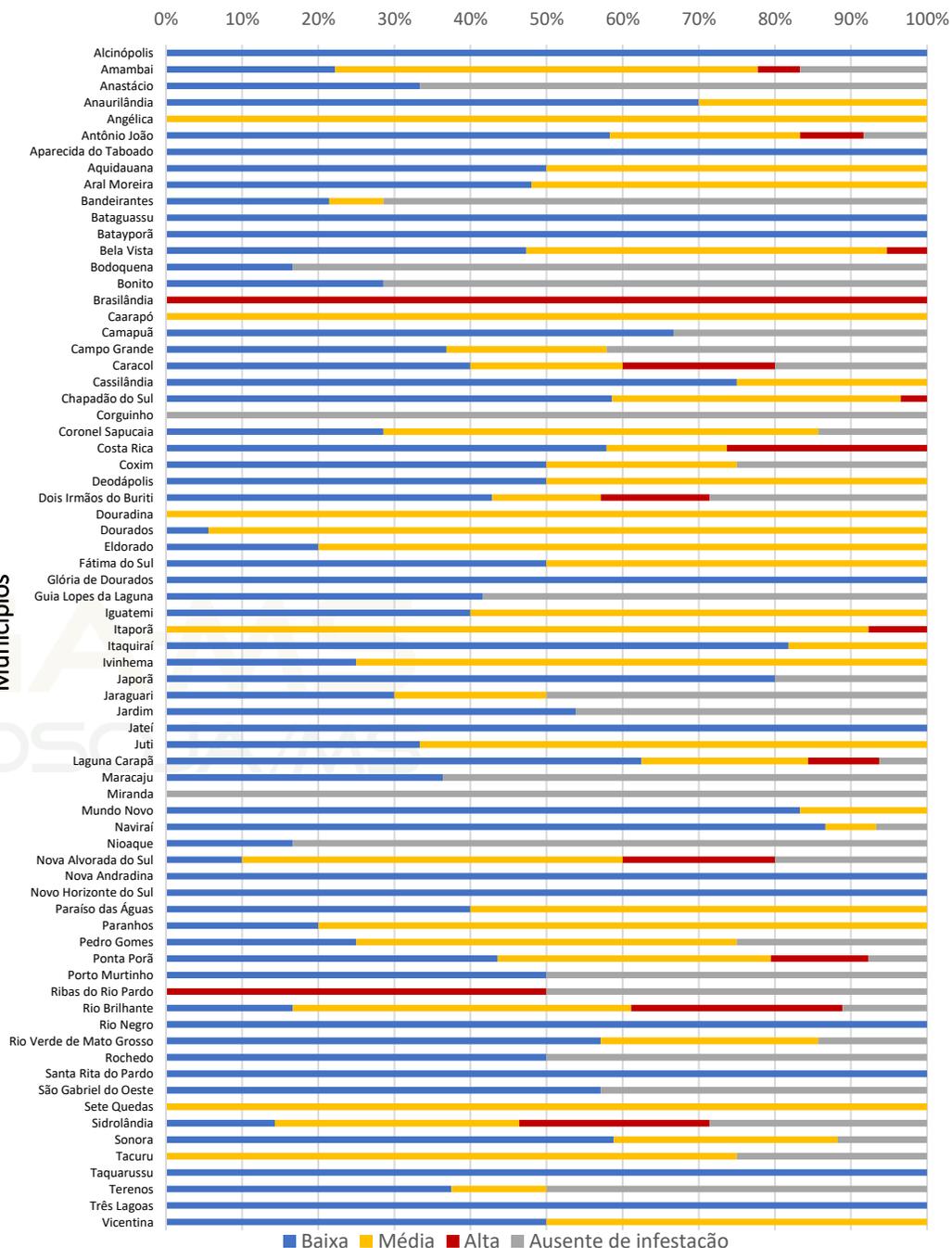
A infestação do percevejo barriga verde é considerada alta para a cultura do milho no estado, exigindo a atenção de todos os setores envolvidos na cadeia produtiva.

Gráfico 23 – Incidência de percevejo barriga verde no estado



Fonte: Aprosoja/MS - SIGA/MS Elaboração: Aprosoja/MS e Sistema Famasul

Municípios



Incidências de pragas

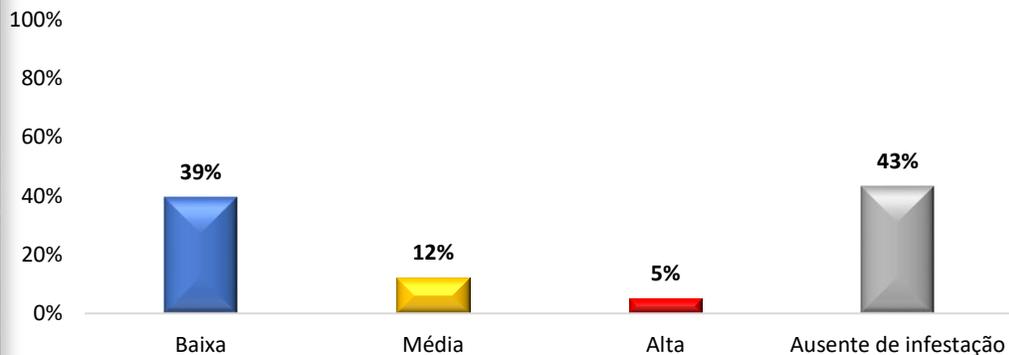
Lagarta do Cartucho (*Spodoptera spp.*)

A lagarta do cartucho (*Spodoptera spp.*) é uma das principais pragas no cultivo do milho, sendo distribuída em três espécies: frugiperda, eridania e cosmíodes. Além de atacar o cartucho, também causa desfolha. É uma praga de difícil controle, mesmo com a inserção de cultivares tolerantes a algumas dessas espécies.

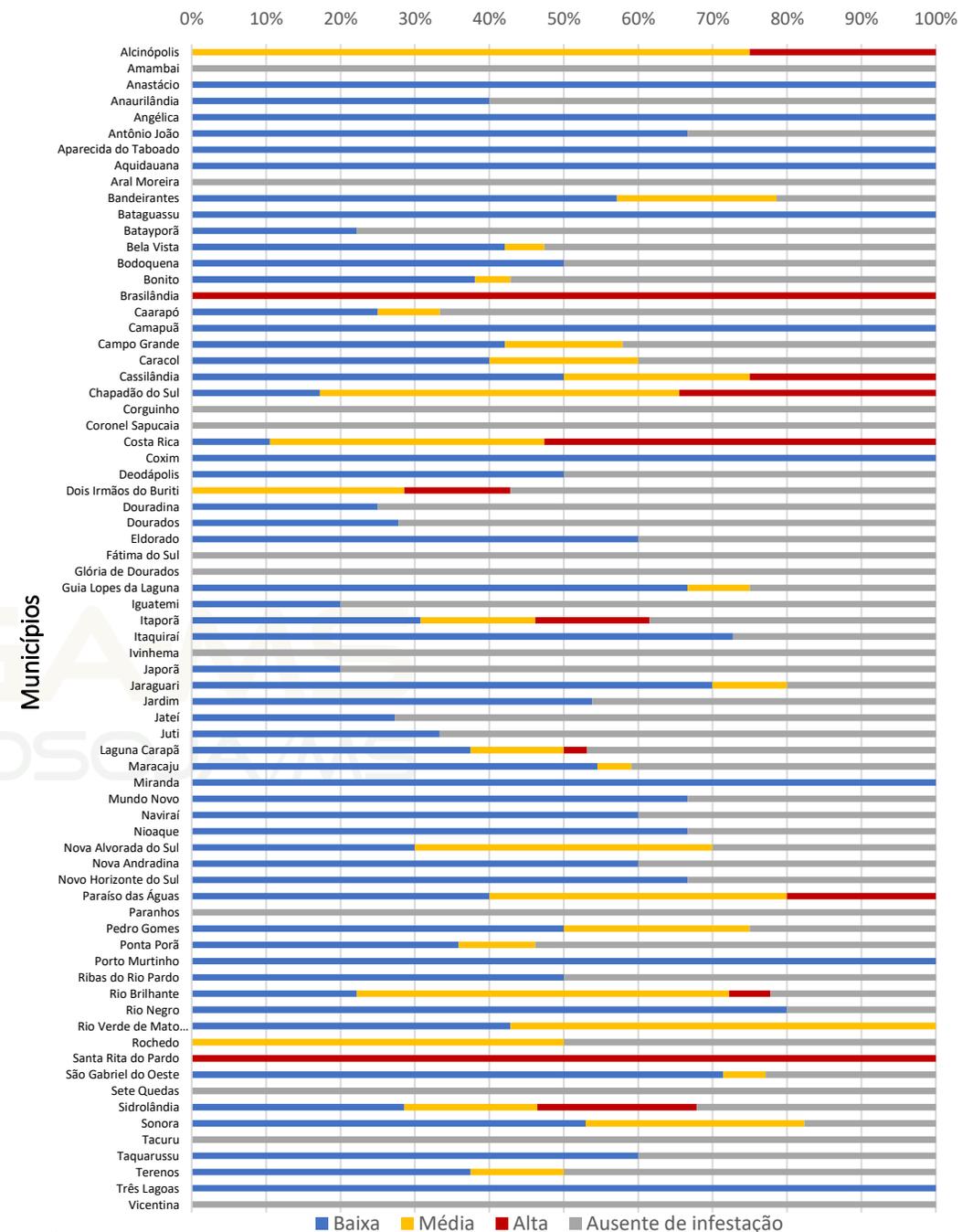
Os municípios que apresentaram alta incidência foram: Alcinópolis, Brasilândia, Cassilândia, Chapadão do Sul, Costa Rica, Dois Irmãos do Buriti, Itaporã, Laguna Carapã, Paraíso das Águas, Rio Brilhante, Santa Rita do Pardo e Sidrolândia. Houve um aumento na incidência em comparação ao ciclo de milho anterior.

A situação pode ser considerada sob controle no estado até o momento. Muitas propriedades estão ausentes de infestação no momento e outras apresentam baixa incidência.

Gráfico 24 – Incidência de lagarta do cartucho no estado



Fonte: Aprosoja/MS - SIGA/MS Elaboração: Aprosoja/MS e Sistema Famasul



Incidências de pragas

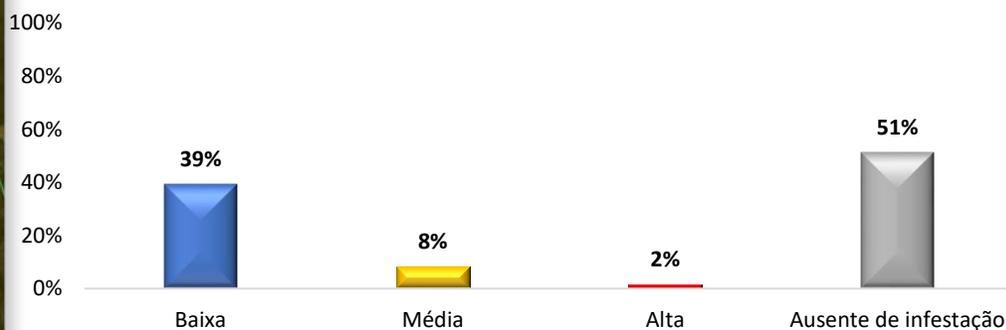
Lagarta da Espiga (*Helicoverpa zea*)

A lagarta da espiga (*Helicoverpa zea*) é uma praga significativa que ataca diretamente as espigas, causando danos aos grãos e facilitando a entrada de microrganismos que podem levar à podridão. O controle dessa praga é crucial para garantir a produtividade e a qualidade do milho, e pode ser realizado através de métodos químicos, biológicos, manejo integrado de pragas (MIP) e práticas culturais, como rotação de culturas e uso de variedades resistentes.

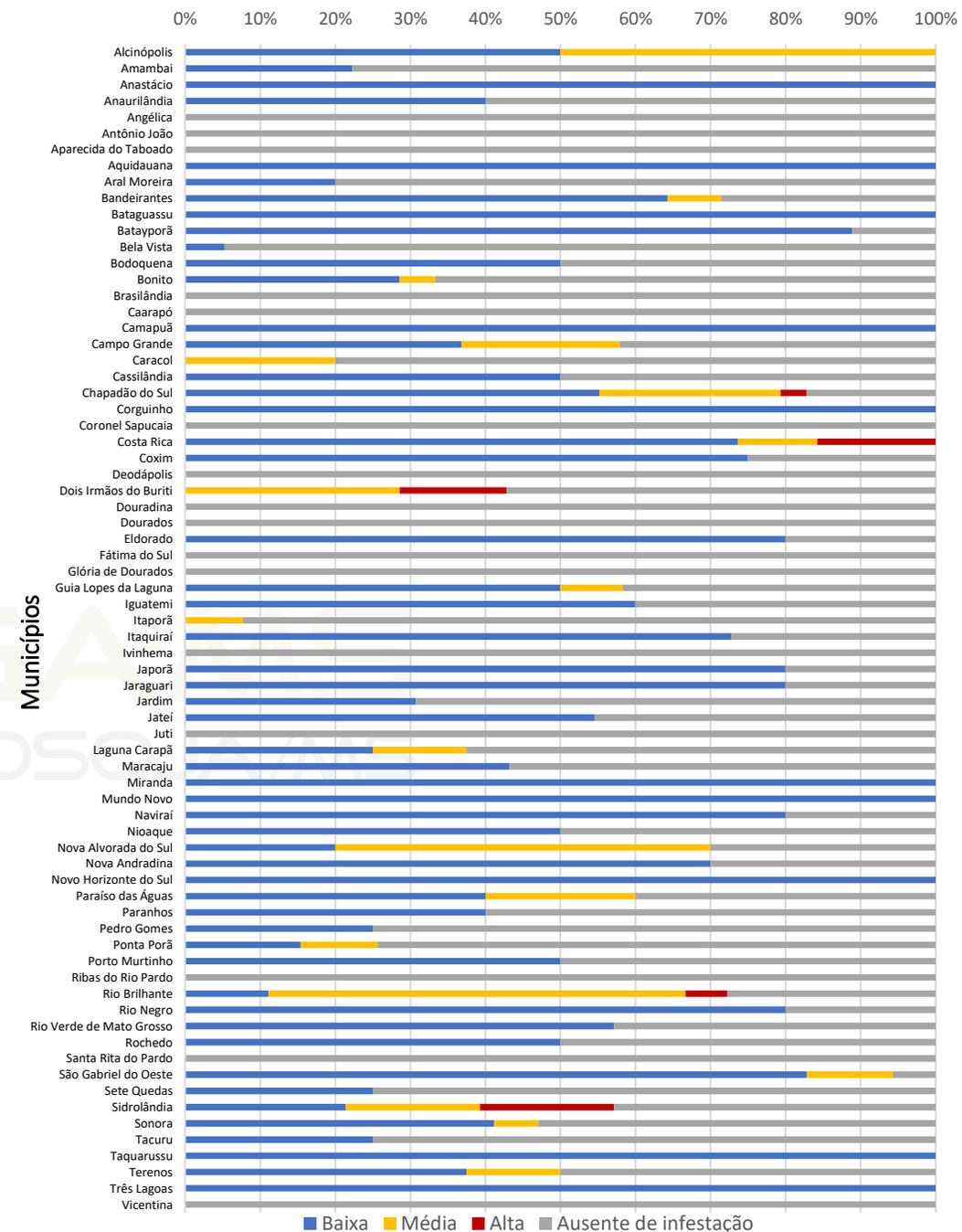
Os municípios que apresentaram alta incidência foram: Chapadão do Sul, Costa Rica, Dois Irmãos do Buriti, Rio Brillante e Sidrolândia. Houve um aumento na incidência em comparação ao ciclo de milho anterior.

A situação pode ser considerada sob controle no estado até o momento. Muitas propriedades estão ausentes de infestação no momento.

Gráfico 25 – Incidência de lagarta da espiga no estado



Fonte: Aprosoja/MS - SIGA/MS Elaboração: Aprosoja/MS e Sistema Famasul



Incidências de pragas

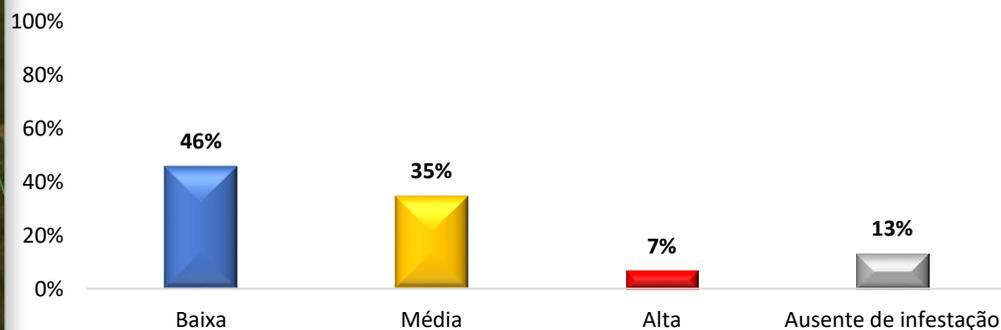
Cigarrinha (*Dalbulus maidis*)

A cigarrinha (*Dalbulus maidis*) se tornou a principal praga no cultivo de milho em Mato Grosso do Sul (MS). Este inseto é um hospedeiro que transmite mollicutes (espiroplasmas e fitoplasmas), causando os sintomas de enfezamento do milho (vermelho e pálido). Esta doença pode reduzir a produção em até 70%. Nesta safra, houve um aumento de 13% na incidência baixa. No entanto, reduziu em 6% na incidência média e de 5% na alta, com praticamente todas as propriedades apresentando infestação.

Os municípios com alta presença da praga foram: Antônio João, Aparecida do Taboado, Bela Vista, Brasilândia, Caracol, Cassilândia, Chapadão do Sul, Costa Rica, Dois Irmãos do Buriti, Itaporã, Laguna Carapã, Nova Alvorada do Sul, Paraíso das Águas, Ponta Porã, Rio Brillhante, Santa Rita do Pardo, São Gabriel do Oeste e Sidrolândia.

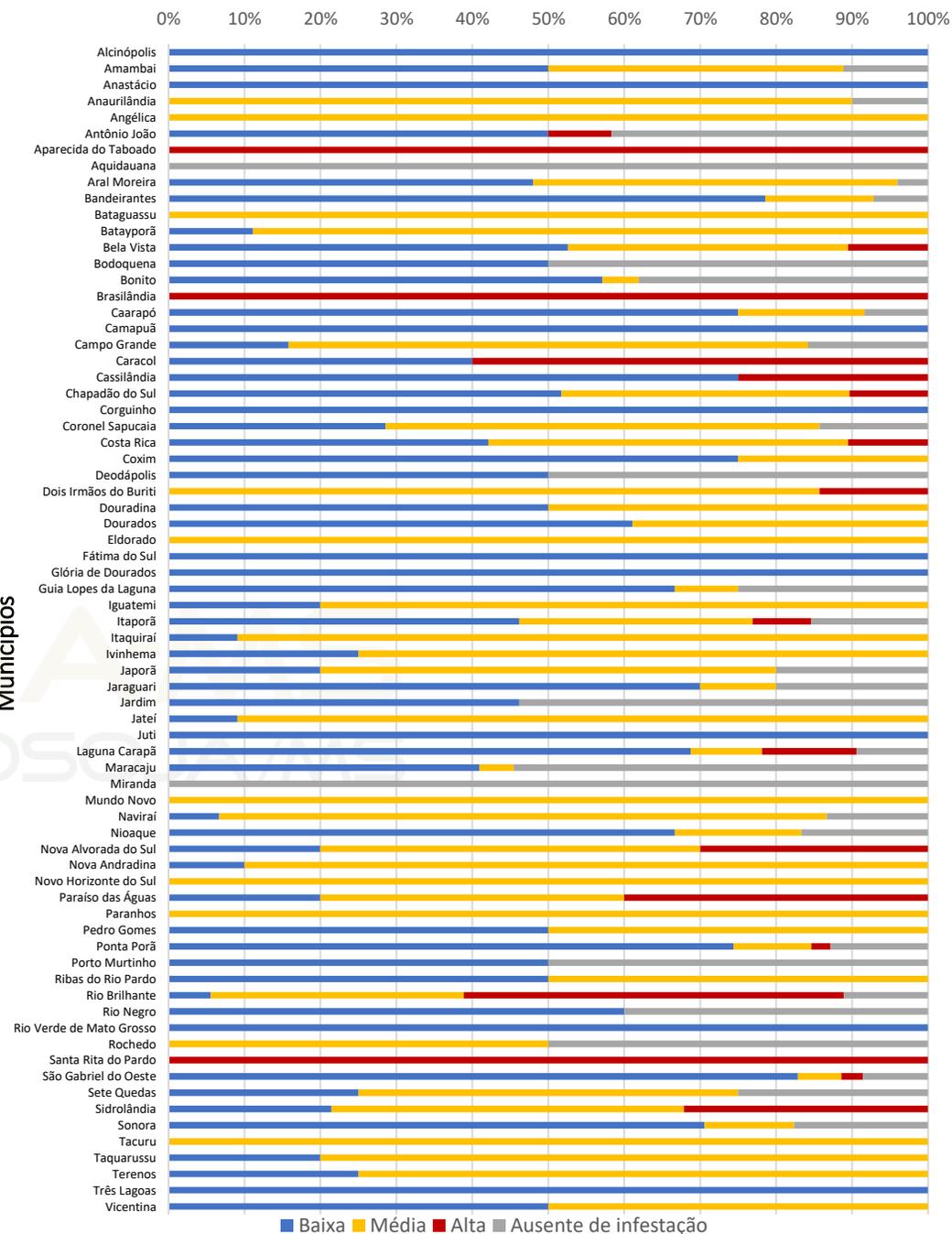
A infestação pode ser considerada sob controle, mas demanda atenção e monitoramento constantes.

Gráfico 26 – Incidência de cigarrinha no estado



Fonte: Aprosoja/MS - SIGA/MS Elaboração: Aprosoja/MS e Sistema Famasul

Municípios



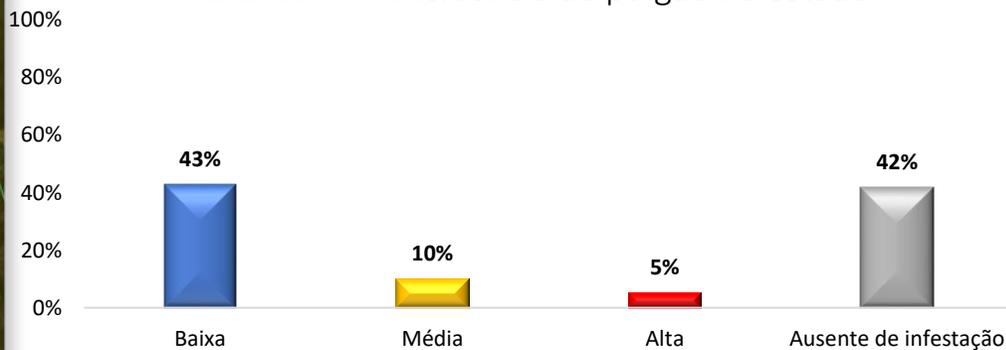
Incidências de pragas

Pulgão (*Rhopalosiphum maidis*)

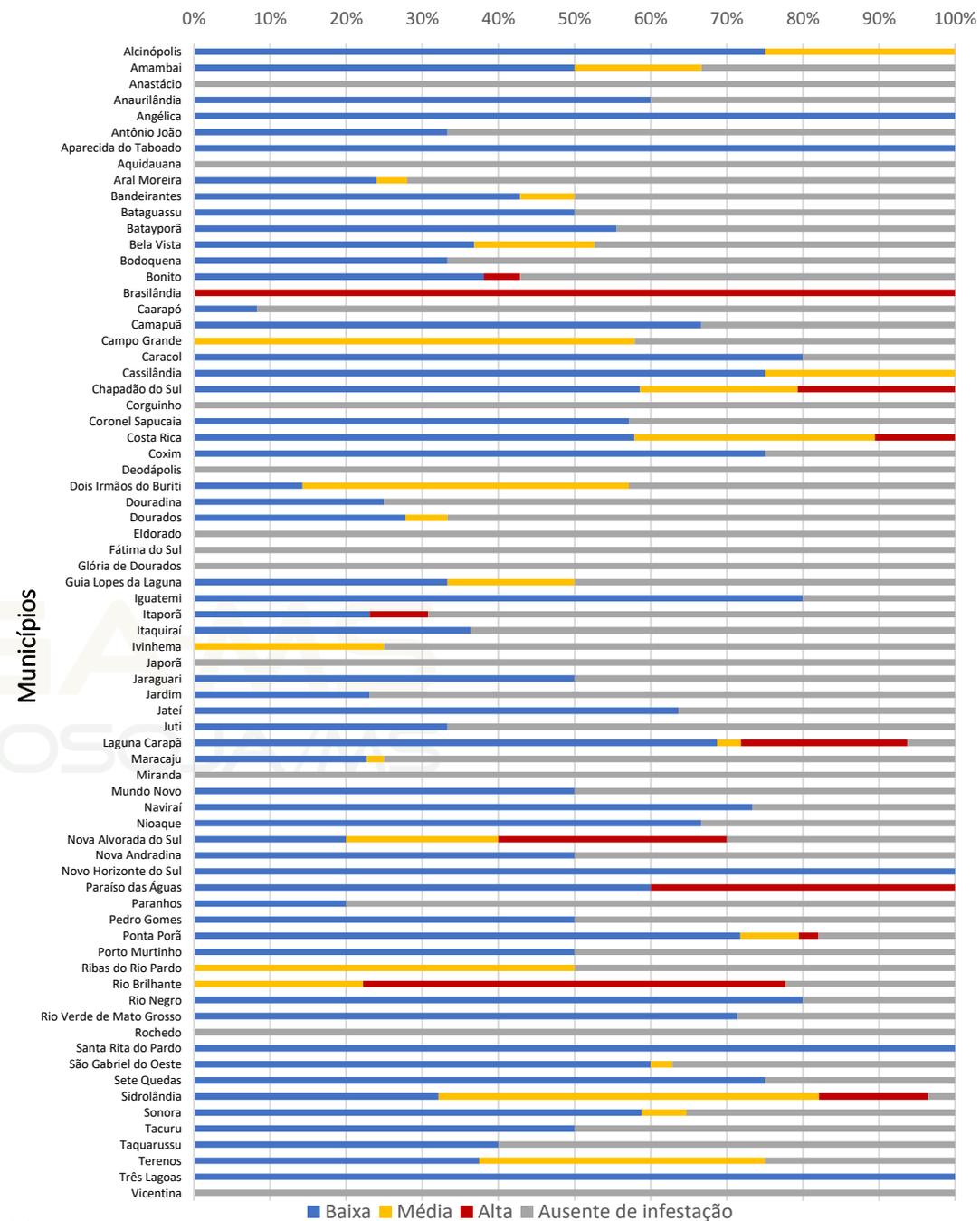
O pulgão (*Rhopalosiphum maidis*) pode causar danos significativos ao se alimentar da seiva das plantas, resultando em folhas amareladas, crescimento reduzido e menor rendimento das colheitas. Além disso, o pulgão é vetor de doenças virais que podem devastar as plantações. Métodos de controle incluem o uso de inseticidas específicos, a introdução de inimigos naturais como joaninhas e crisopídeos, e práticas culturais como a rotação de culturas e a eliminação de plantas hospedeiras alternativas.

Os municípios com alta presença da praga foram: Bonito, Brasilândia, Chapadão do Sul, Costa Rica, Itaporã, Laguna Carapã, Nova Alvorada do Sul, Paraíso das Águas, Ponta Porã, Rio Brilhante e Sidrolândia. A infestação pode ser considerada sob controle, mas demanda atenção e monitoramento constantes.

Gráfico 27 – Incidência de pulgão no estado



Fonte: Aprosoja/MS - SIGA/MS Elaboração: Aprosoja/MS e Sistema Famasul



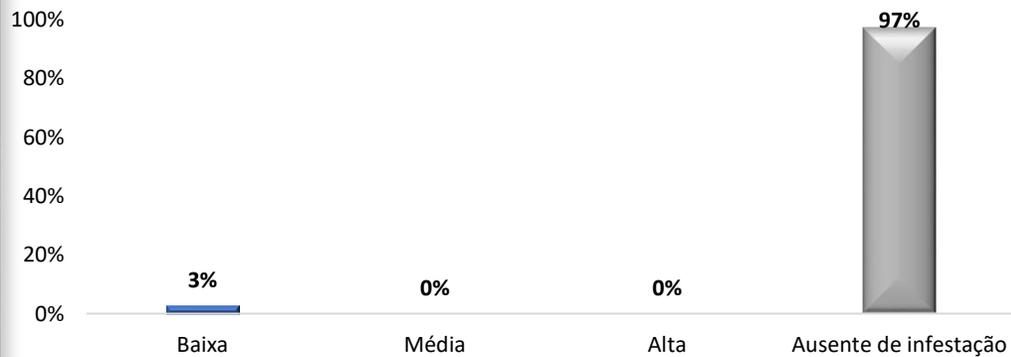
Incidências de pragas

Tripes

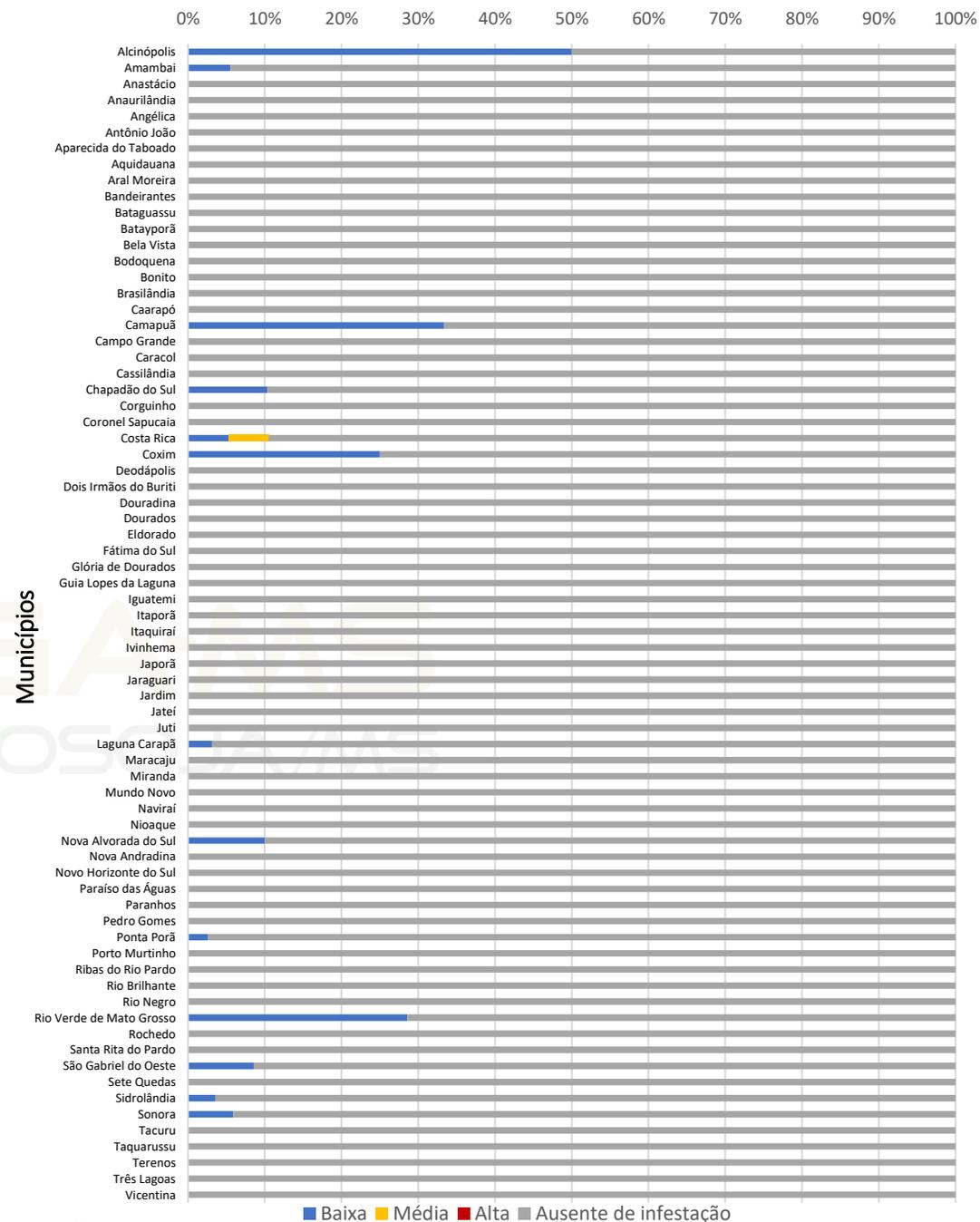
Os tripes (*Caliothrips brasiliensis*, *C. phaseoli* e *Frankliniella schultzei*) podem causar danos significativos às plantações de milho. Eles se alimentam da seiva das plantas, raspando e sugando folhas, flores e frutos, o que pode resultar em clorose, necrose e deformações nas folhas. Além disso, os tripes podem atuar como vetores de doenças virais, agravando ainda mais os prejuízos. Para controlar essa praga, é importante adotar práticas de manejo integrado, como o uso de inseticidas específicos, a introdução de inimigos naturais e a manutenção de boas práticas agrícolas, como a rotação de culturas e a eliminação de plantas hospedeiras alternativas.

É considerada sob controle no estado. A maioria das propriedades não têm incidência da praga e outras possuem baixa incidência.

Gráfico 28 – Incidência de tripes no estado



Fonte: Aprosoja/MS - SIGA/MS Elaboração: Aprosoja/MS e Sistema Famasul



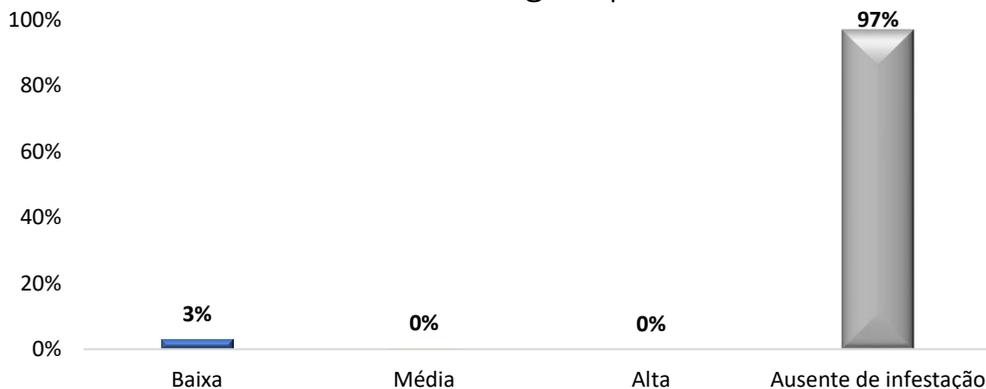
Incidências de doenças

Ferrugem Polissora (*Puccinia polysora*)

A ferrugem polissora (*Puccinia polysora*) é uma doença da cultura do milho. Para seu controle, é aconselhado realizar a rotação de culturas, realizar o plantio dentro zoneamento agro climático e usar fungicidas no momento certo, no caso do fungicida é a última estratégia que deve ser adotada. Nenhum município apresentou alta incidência.

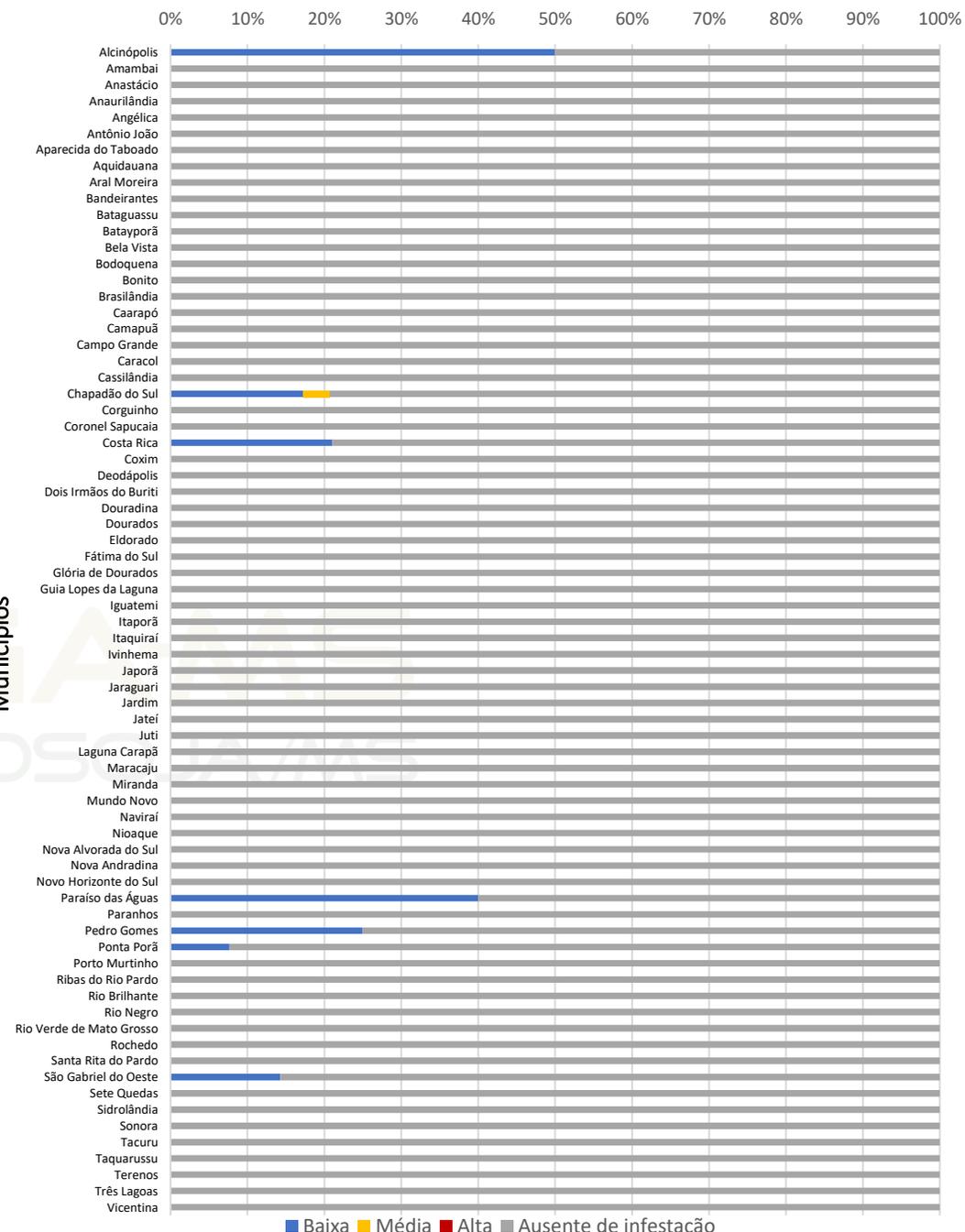
É considerada sob controle no estado. A maioria das propriedades não têm incidência da doença e outras possuem baixa incidência.

Gráfico 29 – Incidência de ferrugem polissora no estado



Fonte: Aprosoja/MS - SIGA/MS Elaboração: Aprosoja/MS e Sistema Famasul

Municípios



Incidências de doenças

Mancha Branca (*Phaeosphaeria maydis*)

A mancha branca (*Phaeosphaeria maydis*) é uma doença foliar que afeta a cultura milho. Para seu controle, é aconselhado usar variedades resistentes, rotação de culturas e usar fungicidas no momento certo, sendo está a última estratégia a ser adotada.

É considerada sob controle no estado. A maioria das propriedades não tem incidência da doença e outras possuem baixa a média incidência.



SIGA APROSOJA/MS

Municípios

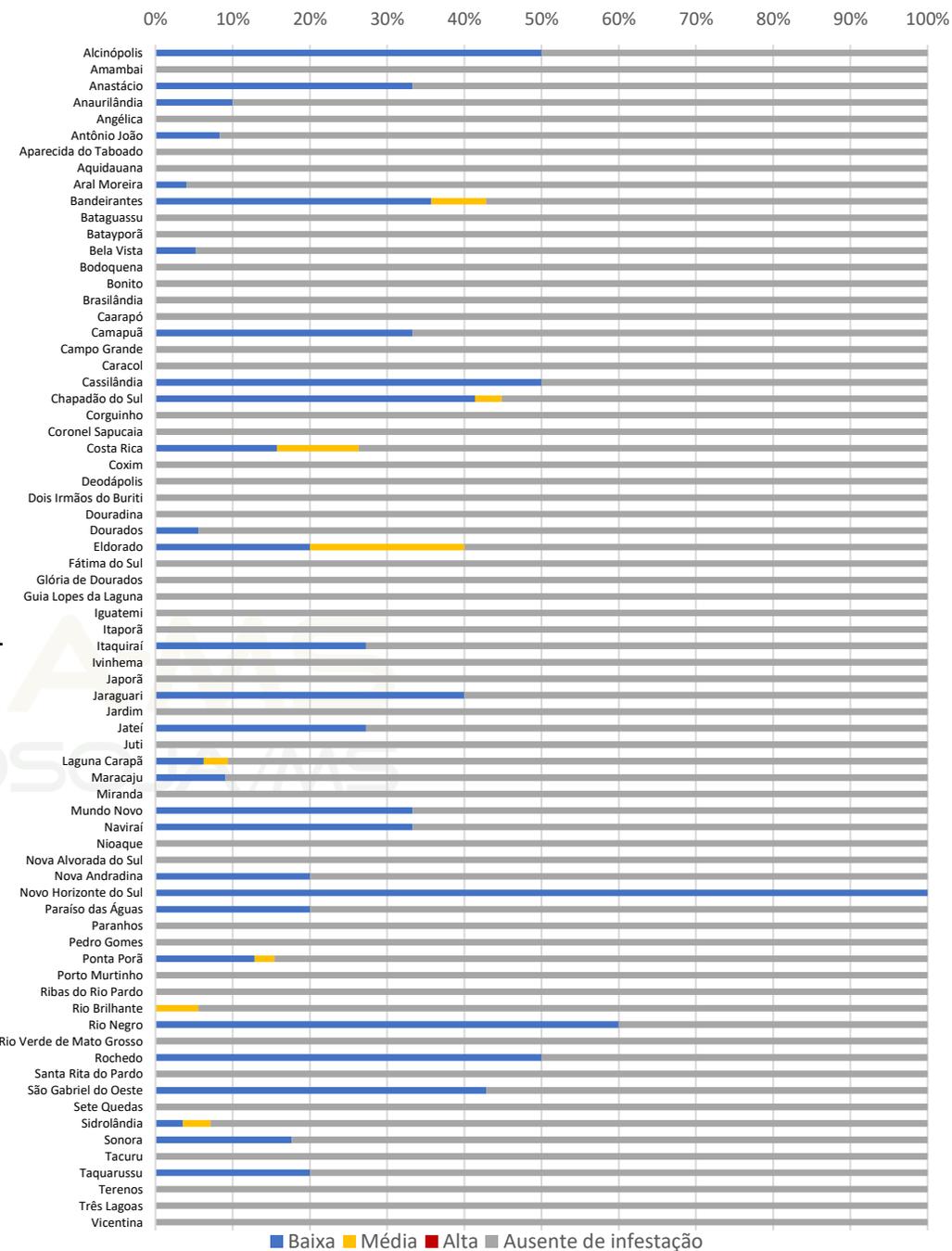
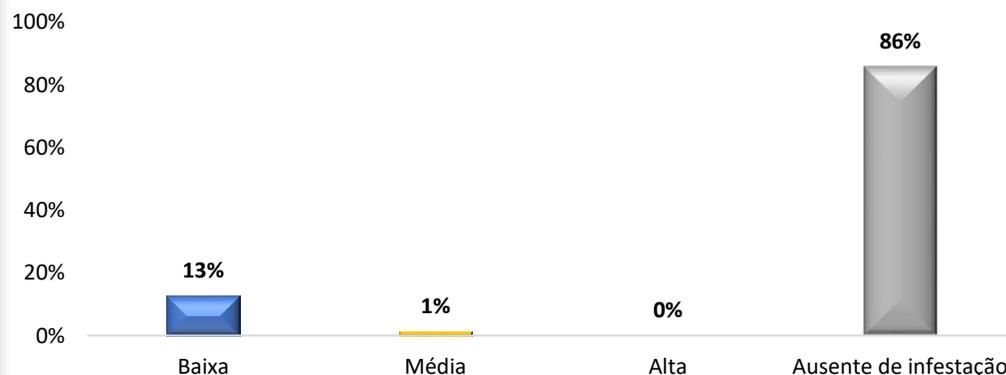


Gráfico 30 – Incidência de mancha branca no estado



Fonte: Aprosoja/MS - SIGA/MS Elaboração: Aprosoja/MS e Sistema Famasul

Incidências de doenças

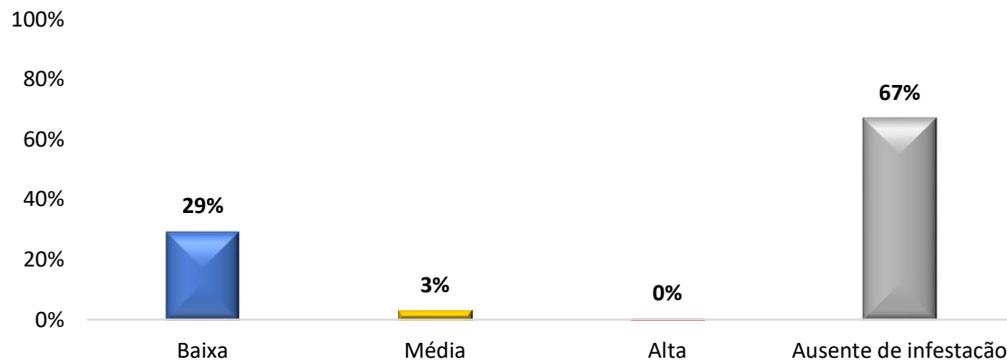
Enfezamento do milho

O enfezamento do milho apresenta dois tipos principais: enfezamento-pálido (causado por *Spiroplasma kunkelii*) e enfezamento-vermelho (causado por *Maize bushy stunt*). Essas doenças podem reduzir a produção em mais de 70%. Sua incidência aumenta a cada safra, exigindo atenção dos produtores. A cigarrinha-do-milho é o principal vetor dessas doenças. Durante o cultivo da soja, é crucial que o produtor controle as plantas tigueras de milho para evitar que sirvam de hospedeiro para pragas e doenças.

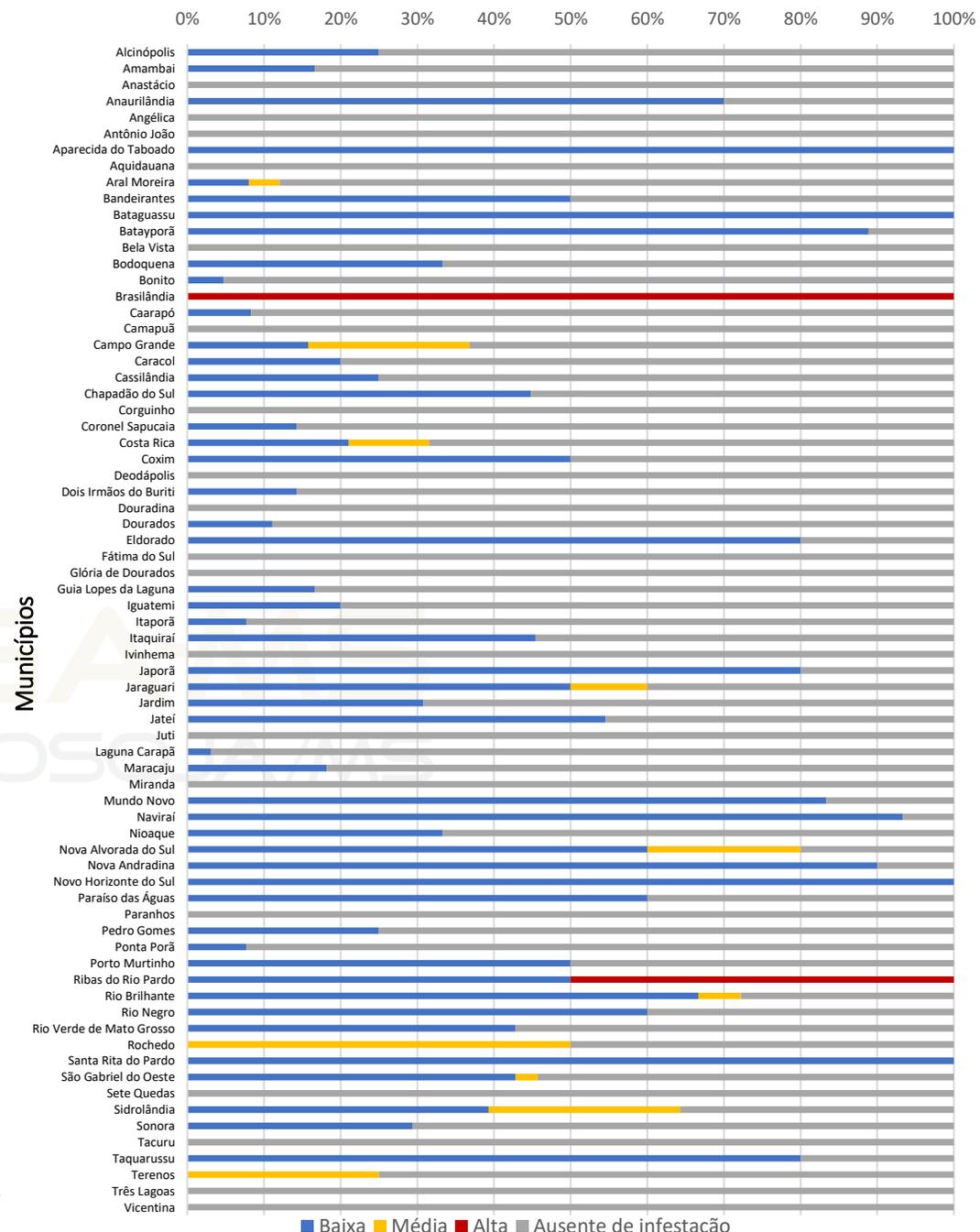
Na safra anterior, registramos um maior número de propriedades afetadas pela doença, mas nesta safra a infestação foi menor.

No entanto, apenas municípios de Brasilândia e Ribas do Rio Pardo apresentaram alta incidência. É importante ressaltar que, no estado, a doença é considerada sob controle.

Gráfico 31 – Incidência de enfezamento no estado



Fonte: Aprosoja/MS - SIGA/MS Elaboração: Aprosoja/MS e Sistema Famasul



Incidências de doenças

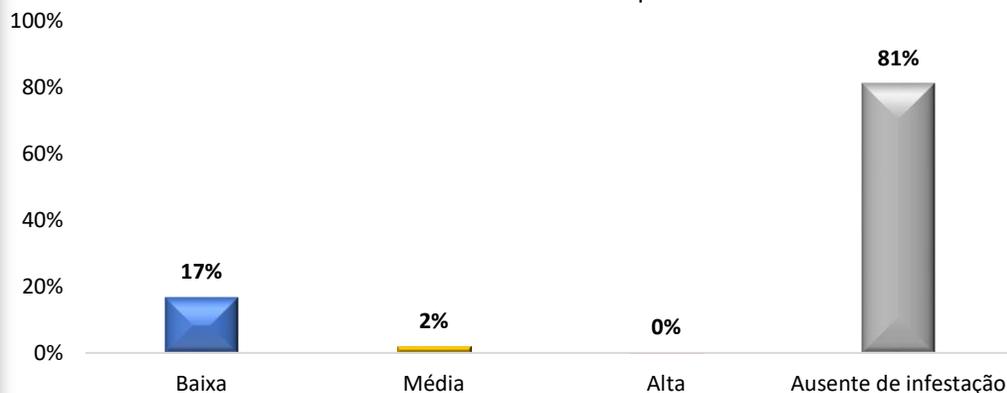
Helmintosporiose HT (*Exserohilum turcicum*)

A helmintosporiose, causada pelo fungo (*Exserohilum turcicum*), é uma doença que provoca manchas circulares a ovas nas folhas do milho, podendo levar à desfoliação precoce. A disseminação ocorre principalmente por chuva, vento e resíduos de cultura.

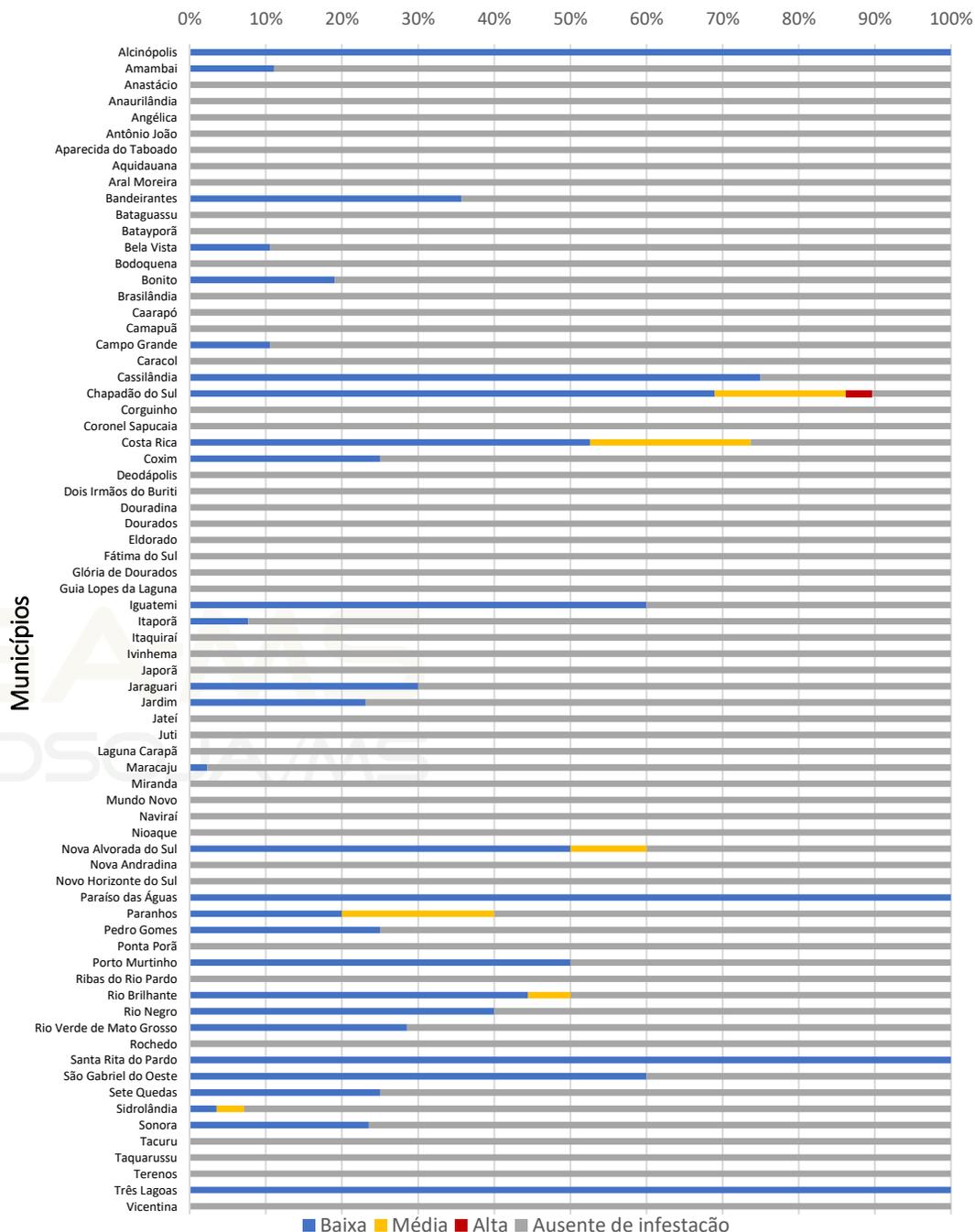
Para controlar a doença, é recomendado usar sementes saudáveis, rotacionar culturas, eliminar restos de cultura, plantar com espaçamento adequado, aplicar fungicidas conforme necessário e optar por variedades resistentes de milho. Chapadão do Sul foi o único município que apresentou alta incidência.

É considerada sob controle no estado. A maioria das propriedades não tem incidência da doença e outras possuem de baixa a média incidência.

Gráfico 32 – Incidência de helmintosporiose no estado



Fonte: Aprosoja/MS - SIGA/MS Elaboração: Aprosoja/MS e Sistema Famasul



Considerações finais



A 2ª safra de milho 2024/2025 em Mato Grosso do Sul apresentou resultados expressivos, consolidando o estado como um dos principais produtores do país. A área cultivada atingiu 2,142 milhões de hectares, ocupando a quinta posição no ranking histórico. Embora seja uma redução em relação ao recorde de 2022/2023, quando foram plantados 2,355 milhões de hectares, o número ainda demonstra a relevância da cultura no estado.

Essa leve retração está associada ao custo de produção e às incertezas climáticas que influenciam a janela de plantio. Em termos de produção, o desempenho foi surpreendente. Mato Grosso do Sul alcançou 13,933 milhões de toneladas, a segunda maior produção da série histórica, ficando atrás apenas de 2022/2023, que registrou 14,220 milhões de toneladas. Esse resultado indica que, mesmo com uma área menor, houve um ganho significativo na eficiência produtiva, o que reforça a importância da tecnologia e do manejo adequado para maximizar resultados.

Quando analisamos a produtividade ao longo dos anos, percebe-se uma tendência oscilante, e não linear. Em 2012/2013, a produtividade era de 83,2 sacas por hectare, subindo para 96,2 em 2013/2014 e mantendo patamares próximos a 95 sacas até 2019/2020. No entanto, em 2020/2021 houve uma queda acentuada para 47,7 sacas por hectare, reflexo de problemas climáticos severos. A partir daí, a produtividade voltou a subir, chegando a 58,4 em 2015/2016, 70,1 em 2017/2018, e atingindo 93,4 em 2019/2020. Nos últimos anos, oscilou entre 67,1 em 2023/2024 e o recorde histórico de 108,4 sacas por hectare em 2024/2025.

Essa variação demonstra que, embora haja avanços tecnológicos e melhorias no manejo, a produtividade ainda é fortemente influenciada por fatores climáticos. Anos de seca ou geadas impactam diretamente os resultados, como ocorreu em 2020/2021. Por outro lado, quando as condições são favoráveis, como em 2022/2023 e 2024/2025, os produtores conseguem alcançar níveis recordes, evidenciando o potencial produtivo do estado.

Considerações finais

Do ponto de vista econômico, essa oscilação traz desafios para o planejamento. Em anos de alta produtividade e produção, como 2024/2025, há possibilidade de pressão sobre os preços internos, exigindo estratégias para escoamento da produção, principalmente via exportação. Já em anos de baixa, a rentabilidade do produtor é comprometida, reforçando a necessidade de seguros agrícolas e práticas de mitigação de riscos.

Em síntese, a análise histórica da 2ª safra de milho em Mato Grosso do Sul mostra um setor dinâmico, com forte dependência do clima e crescente adoção de tecnologia. O recorde de produtividade em 2024/2025 é um marco, mas não garante estabilidade futura. Para manter competitividade, será essencial investir em manejo sustentável, irrigação e políticas de apoio ao produtor, garantindo que o estado continue como referência nacional na produção de milho 2ª safra.

As informações deste levantamento foram obtidas através de entrevistas com produtores rurais que acolheram as equipes de campo e forneceram dados em tempo real. Contatos também foram estabelecidos com empresas de assistência técnica, representantes sindicais e organizações privadas nos principais municípios produtores. A metodologia utilizada para o levantamento de produtividade conta com a certificação da Fundação MS.

Durante as pesquisas, foram coletados dados sobre produtividade, estágios de desenvolvimento das culturas, influências climáticas, datas de plantio e colheita, entre outras informações que enriquecem o banco de dados do SIGA-MS. Esses dados são valiosos para produtores, acadêmicos, pesquisadores e todos os interessados na cultura do milho 2ª safra.

O Projeto SIGA-MS se aprimora a cada safra, consolidando-se como uma fonte confiável de dados e informações, servindo como base para estudos realizados por diversas instituições. A qualidade do projeto respalda sua continuidade ano após ano. A APROSOJA/MS expressa sua gratidão a todos que colaboram e compartilham informações, fundamentais para o avanço da agricultura em Mato Grosso do Sul.

DIRETORIA FAMASUL - 2025/2029

Marcelo Bertoni

Presidente

Mauricio Koji Saito

Vice-presidente

Frederico Borges Stella

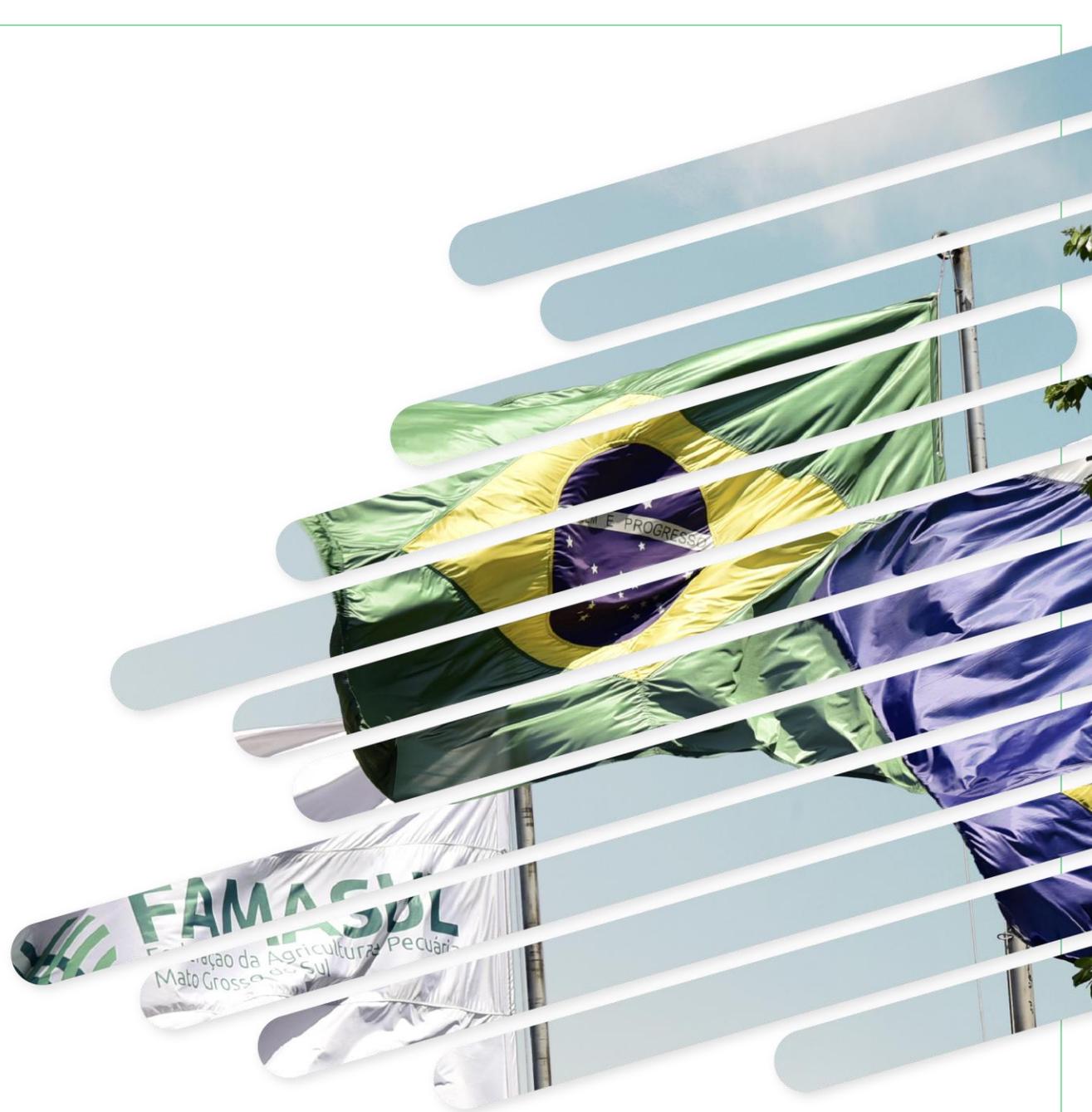
1º Tesoureiro

Fábio Olegário Caminha

1º Secretário

Lucas Galvan

Superintendente do Senar - AR/MS



APROSOJA/MS - 2024/2026

Diretoria Executiva

Jorge Michelc

Diretor presidente

Andre Figueiredo Dobashi

Diretor vice-presidente

Paulo Renato Stefanello

Diretor administrativo

Pompilio Rocha Silva

2º Diretor administrativo

Fábio Olegário Caminha

Diretor financeiro

Malena de Jesus Oliveira May

2º Diretora financeira

Diretores Regionais

Lucio Damália

Geraldo Loeff

Eduardo Introvini

Diogo Peixoto da Luz

Conselho Fiscal

Luciano Muzzi Mendes

Sérgio Luiz Marcon

Thaís C. Faleiros Zenatti

Luis Alberto Moraes Novaes

Gervásio Kamitani

Fábio Carvalho Macedo

Conselho Consultivo

Almir Dalpasquale

Christiano Bortolotto

Juliano Schmaedecke

Mauricio Koji Saito

Assessoria Executiva

Crislaine Oliveira

Analista de Comunicação

Joélen Cavinatto

Sinuelo Agro Comunicação

Kelson Ventura

Assessor Administrativo

Raissa Santana

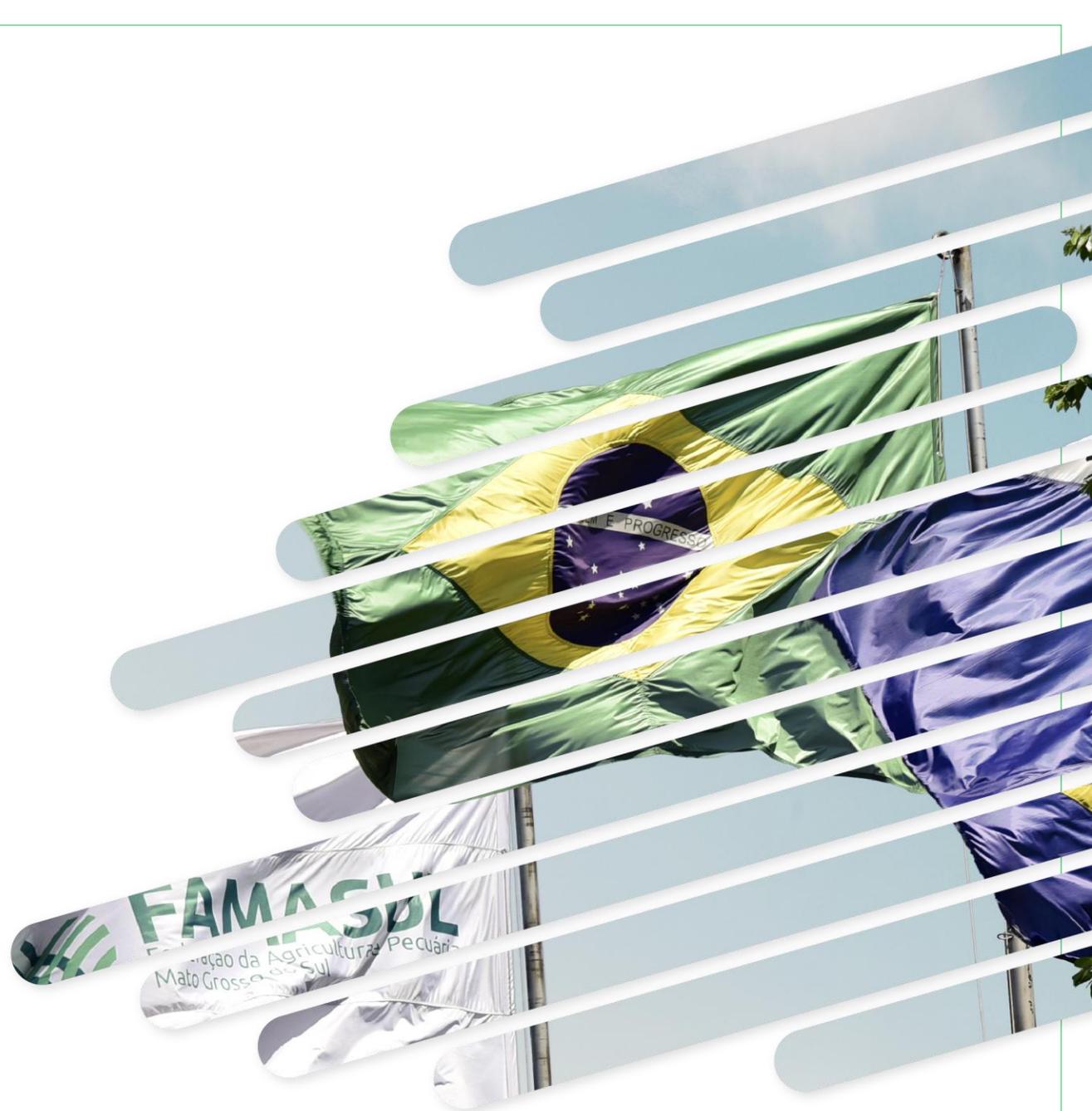
Assis. Administrativo

Tauan Almeida

Gerente Institucional

Teresinha Rohr

Coord. Finan. e Contábil



EXPEDIENTE

Tamiris Azoia de Souza

Coordenadora Técnica

Tamiris.souza@senarms.org.br

Dany Correa do Espírito Santo

Coordenador de Campo

coordcampo@aprosojams.org.br

Flávio Augusto Faedo Aguenta

Assistente técnico

tecnico@aprosojams.org.br

Gabriel Balta dos Reis

Coordenador Técnico

coordtecnico@aprosojams.org.br

Jean Carlos da Silva Américo

Analista Técnico

jean.americo@famasul.com.br

Lucas da Silva Almeida

Assistente técnico

tecnico1@aprosojams.org.br

Lenon Henrique Lovera

Consultor Técnico

Lenon.lovera@famasul.com.br

Mateus Meaurio Fernandes

Analista de Economia

economia@aprosojams.org.br

Valesca Rodriguez Fernandes

Coordenadora do CEMTEC/MS

vfernandes@semagro.ms.gov.br

Vinicius Banda Sperling

Meteorologista | CEMTEC/MS

vsperling@semagro.ms.gov.br

Equipe de Campo

Adriana Jara

Aldinei Corrêa

Alexandre Soares

Diego Batistela

Geizibel Gomes

Jaqueline Alves

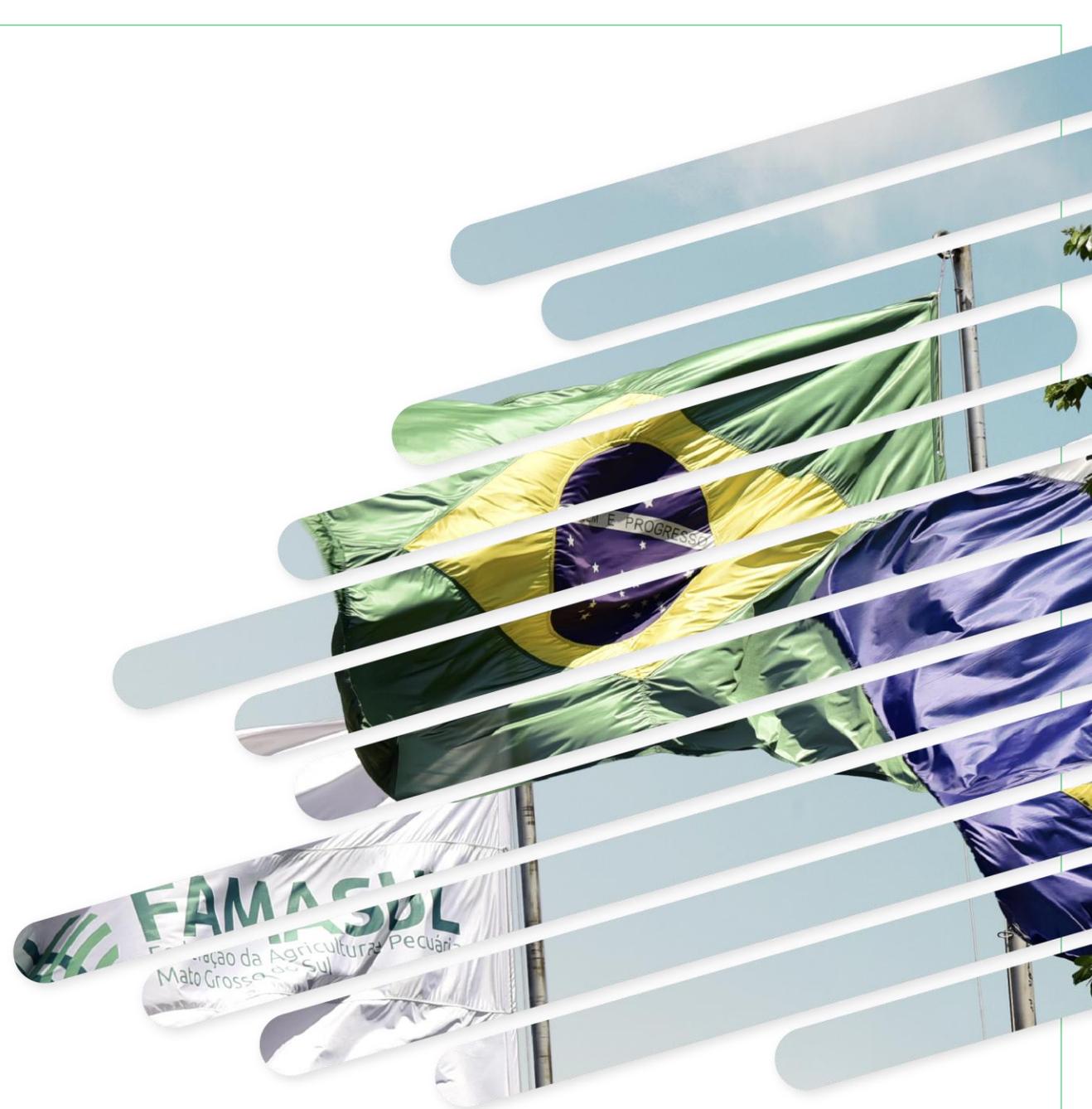
José Alberto Santos

Patrícia Vilela

Wesley Vieira

Luan Aparecido

Davi Sacamota



Realização:



SEMADESC
Secretaria de Estado
de Meio Ambiente,
Desenvolvimento, Ciência,
Tecnologia e Inovação



Parceiros:



R. Marcino dos Santos, 401. Bairro Chácara Cachoeira II - Campo Grande - MS
(67) 3320-9750 ou (67) 3320-9724

portal.sistemafamasul.com.br
senarms.org.br

